

MEMÓRIA

DA IMPRENSA

Edição nº 6 | dezembro 2024 | www.abi-bahia.org.br



Associação
Bahiana de
Imprensa

Decifra-me ou te devoro O enigma da IA para o jornalismo



ARTIGOS | Gabriela de Paula, Lucas Reis, Pyr Marcondes e Suzana Barbosa

ENTREVISTAS | Clementino Heitor de Carvalho, José Raimundo,
Margarida Neide, Paulo Roberto Sampaio e Perfilino Neto

ENSAIO | 3M: Milton Mendes, Manoel Porto e Manu Dias

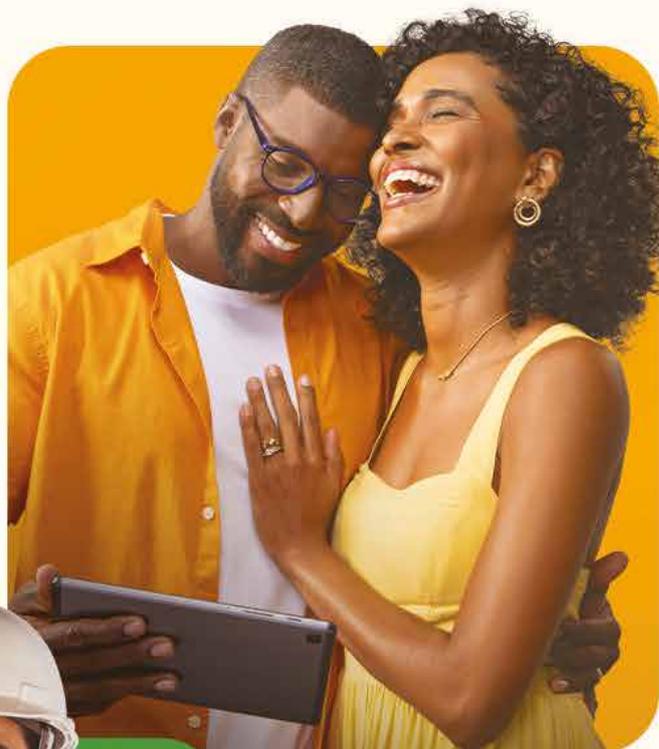
HOMENAGEM | José Carlos Teixeira

Onde tem Neoenergia Coelba, tem mais compromisso.

A nossa energia impulsionou o desenvolvimento da Bahia em 2024.

+ R\$ 3 bilhões investidos*.

+ 9 novas subestações.



+ 1,1 milhão de baianos beneficiados.



+ 10,5 mil km de rede.

+ 300 mil novas ligações.

E em 2025 nosso compromisso é continuar trabalhando e investindo em obras e na ampliação da rede elétrica para levar a nossa energia.



Energia para fazer cada vez mais.

neoenergia.com/maisenergia

*Valor previsto para o fechamento do ano 2024.

Palavra do Presidente

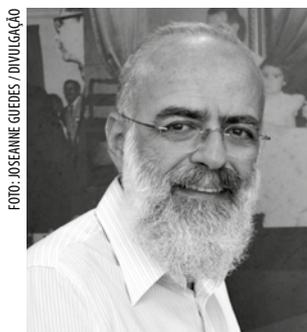


FOTO: JOSEANNE GUEDES / DIVULGAÇÃO

Ernesto Marques
Presidente da Associação
Bahiana de Imprensa

Meu mundo já tinha dado 32 voltas em torno do Sol quando vimos, numa mesma página de calendário: ano, década, século e milênio velhos. A minha estreia, portanto, coincidiu com a estreia de “2001”, clássico do cinema de ficção atualíssimo por filosofar sobre a relação com a tecnologia neste planeta já profundamente mexido pela ação humana.

Entre Tempos Modernos (1936), de Chaplin, e o filme de Stanley Kubrick escrito a 4 mãos com Arthur C. Clarke, outros 32 anos. Neste breve intervalo, a II Guerra Mundial, Guerra Fria, lutas por independência na África, conflitos na Ásia e no Oriente Médio. Impossível negar o impulso permanente ao desenvolvimento científico, motivado pelo demasiadamente humano desejo de ser capaz de matar - *si vis pacem para bellum*.

A internet é o mais conhecido e usado invento saído dos laboratórios militares. Ganhou um bálsamo edificante ao passar pelas universidades, conectando instituições, pesquisas e cientistas de todo o mundo. Até se tornar o meio sobre o qual se estrutura o que estudiosos conceituam como “capitalismo de vigilância” - plataforma sobre a qual se desenvolve, sem freios, a economia da atenção.

O mundo mudou nos 32 anos entre o cinema mudo de Chaplin e o clássico de Kubrick/Clarke, que filosofa sobre o dilema da relação com a “máquina” que pensa - logo, existe, com imagens até então nunca vistas no cinema, música clássica e poucos diálogos.

Mudou muito, e já um pouco mais rápido, nos 32 anos seguintes ao icônico ano de 1968. Abrindo um novo ciclo de 32, em 2001, uma equipe de cirurgiões de Nova York realizou uma profecia de Arthur C. Clarke de 1964, operando com sucesso, um paciente em Estrasburgo, na França.

E antes mesmo de encerrar este primeiro ciclo do Terceiro Milênio, uma empresa privada, até então pouco conhecida pelo gigantesco público

dependente da tecnologia de informação, lança o *ChatGPT*. Deflagrou-se a corrida por mais ferramentas de IA entre empresas desenvolvedoras de qualquer parte do planeta - e não só nas *big techs*.

Apenas 2 anos depois do lançamento da *Open AI*, decifrar este enigma se tornou uma imposição em qualquer área. Para nós, jornalistas, duplo desafio: técnico e ético. O primeiro, exige depor as armas da “tecnofobia”, desde há muito, atropelada pelo tempo. É questão de sobrevivência nos jogos vorazes do mercado.

Para nós, trabalhadores da notícia, mais importante e desafiador é o dilema ético. Decifrar o enigma não se resume ao manejo dócil e até servil, de tão acrítico, da ferramenta sedutora que encanta enquanto aprende a superar o usuário - inclusive no livre exercício do *cogito!* Hal, a IA que comandava a nave de “2001, Uma odisseia no espaço”, que o diga!

Não compete ao jornalismo impedir a confirmação da profecia apocalíptica de Sir Arthur C. Clarke, ao prever a superação da humanidade pelas máquinas. Mas jornalistas, individualmente, na solidão das estações de trabalho cada vez mais integradas aos seus próprios corpos, cada vez mais apartados pelo trabalho remoto, em nome da eficiência, sim. Jornalistas podem sobreviver e também podem escolher colaborar em outra direção.

Aprender a usar as ferramentas de IA é pouco para decifrar o enigma. Será sempre necessário transcender, ir além e sempre reconhecer o valor da experiência acumulada em nossa longa caminhada sobre a Terra. Exercitar a crítica, em permanente esforço meta-reflexivo, e estimular o público a fazê-lo.

Talvez seja coincidência tratarmos de tema tão apocalíptico na edição número 6... Mais uma razão para beber da fonte da experiência de 5 jornalistas brilhantes e abrir os olhos para as melhores promessas e piores ameaças que a IA nos apresenta.

Boa leitura!

Apresentação

FOTO: DIVULGAÇÃO



Biaggio Talento
Editor

Houve um tempo em que qualquer nova tecnologia era confundida com feitiçaria ou originária do sobrenatural. Quando a locomotiva com motor a vapor surgiu, na Turquia, o povo achava que a geringonça funcionava com a prisão de um diabo novo numa grande caixa de fogo montada sobre rodas. Os sofrimentos horríveis infligidos ao pobre-diabo faziam-no dar grandes pernadas na caixa e vinha daí o movimento da máquina. Por compaixão e para suavizar um pouco a sua tortura, colocava-se, de vez em quando, um pouco de água fria na máquina, o que fazia surgir o vapor na chaminé. O temor do progresso tecnológico do futuro da Humanidade encontrou eco em várias obras de ficção, como no filme *O Exterminador do Futuro*, que conta a história da empresa Skynet, movida pela autogestão das máquinas, desenvolvida pela inteligência artificial, pai de um androide poderoso com a missão de eliminar a raça humana.

Teme-se agora, no Jornalismo, essa nova geração de Inteligência Artificial (IA), uma ferramenta capaz, dizem alguns, não só de auxiliar o jornalista, mas até substituí-lo no processo de produção da notícia. Repórteres e editores já convivem com a ajuda de IAs há décadas, por exemplo, desde o advento da internet, oráculo que esclarece certas dúvidas de forma rápida, eventualmente surgidas nas matérias que estão redigindo. A paginação dos jornais evoluiu muito, graças às facilidades criadas com os novos sistemas de editoração eletrônica, que passaram a ser usados a partir da década de 1990, substituindo a diagramação manual.

Nesse sentido de apoio ao trabalho da mídia, antes da internet e da editoração eletrônica, a “inteligência artificial” das redações era o Dicionário da Língua Portuguesa, cujo mais popular, o Aurélio, recebeu o apelido carinhoso de “pai dos burros”. Nas suas páginas, era possível confirmar a forma correta de escrever certas palavras. Mas a discussão sobre a IA dos dias de hoje está aberta e a Revista da ABI recorreu a quatro especialistas para explicar o impacto da nova ferramenta no Jornalismo. Fala-se muito dos malefícios da tecnologia, mas, recentemente, tivemos um exemplo positivo do seu uso. Nos trágicos eventos ocorridos durante a última eleição na Venezuela, algumas emissoras de TV

criaram, através da IA, dois apresentadores para os noticiários que divulgavam as fraudes eleitorais supostamente ocorridas no pleito presidencial. O objetivo foi preservar os profissionais reais da violência dos agentes de repressão de Nicolás Maduro.

Do tempo do “pai dos burros”, nosso projeto co-lheu para esta 6ª edição, os depoimentos de mais cinco veteranos da mídia baiana, profissionais que fizeram história em jornais, emissoras de televisão e rádio: Clementino Heitor de Carvalho, José Raimundo, Margarida Neide, Paulo Roberto Sampaio e Perfilino Neto.

Homenagens também marcam a presente edição. No ensaio **3M**, um passeio nos registros históricos das lutas pela redemocratização do Brasil, na Bahia, que teve no repórter fotográfico Milton Mendes, nosso conhecido Miltinho, um ícone. Ex-militante de um dos grupos armados que combateram a ditadura, levou sua sensibilidade de humanista para as páginas dos jornais. Em dupla com o amigo e seguidor Manoel Porto, ele acompanhou a pulsação social da abertura política nas ruas, assim como foi testemunha dos fatos o terceiro elemento desse time genial: Manu Dias. 3M, três mestres.

Outro nome que fez história no Jornalismo, José Carlos Teixeira, amigo que nos deixou prematuramente no auge de sua produção de jornalista e de escritor, foi um dos dignos representantes da geração de profissionais que solidificou a presença das sucursais de jornais e revista do Rio e São Paulo na Bahia. Culto, com uma inteligência singular. Tinha uma memória aguçada, que o fazia abrir mão de gravadores nas entrevistas, confiando nos rabiscos do seu bloquinho de anotações e no que sua mente captara das fontes. Teixeira vai fazer falta, deixou uma lacuna difícil de preencher. Só resta aos amigos e admiradores lembrar a qualidade dos seus textos, as conversas bem-humoradas e a ironia ferina de uma alma inquieta, mas contida no modo de se expressar, que desarmava dogmas e ideologias com argumentos. Teixeira, assim como Jorge Ramos, (outra partida recente), integrava a confraria de amigos que se reunia às terças para discutir o dia a dia do Jornalismo. Que os dois estejam a comemorar o reencontro na misteriosa dimensão que a vida e a eternidade nos reserva.

Sumário

EXPEDIENTE

Conselho Editorial da ABI

Ernesto Marques, Jaciara Santos, Luis Guilherme Pontes Tavares e Florivaldo Mattos
Coordenação de Comunicação: Joseanne Guedes
Coordenação Editorial: Ernesto Marques e Jaciara Santos
Estagiário de Jornalismo: Caio Valente
Editor: Biaggio Talento
Projeto Gráfico: Editora Bamboo
Revisão: Guido Guilherme Krieger e Raulino Júnior
Impressão: Grasp

Tiragem: 1.000 exemplares
Distribuição Gratuita
Contato: ascom@abi-bahia.org.br

MEMÓRIA DA IMPRENSA é uma revista histórica da Associação Bahiana de Imprensa que apresenta depoimentos de decanos da comunicação no estado e suas contribuições para o desenvolvimento da mídia nos últimos 70 anos, revelando as peculiaridades e momentos marcantes da atividade jornalística ao longo do tempo. As opiniões, dados, fatos e conceitos expressos nas entrevistas e artigos são de responsabilidade exclusiva de entrevistados e articulistas e, necessariamente, não expressam a posição da revista e da Associação Bahiana de Imprensa.

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Antônio Walter dos Santos Pinheiro
Vice-Presidente: Sérgio Augusto Soares Mattos
Secretária: Heloisa Sampaio
Suplentes:
Wilson Midlej
Raimundo Vieira

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Ernesto Marques
1º vice-presidente: Luis Guilherme Pontes Tavares
2º vice-presidente: Suely Temporal
1ª secretária: Amália Casal
Diretor de Finanças: Antônio Matos
Vice-diretora de Finanças: Sara Barnuevo
Diretora de Defesa DI/DH: Mara Santana
Diretor de Cultura: Nelson Cadena
Diretor Social: Nelson José de Carvalho
Diretor de Patrimônio: Raimundo Marinho
Diretora de Comunicação: Jaciara Santos
Suplente: Luiz Fernando Lima

CONSELHO CONSULTIVO

Titulares:
Suzana Alice Pereira
Joaci Góes
Emiliano José
Suplentes:
Jolivaldo Freitas
Luiz Nova

CONSELHO FISCAL

Titulares:
Simone Ribeiro
Pedro Daltro
Romário Costa Gomes
Suplentes:
Valter Xéu
Valber Carvalho

CONTATOS

Assessoria de Comunicação:
☎ 71.98791-7988 - ascom@abi-bahia.org.br
Secretaria:
☎ 71.98426-1460 - secretaria@abi-bahia.org.br
Administrativo:
71.98425-9463 - administrativo@abi-bahia.org.br

ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE IMPRENSA

Rua Guedes de Brito, nº 01, Edif. Ranulfo Oliveira,
2º andar, Centro Histórico de Salvador - Bahia
CEP 40.020-260



Entrevistas

Clementino Heitor de Carvalho	6
José Raimundo	14
Margarida Neide	22
Paulo Roberto Sampaio.....	30
Perfilino Neto	40

Ensaio Fotográfico

3M - Miltinho, Manoel e Manu.....	48
-----------------------------------	----

Artigos

Quem está no comando? Jornalismo nos tempos de IA.....	58
<i>Gabriela de Paula</i>	
Sobreviver e Prosperar: Oportunidades da IA para o Jornalismo.	59
<i>Lucas Reis</i>	
Haverá Jornalismo 4.0 ou não haverá Jornalismo nenhum	60
<i>Pyr Marcondes</i>	
Inteligência Artificial e Jornalismo – Inovação e desafios em um contexto de plataformização	62
<i>Suzana Barbosa</i>	

Homenagem

Teixeira: o rico legado de um jornalista genial.....	64
<i>João Pedro Pitombo</i>	
A falta que um amigo nos faz.....	66
<i>Zé de Jesus Barreto, Pedro Formigli, Paolo Marconi, Carlos Navarro, Adilson Borges, Lenilde Pacheco</i>	

Entrevistas



FOTO: CAIO VALENTE

Clementino Heitor de Carvalho, sertanejo do município de Pedro Alexandre, completou 90 anos de vida neste ano de 2024. Redator requintado, produziu entre 1958 e 1960 inúmeras matérias sobre os problemas do Nordeste, principalmente as mazelas causadas pelas secas constantes da região, situação que conhecia como ninguém. Nos anos 1960, foi trabalhar no Diário de Notícias de Salvador, jornal adquirido em 1943 pelo empresário Assis Chateaubriand, que o incorporou ao grupo de comunicação Diários Associados.

De repórter da editoria de Geral, Clementino chegou, em pouco tempo, ao posto de secretário de redação e acompanhou a decadência do jornal até o seu fechamento em 1979, quando o antigo grupo de Chateaubriand na Bahia foi adquirido pelo empresário Pedro Irujo, que se interessou em manter apenas a TV Itapoan e a Rádio Sociedade. Neste depoimento à ABI, Clementino relembra os tempos em que os jornais tinham grande influência na vida das cidades. Participaram da entrevista Valber Carvalho, Luis Guilherme Tavares e Valter Lessa.

Uma das *desvantagens* da *má remuneração* dos jornalistas é exatamente a *dificuldade* de ser *independente*’

Onde nasceu e quando veio para Salvador.

Nasci num lugar chamado Lagoa de Serra Negra; depois, quando passou a distrito, virou Voturuna. E, quando passou a município, se chamou Pedro Alexandre, que é o nome do meu avô e o nome do meu pai. Certo dia, estava num local com pessoas sendo entrevistadas. Fiz uma intervenção que chamou a atenção e comentaram com o meu pai. A partir daí, ele achou que eu deveria estudar fora e me levou para Aracaju, em 1943. Fiz lá o primário e depois o exame de admissão para o ginásio no Atheneu Sergipense. Fiquei em Aracaju durante uns 13 anos, mais ou menos. De lá, fui para o Rio, entrei na União Nacional dos Estudantes e vim para Salvador, onde estou até hoje. Queria fazer Direito em São Paulo, não em Aracaju. Aí pensei, entrei no curso de Letras Latinas, para, formado, custear meus estudos na Faculdade de Direito de São Paulo. Mas fiquei só no curso de Letras mesmo. Comecei a trabalhar em jornal e até hoje a atividade que eu exerci profissionalmente foi no jornalismo.

Você tinha aquela vontade de aprender de jovem do interior.

Em todo lugar onde morei, o meu segundo endereço era uma biblioteca. Em Aracaju, era considerado quase um funcionário, porque todo dia, pequeninho, já frequentava a biblioteca pública. Não tinha li-

vro em casa. Quando saía, estava no colégio ou na biblioteca. E isso ajudou muito na minha formação. Um dos primeiros autores que me chamaram a atenção foi Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões*. Depois passei para Machado de Assis e tal, e por aí vai, né?

Os Sertões tinha muito a ver com sua infância?

Sim, nasci no sertão em 1934 e, em 32, havia ocorrido a “grande seca”. Então, a minha infância foi ouvindo falar muito sobre seca, que foi o tema predileto das minhas reportagens. Sempre foi sobre o problema de falta de chuvas no sertão.

Em janeiro de 1960, você foi a Jeremoabo, para uma especial sobre a seca pelo Jornal da Bahia.

O tema dominante na minha vida de jornalista e na minha vida pessoal é o problema da seca. Até porque meu pai era fazendeiro e então senti na pele as consequências, os prejuízos, o sofrimento que representava a falta de chuva. Foi uma coisa que fazia parte do meu dia a dia e até hoje é um assunto que realmente está presente no meu espírito, na minha mente, no meu ser.

Você chegou a montar cavalo? Usava aquele jaleco de couro?

Não, nunca fui um bom montador, mas durante muito tempo só saía de Pedro Alexandre a cavalo. Por exemplo, quando ia a Aracaju, viajava a cavalo

até um lugar chamado Carira, em Sergipe, e lá pegava a marinete [antigo veículo motorizado de transporte coletivo] e viajava até um lugar chamado Frei Paulo. Lá, dormia na casa de uma tia minha e, no dia seguinte, pegava o ônibus para Aracaju.

Depois que cursou Letras em Aracaju, foi primeiro para o Rio, antes de seguir o plano de cursar Direito em São Paulo. Mas acabou ficando no Rio.

É que, no Rio de Janeiro, entrei na UNE, na política estudantil, e isso me desviou um pouco dos meus planos iniciais. Então, terminei não me formando em Direito.

Então, desde o tempo da escola, você já tinha interesse por política? Como começou isso?

Fui muito precoce nisso, porque no interior já veio a vontade. Havia um tio meu chamado João Maria, que era o chefe [político]. Eu, menino, já me pus contra ele e a minha entrada na política foi assim. Não era político de ter um partido, mas era contra o *status quo*, então sempre fui uma pessoa insatisfeita com aquela situação predominante no interior.

Sendo de uma das famílias mais importantes, viu as diferenças sociais no Nordeste.

Era quase a família única de lá, a família Carvalho. Mas não compactuava, eu era insatisfeito com essa situação de pobreza de uma parte e riqueza de outra. Riqueza relativa, que ninguém era rico propriamente, era apenas rico comparado com os pobres do lugar.

A partir daí se tornou uma pessoa de esquerda?

Eu era considerado... “comunista,” porque, naquela época, a pessoa que pensasse um pouco diferente, fosse um pouco progressista, vamos dizer assim, já era tida como comunista. E comunista, naquela época, década de 1940, não era bem-visto.

Quando foi para o Rio, já era um líder estudantil em Sergipe?

Fui para o Rio de Janeiro em função da política estudantil de Sergipe, tanto que fui morar na sede da UNE, na Praia do Flamengo. Lá na UNE era da diretoria da entidade. Acredito que tenha ficado uns três anos no Rio. De lá, já vim para Salvador, porque era um lugar maior do que Aracaju.

Mas você veio por intuição própria ou você veio designado pela própria política estudantil?

Salvador foi uma tendência de quem era do interior do estado, cuja destinação natural era ir para a capital.

E como é que você foi parar no jornalismo?

Aproveitando aqui a presença do meu amigo Valter Lessa, ele está me lembrando da fase em que eu, rapazote, fui criador e redator do jornalzinho Folha Sertaneja.



FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

E como foi parar no jornalismo da grande imprensa? Porque, em setembro de 1958, nasceu o Jornal da Bahia, que era a grande novidade da época.

Fiquei pouco tempo no Jornal da Bahia. Saí porque não estava satisfeito, tanto que chamei o Milton Caires de Brito, diretor comercial, e disse: “A partir de amanhã, não quero trabalhar mais nessa empresa.” E, simultaneamente, fui chamado para trabalhar no Diário de Notícias, onde fiquei durante muito tempo. Fui chefe de reportagem e chefe de redação no Diário.

No Jornal da Bahia escrevia o quê?

Fui repórter de Geral. Na época, o jornalista que trabalhava lá e que era meio escritor era o Ariovaldo Matos. João Batista de Lima e Silva era o redator-chefe. Uma pessoa que sempre admirei.

Lá na sua região, de Pedro Alexandre, se falava muito de Lampião?

Na minha infância, havia dois assuntos recorrentes: a seca e o cangaceirismo. Tenho uma ligeira lembrança de quando Lampião esteve em Pedro Alexandre. Sempre fui contra, desde menino, a violência caracterizada pela atividade do banditismo, fruto do que eu ouvia falar sobre os cangaceiros.

Muita gente romanceia o cangaço, mas quem vivia naquela cidade vivia sob temor, não é?

É porque o cangaceirismo, como tudo, para muita gente que vivia fora da região, chegou a ser caracterizado até como se fosse uma insatisfação de ordem social, mas, na verdade, o cangaço era um banditismo sertanejo, vamos dizer assim, não tinha nenhum idealismo, nenhuma visão social, era violência pela violência.

Alimentado pela falta de telégrafo, de estrada. Não havia como coibir.

No sertão, a pessoa ou era coronel [chefe político] ou era bandido, vamos dizer assim. O coronel era um sujeito que era bandido; porém, como era coronel, podia fazer as violências dele, mas era aquilo como

▲ Reunião de editores do Diário de Notícias nos anos 1960. Clementino, olhando para a câmera, está ao lado do colega Neomar Cidade (de óculos escuros).



auditório
**SAMUEL
CELESTINO**



Associação
Bahiana de
Imprensa

**TRAGA SEU EVENTO PARA O
CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR.**

Um espaço multiuso, climatizado, ideal para encontros corporativos e atividades culturais.



Fotos: Paula Fróes

Quem passa por aqui se encanta com essa vista!

FAÇA A SUA RESERVA

(71) 9 8426-1460 | secretaria@abi-bahia.org.br



Salvador, Edifício Ranulfo Oliveira, Rua Guedes de Brito, 1 - Praça da Sé

se fosse uma coisa permitida, vamos dizer assim. E o povão, que não era obediente à lei, que era meio fora da lei, esse era o bandido.

Vamos voltar ao jornalismo. Você foi para o Jornal da Bahia, não se sentiu bem lá e chegou a hora em que você pediu para sair.

Vamos dizer assim, eu não me dava bem com o João Carlos Teixeira Gomes. Não foi uma pessoa com quem me afinei. Então, não encontrei um ambiente favorável. Fiquei lá uns dois anos e de lá fui chamado para trabalhar no Diário de Notícias, onde cheguei à função de chefe de redação.

Quanto tempo demorou no Diário Notícias para que você se tornasse um chefe de reportagem?

Foi uma coisa relativamente rápida, acredito que foi depois de uns dois anos, no máximo.

Confere. Tenho um jornal aqui de 1963 dizendo que você é secretário de redação.

É, chamava-se secretário de redação. O Diário de Notícias era um jornal considerado mais para o governo do que para a oposição. Fazia parte das emissoras dos Diários Associados, que era de Assis Chateaubriand. Como jornalista, eu seguia, no essencial, a orientação da empresa. Porque, se não fosse assim, não podia trabalhar no Diário. Eu tinha de fazer uma certa ginástica para não ser rigorosamente acomodado, mas também não podia ser incomodado, não podia incomodar a direção.

Vou ler aqui um trecho para ver se você conhece: “Após um sol inclemente que brilhou implacável no céu quase limpo de nuvens, sem chuva durante mais de oito meses, trovoadas fizeram correr água em grande parte do nordeste baiano (...) Voturuna, antiga Serra Negra, e que aparece vez por outra nas manchetes de jornal como vila rebelde povoada de jagunços. Distrito privilegiado, dispendo de largas facilidades para a agricultura e para a pecuária, habitado por uma população ordeira e trabalhadora, tem como únicos sinais de existência do que se chama governo, umas bancas de cimento construídas pela Prefeitura para o talho de carneiro, mercado semelhante a uma cobertura de estábulo.”

Sim, fui eu. Meu curso superior foi de Letras Neolatinas, e sempre fui um leitor de bons autores, de forma que me considero uma pessoa que aprendeu a escrever. E, na medida do possível, caprichando na escrita. Então, como jornalista, procurei ter uma redação bem cuidada.

Qual a diferença entre o Jornal da Bahia e o Diário de Notícias?

O Jornal da Bahia tinha, sim, o renome. Não tinha um renome maior no quesito da qualidade do jornalismo, surgiu como novidade, mas o Diário de Notícias era dos Diários Associados e era o jornal de uma

Eu não me dava bem com o João Carlos Teixeira Gomes. Não foi uma pessoa com quem me afinei. Então, não encontrei um ambiente favorável [no Jornal da Bahia].

empresa mais antiga. O Jornal da Bahia surgiu para inovar, embora depois tenha se acomodado.

O Diário de Notícias era uma porta aberta para Jorge Amado, Wilson Lins, para muitos grandes autores...

Sim, por causa da figura de Odorico Tavares [diretor do jornal]. Um intelectual que tinha boa ligação com a intelectualidade, inclusive amigo das pessoas que eram literatos na época.

Quem você destaca da redação do Diário de Notícias? Quem lhe enchia os olhos pelo texto, pela qualidade como repórter?

Para ser franco, não estou lembrado de pessoa que tenha chamado muito a atenção, não.

Mas você tinha bons fotógrafos, não tinha?

Sim. Por exemplo, José Cavalcante. Além de jornalista fotográfico, um grande amigo.

A partir de novembro de 1960, é inaugurada a TV Itapoan, em Salvador, dos Diários Associados, grupo que era uma verdadeira potência, pois tinha jornais, a Rádio Sociedade. Havia interação entre os diferentes veículos?

Não havia um entrosamento muito acentuado de colaboração mútua, de redação, essa coisa toda. Cada um no seu quadrado. A redação do Diário de Notícias, matutino, era no prédio da Rua Carlos Gomes, onde funcionava também o Estado da Bahia, jornal vespertino. Os horários eram diferentes, mas a sede era no mesmo prédio onde estava o parque gráfico que imprimia os dois.

Lembra qual era a tiragem do Diário de Notícias naquela época?

Eu não acompanhava essa parte. Sei que a tiragem do Diário de Notícias era mais expressiva do que O Estado da Bahia que tinha uma tiragem quase simbólica.

A política baiana interferia? Qual a relação do jornal com personagens, como os governadores Lomanto Júnior, Antônio Balbino?

A partir de Lomanto, posso dizer que era uma relação cordial, afinada, vamos dizer assim. O Lomanto tinha uma boa cobertura dos [Diários] Associados. Com relação a Balbino e a Juracy Magalhães, não foi no meu tempo.

Você viveu talvez o último grande momento dos Diários Associados, aí começa uma lenta e definitiva queda. Queria que você falasse sobre esse momento em que a redação vai se esvaziando, o dinheiro vai sumindo... E você vai sentindo a degradação dos Diários Associados.

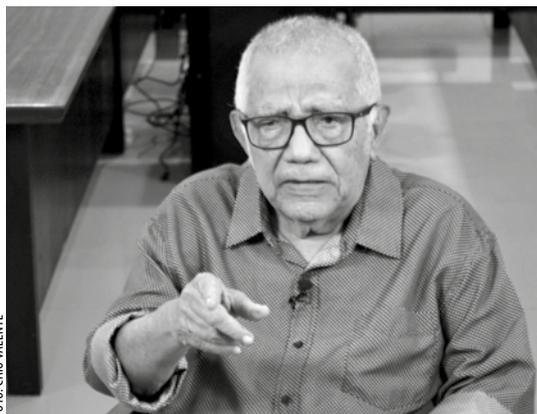
Como era uma empresa nacional, a situação no país era, digamos assim, extensiva aos estados. Então, no caso da Bahia, era uma situação melhor, mas que naturalmente refletiu os problemas que estavam afetando a empresa como um todo. Então, da mesma maneira que se beneficiou da fase boa, se prejudicou com a fase ruim.

O que significava ser jornalista na década de 60?

O jornalista era tido como uma pessoa importante. No meu caso, cheguei, inclusive, a entrar na política, fui vereador, por ter me tornado conhecido como jornalista. Mas os Associados, nesse ponto, ficavam atrás do [jornal] A Tarde, porque A Tarde tinha mais repercussão social. Era um jornal de mais tradição.

Ser jornalista tinha status.

Os jornalistas tinham facilidade de arranjar uma colocação no serviço público, aquela coisa toda e tal. Como os salários eram baixos, geralmente o jornalista ficava dependente de um emprego, de uma situação que compensasse isso. E isso era um ponto negativo, na medida em que a pessoa ocupava um cargo, por exemplo, na administração pública, fosse como fosse, federal, estadual ou municipal, ela ficava com um vínculo de subordinação inegável. De forma que uma das desvantagens da má remuneração dos jornalistas é exatamente a dificuldade de ser independente.



Não convivi, pelo menos, com um jornalista que eu considerasse desonesto ou corrupto. Quer dizer, não posso dizer que todo mundo era santo, mas não me recordo de um jornalista que eu pudesse dizer que era uma pessoa ativamente desonesta.

Lembro que no governo de João Goulart, jornalista tinha facilidade para comprar casa, facilidade em passagem aérea, muitos nem pagavam a passagem aérea. Havia uma série de vantagens na compra de carro, de tudo. Você acha que essas facilidades que eram oferecidas aos jornalistas influíam na condução do conteúdo das reportagens em relação ao governo?

Bem, naturalmente... digo que sim e digo que não. Havia aqueles que se acomodavam e aqueles que não se acomodavam.

Acomodavam-se com o quê?

De uns que se beneficiavam e, digamos assim, retribuíram essa benesse com a cobertura mais camarada.

Clementino, você conheceu jornalistas desonestos?

Não convivi, pelo menos, com um jornalista que eu considerasse desonesto ou corrupto. Quer dizer, não posso dizer que todo mundo era santo, mas não me recordo de um jornalista que eu pudesse dizer que era uma pessoa ativamente desonesta.

Até quando você fica no Diário de Notícias?

Entrei nos Associados no início dos anos 60. E fiquei até o final dos Associados. Não tenho presente na minha memória a data precisa. Sei o seguinte, que, com o fim dos Associados, terminou o meu exercício ativo de jornalista.

Como foi esse final?

La diminuindo a tiragem, a circulação e tal. E, aliás, isso coincidiu com uma certa decadência do jornalismo como um todo, porque o jornalismo teve a sua fase e, naturalmente, à medida que a televisão foi se afirmando, por exemplo, os jornais impressos foram recuando em termos de circulação e, portanto, de importância e de influência. Está chegando o momento em que vou fazer um retrospecto do jornalismo e como me insiro nessa realidade. É uma coisa que tenho adiado, mas vai chegar a hora em que vou me debruçar sobre o início do declínio do jornalismo na Bahia. Porque o jornalismo impresso era uma coisa quando não existia a televisão. A televisão assumiu o primeiro lugar do jornalismo e passou a ser o setor predominante do que se convencionou chamar jornalismo.

Não tem vontade, ainda como um desejo crepuscular, de ditar o livro de memórias para algum personagem da sua família ou jornalista escrever, deixando esse legado?

Tenho como plano de vida escrever um livro. Não necessariamente terá a parte biográfica, porque vou falar sobre mim também, mas a minha visão do mundo e a visão, sobretudo, daquilo que eu acho que deva ser o caminho para o nosso país.

Você acha, Clementino, como um homem que veio do sertão, que a não resolução desse problema do Nordeste e do nordestino é um exemplo claro de que o Brasil não cumpriu a sua missão de ser um país grande?

O Brasil, como qualquer outro país, tem as suas regiões privilegiadas, não foge à regra portanto. Agora, o sertão tem sido a grande vítima da falta de uma política de atendimento efetivo para a solução dos seus problemas. Por exemplo, só se lembram da seca quando ela chega; quando começa a chover, ninguém lembra mais que um dia vai voltar a falta de chuva e vão voltar os problemas. É uma coisa que quanto mais o tempo passa, menos se tem consciência de que esse é um problema que não pode ficar sem solução. O político talvez tenha imaginado que, se resolvesse os problemas, ele não teria mais o que fazer. Então, quanto mais difícil a situação, mais ele pode fazer pequenas obras, coisas que lhe rendam votos. E se a situação estivesse positiva, ele talvez não soubesse atuar. Existem vários políticos com essa falta de consciência, vamos dizer assim. Quanto pior a situação econômica das regiões, mais chance ele tem de influenciar, porque se torna uma peça que, aparentemente, é a “solução” do problema.

Quando você se candidatou a vereador?

Quando chegou o momento e achei que estava na hora porque já vi o horizonte do jornal chegando a uma fase de final, então seria uma sobrevida da minha parte.

Por qual partido?

Arena.

Não é contraditório você sempre ter uma atuação mais à esquerda se candidatar a vereador pela Arena?

Porque na época era a única chance que havia, em função da ligação com pessoas ligadas à Arena. Mas eu não era um arenista. A Arena foi apenas uma legenda. Nunca morri de amores pela Arena, não.

Dos seus colegas de vereança, quem você destacaria, como que o marcaram na política?

Eu lhe confesso que nenhum. Na política, no âmbito municipal, me dei muito bem e tinha uma boa relação com o Clériston Andrade. Na Câmara de Vereadores, não tive uma ligação mais estreita com nenhum dos vereadores. Clériston foi uma pessoa que



O jornalismo, no que diz respeito ao Nordeste, regrediu. Hoje se fala menos e com mais superficialidade sobre a região Nordeste.

me considerava muito. Sou vivo por causa de uma lealdade com Clériston Andrade, porque era amigo dele, mas adotei umas posições que não agradaram a Antonio Carlos [Magalhães]. Eu conheci ACM antes de Clériston. Mas aí Antonio Carlos era muito exigente e me indispus com ele. Então, em função disso, não quis criar problema para Clériston para não o constranger. Isso me salvou, porque certamente eu estaria naquele helicóptero em que ele morreu.

Você fez política ao longo da sua vida enquanto jornalista?

A atividade política foi uma decorrência do jornalismo e não o contrário. Eu trabalhava em jornal que tinha a sua posição e que quase sempre não era a minha. Então, eu não podia usar o jornal como um instrumento para manifestar a minha opinião propriamente dita. Eu tinha de divulgar os fatos objetivamente.

Dê um depoimento do legado, que muitos não conhecem, de sua atuação como homem de imprensa para a melhoria do seu estado, da sua região e do Nordeste como um todo.

Primeiro lamentar que, no decorrer de tantos anos, a realidade nordestina seja ainda carente de uma solução, pelo menos proposta, que até agora ainda não vi, partindo de um político, de um pensador, de ninguém, uma solução que me convencesse. Acho que o Nordeste é uma realidade ainda pouco conhecida e muito mal estudada. Então, o que tenho a desejar é que apareça um horizonte que não seja num futuro distante.

Você acha que o jornalismo piorou ou melhorou do seu tempo para cá?

O jornalismo, no que diz respeito ao Nordeste, regrediu. Hoje se fala menos e com mais superficialidade sobre a região Nordeste. Agora, no conjunto dos problemas mundiais e brasileiros, houve progresso na interpretação e no exame da realidade.

Quando o Diário de Notícias fechou, você fez o que da vida?

Depois de sair do Diário, passei um tempo a serviço do jornal A Tarde. Primeiro, na capital, e depois correspondente do jornal em Paulo Afonso. Em paralelo, criei uma publicação chamada Integração para falar sobre os problemas da região de Paulo Afonso.

Clementino Heitor de Carvalho, valeu a pena ser jornalista?

Em termos de jornalismo, considero que consegui fazer alguma coisa. Mas estou com firme propósito de aproveitar esses anos que me restam de vida para contribuir com sugestões e alguma forma de atuação concreta em favor do Nordeste, para tranquilizar a minha consciência, embora me considere gratificado por ter tido oportunidades de fazer alguma coisa a serviço da minha região.

Você se considera um homem realizado?

Considero que fiz o que estava ao meu alcance.

Ao longo da sua vida, qual foi a sua maior motivação?

Pensei muito em me realizar literariamente. Mas o tempo foi passando e essa ambição foi esmorecendo e hoje ainda persisto com alguma vontade para ver se consigo escrever ainda alguma coisa que mereça publicação. Vou contar uma coisa interessante, porque até hoje tenho raiva de uma escritã. No interior, existe uma história de dizer que quem tem quatro nomes é ladrão de cavalo. Então o meu nome era para ser Clementino Heitor Costa Carvalho. A moça do registro, para me livrar dessa pecha de ser chamado de ladrão de cavalo, cortou o Costa, que é da família da minha mãe. Então, em vez de ser Clementino Heitor Costa Carvalho, ela, por conta própria, me registrou como Clementino Heitor de Carvalho. E eu, até hoje, não lhe perdoo por ela ter cortado o nome da família da minha mãe. ■

ABI
94
anos

Edifício Ranulfo Oliveira

Ícone da arquitetura modernista no predominantemente barroco Centro Histórico de Salvador, o Edifício Ranulfo Oliveira, sede da Associação Bahiana de Imprensa, foi construído graças à obstinação do então presidente da ABI que deu nome à edificação e ao engajamento de toda a sociedade baiana.

A ABI investiu quase R\$ 1 milhão para modernizar as instalações elétricas e hidráulicas e para instalar sistemas de combate a incêndio e de proteção contra descargas atmosféricas. A segurança em primeiro lugar!

Até o centenário da ABI, em 2030, a modernização chegará às fachadas, incorporando tecnologias sustentáveis para recompô-las. O Ranulfo Oliveira vai chegar aos 70 com um corpinho de 30.



Associação
Bahiana de
Imprensa

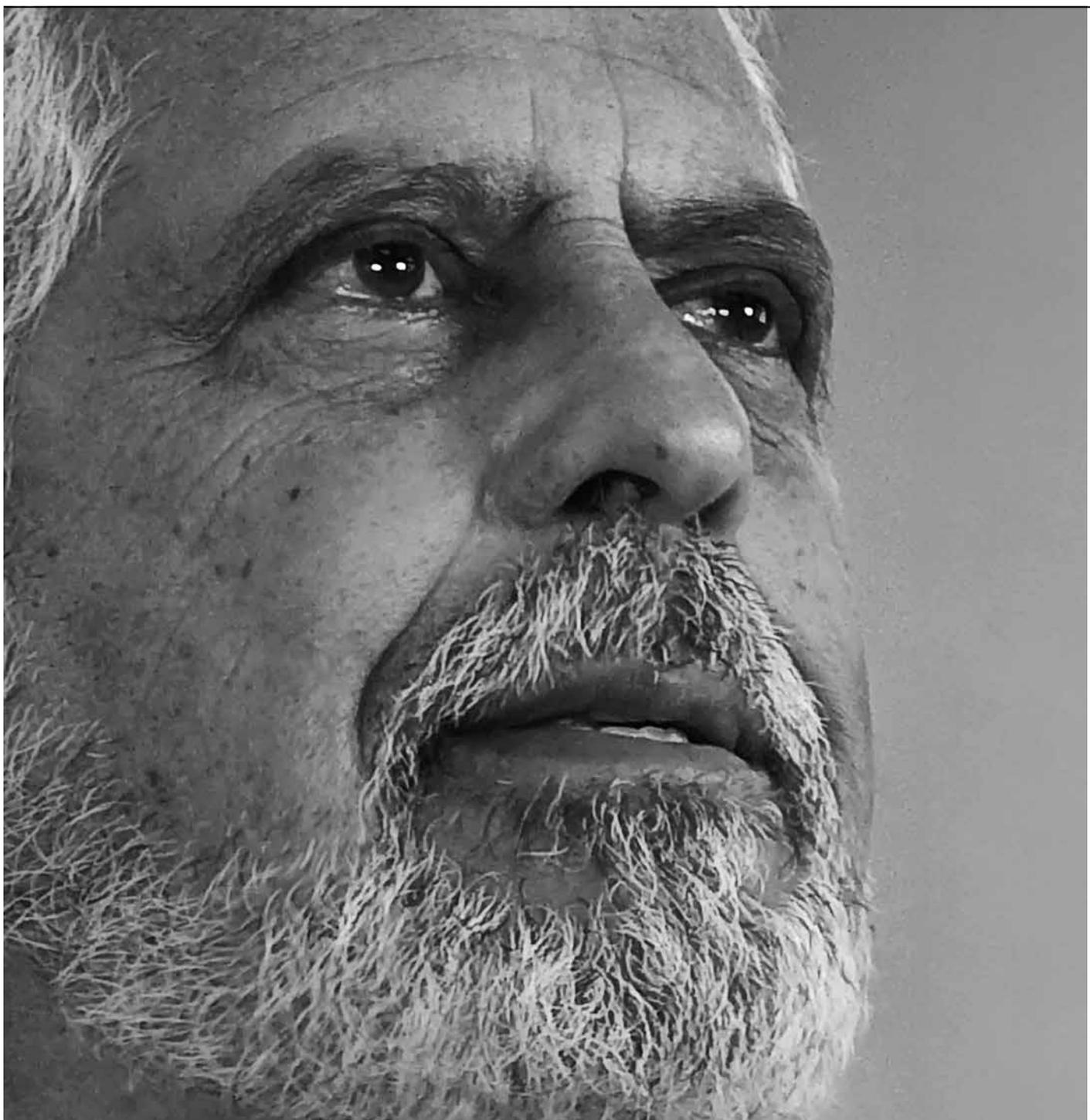


FOTO: ERNESTO MARQUES

O ajudante da oficina de carpintaria do pai, em Riachão do Jacuípe, José Raimundo Carneiro de Oliveira, passou a ser conhecido simplesmente como Zé Raimundo, o repórter da Globo que se tornou um amigo, quase parente dos milhões de telespectadores que acompanharam suas reportagens emocionantes, contando histórias, principalmente do interior do Brasil, durante quatro décadas. Sua paixão na infância foi o rádio, quando, do carro de som emprestado por um propagandista da cidade,

transmitia os jogos do campeonato de futebol amador em Riachão. Estando já em Salvador e trabalhando na Rádio Sociedade da Bahia, foi desafiado a substituir um jornalista de TV que adoeceu. Apesar dos temores iniciais, começou a aparecer na frente da câmera de TV e, ao longo do tempo, se tornou uma referência do jornalismo televisivo, chegando à condição de um dos repórteres de rede mais importantes da Globo. Ele conta suas histórias nesta conversa com Valber Carvalho, Jolivaldo Freitas e Ernesto Marques.

O repórter é um *contador de histórias.* E as histórias *mais interessantes* que contei estavam *no interior*’

Sua origem é o sertão?

Nasci na roça, em 29 de setembro de 1955, na Fazenda Raspador, Riachão do Jacuípe, que era de meus avós e onde vivia a maior parte de meus tios. Sou jornalista, mas não passei por nenhuma faculdade de Jornalismo. Fui beneficiado pela lei editada na década de 70 que regularizava a profissão para muita gente que exercia o jornalismo no Brasil. A fazenda de meu pai ficava a 10 quilômetros da sede de Riachão. Fiquei lá até os 8 anos, depois comecei a frequentar a escola formal da cidade. Não havia nenhum sinal de que eu enveredaria pela área da comunicação, do jornalismo. Isso foi despertado já na cidade, trabalhando com meu pai, que era carpinteiro. Estudava de manhã e no outro turno ajudava nos trabalhos, lixava os móveis, envernizava, além de tirar todo o bagaço de madeira que o trabalho dele produzia. Meu pai me dava uma madeira inferior e eu fazia cabides de roupa para vender na feira da cidade, no sábado. Era a minha fonte de renda.

Isso em Riachão?

Em Riachão. A família se mudou para a sede por muita insistência de minha mãe. Naquela época não havia ensino fundamental, a sequência era: primário, ginásio, segundo grau. As pessoas começaram a comentar

que eu tinha uma voz boa para o rádio e o rádio começou a ser uma perseguição minha. Gostava muito de falar ao microfone, mas não fazia aquilo profissionalmente, fazia instintivamente. Até o dia em que inventei de criar uma resenha esportiva no serviço de alto-falante da cidade. Todos os finais de semana, a gente fazia esse programa. Havia o campeonato com os times do interior do município. Comecei a narrar os jogos no serviço de alto-falante que havia numa [Ford] Rural de um senhor que fazia propaganda volante, divulgando as lojas do comércio. Nos finais de semana, ele cedia a Rural. Então eu ia para o estádio com meus irmãos, narrava os jogos. No intervalo, os jogadores corriam para a Rural a fim de me dar entrevista. E, no fim do dia, havia a grande resenha, no estúdio da rádio alto-falante, A Voz Jacuipense, do meu amigo que já não está aqui entre nós, Plínio Enódio. Fui amadurecendo a ideia de ser locutor.

Você tinha algum ídolo?

Dois: Waldir Amaral, da Rádio Globo, e Jorge Cury, da Rádio Tupi. Eram os dois ídolos da narração do futebol. Nessa época do alto-falante, eu tinha mais ou menos 14, 15 anos. Aí, fui para Feira de Santana fazer o curso científico no colégio municipal. Meu tio Albertino era padre e morei na casa paroquial.

Qual a influência do rádio na sua região do sertão?

Lá não havia rádio. Só havia em Feira de Santana e Serrinha. Em Feira de Santana, meu tio padre tinha uma ONG que existe até hoje, MOC— Movimento de Organização Comunitária. O MOC tinha um programa na Rádio Sociedade de Feira e, como ele ficou sabendo que eu tinha uma voz legal, me convidou para apresentar o programa dos trabalhos do MOC. Um belo dia, um dos diretores da rádio me convidou para ser noticiário da Rádio Sociedade de Feira. Porra, para mim aquilo foi a glória. Mas eu só tinha um horário da noite em que podia dar essa contribuição. Porque trabalhava num escritório de material eletrodoméstico e estudava à noite no colégio municipal. As aulas iam até às 22, 22h30. Eu chegava à rádio entre 22h30 e 23 horas, já encontrava o primeiro noticiário escrito. Então só fazia ler. Precisava escrever os outros e o último também deixava gravado. Saía entre meia-noite e meia e 1 hora da madrugada. E aí consolidei definitivamente a vontade de crescer nesta área.

Quando você veio para Salvador?

Em 77, mais ou menos, porque antes, em Feira de Santana, passei num concurso para o Banco do Estado da Bahia, o Baneb. Estava concluindo o curso científico quando fui chamado para trabalhar e me mandaram para Xique-Xique, onde fiquei quase dois anos e aí fui para Riachão, já como caixa também. De lá, transferido para Salvador. Por um pedido meu. Queria muito vir para Salvador para vencer na profissão. Não imaginava que fosse no rádio e na televisão, mas na vida profissional. Fiz o teste para locutor noticiário da Rádio Sociedade da Bahia e Fernando Rocha, diretor de jornalismo, disse assim: “Gostei do seu teste, você está aprovado, mas nós não temos a vaga. Fique passando aqui com alguma frequência que, em algum momento, surgindo a vaga, vai ser chamado.” Eu trabalhava na agência centro do Baneb e conheci Marco Aurélio, narrador de futebol que também trabalhava lá. Disse que tinha vontade de participar das narrações de futebol. Ele tinha um programa na rádio também que era o “Pé na Bola, Boca no Mundo”. Mandou conversar com Carmelito Almeida, para saber se poderia me aproveitar. Carmelito me deu a incumbência de ser radioescuta. Passei seis meses sendo radioescuta de transmissões esportivas de

Marco Aurélio. Minha função não era falar, era fornecer informações para Carmelito entrar no ar. Na sequência, um belo dia, estava na redação da Rádio Sociedade e Milton Colen entra na redação aflito porque não havia repórter para fazer as matérias da TV Itapoan. A TV já estava naquela crise severa em todos os setores. Pediu ajuda a Fernando Rocha: “Arranje-me um repórter porque o repórter da televisão ficou doente, não tenho ninguém para fazer material na rua.” Fernando disse: “Há esse rapaz”, e apontou para mim, “que fez um teste conosco e foi aprovado, mas não temos vaga. É a única alternativa.” Colen olhou para mim: “E aí, vai encarar?” Eu: “Rapaz, você é quem sabe, se você tiver coragem de arriscar...” Nunca tinha visto uma câmera na minha frente. A primeira vez foi nesse dia.

Quando foi isso?

Em 77, 78. Mas lembro da pauta: uma operação da Sunab, [antiga Superintendência Nacional do Abastecimento] que fechou uns quatro ou cinco açougues no Largo Dois de Julho. Saí acompanhando a equipe da Sunab, fazendo entrevista, gravando e tal. Na época não tinha texto, *off* nem passagem, só entrevista. Comecei assim.

O que sentiu nessa sua primeira experiência? Ficou nervoso?

Bastante. O microfone tremia na minha mão. Nunca tinha visto aquilo na minha vida. Nem sabia como funcionava uma câmera. Conhecia microfone porque era uma coisa mais familiar para mim. Mas câmera? E olha que era um trambolho. Como a TV [do grupo Diários Associados] estava em crise, as câmeras eram gigantes. Muitas vezes era preciso tirar a câmera do estúdio para fazer reportagem. No dia seguinte, foi ao ar a matéria dos açougues e o repórter ainda estava doente, ficou doente por mais uma semana e fui substituindo. Mas não tinha a menor ideia de como fazer para ser repórter de TV, porque o meu negócio era rádio. Nunca passou pela minha cabeça ser repórter de uma emissora de TV.

A gente sabe que, nessa época, ainda não havia VT. Como era ir para a rua, sem poder fazer montagem? Com uma câmera de cinema?

Na verdade, fui conhecer câmera com filme película na TV Aratu. Era uma coisa interessante porque a gente saía com 300 pés de filmes [equivalentes a 91,44 metros]

para fazer três matérias. Eram 100 pés de filmes para cada matéria. Trezentos pés significam 9 minutos. Então você não podia errar. Já havia a passagem do repórter, aquele momento da reportagem em que o repórter parece ter traçado os assuntos da matéria. E era uma vez só. Não existia esse negócio de repetir. Errou, ou corta a passagem, ou vai assim mesmo. E tinha de haver entrevista, o texto em *off*. Tudo tinha de caber naqueles 3 minutos e a matéria seguia para o laboratório onde o material era revelado com emulsão de fotografia.

Quantos minutos demorava para ficar pronto?

O jornal ia ao ar às 7 horas da noite. Se você chegava à televisão depois das 5, corria o risco sério de a matéria não ir ao ar. A edição era feita na tesoura, na giletezinha. Mas era um exercício muito bom de lidar com a objetividade do jornalismo na televisão. Você tinha 3 minutos para contar a história completa. Era um desafio e isso serviu de uma maneira muito importante na minha vida profissional, porque me ensinou muita coisa, principalmente como ser mais objetivo no meu trabalho.

Quando você saiu da TV Itapoan/Tupi para a Aratu?

Eu trabalhava de manhã como caixa do banco, das 7h30 às 13h30. Almoçava no guichê da agência. Então, chegava meio correndo. Já encontrava Ivan Pedro, chefe do jornalismo da Itapoan, no pátio da emissora, com um monte de pautas. Quando eu chegava, ele reclamava: “Poxa, jornalista, olha o horário”, e passava cinco ou seis pautas, das 14 às 17 horas. Era uma confusão. Até hoje, não consigo entender como dava conta daquilo, porque eram cinco, seis matérias por turno – uma coisa alucinante –, porque só havia eu de repórter. Quando Pedro Irujo comprou a Itapoan, a TV contratou outros. Havia carteira assinada, mas não se recebia salário no fim do mês. Se não fosse o Baneb para sustentar minha família, certamente não teria entrado e permanecido na televisão. O salário da TV era uma permuta com as lojas do comércio. Cansei de receber relógio, eletrodomésticos no valor do salário. Eu só, não, muita gente passou por esse momento na extinta Tupi, atual Itapoan. Um ano eu precisava sair de férias. E o diretor me disse que arranjasse quem me substituísse que ele liberaria. Estava de férias no Baneb, mas não da



Entre os editores, Letícia Muhana foi quem enxergou em mim potencial para ser repórter de rede, para ser credenciado para o Jornal Nacional, os telejornais da TV Globo, e ela me ajudou muito a compreender isso.

televisão. E me indicaram [a repórter] Lúcia Almeida, que topou me substituir durante um mês. E foi assim que ela começou. Quando voltei, ela tinha feito um trabalho excelente como repórter. E ficamos os dois trabalhando, já na TV Itapoan, adquirida por Irujo. Fiquei uns quatro anos lá. A minha ida para a Aratu, que era afiliada da Globo, foi por meio de Hermano Henning. Eu me encontrava muito com Hermano no dia a dia, cobrindo os assuntos. Um belo dia, ele me ligou dizendo: “Indiquei você para Zé Amilcar. Tem interesse em trabalhar na Aratu?” Respondi: “Claro!” Hermano: “Pois Zé Amilcar vai te ligar.” E me ligou. Lembro que Ivan Pedro ficou chateado comigo. Ele não tinha outro repórter com estrada como eu. Mas depois ficou tudo resolvido.

TV Aratu na época era o auge. Foi legal essa guinada?

A Aratu era uma emissora consolidada. Tinha um time muito forte. Além do Hermano Henning, tinha também Geórgia Reis, que já não está mais conosco, Luzia Rivera, que também já não está, Rose Vitaly. Um time muito bom, não só de repórteres, assim como de editores e produtores, tudo sob o comando de José Amilcar. Cheguei para reforçar a cobertura local. Entre os editores, Letícia Muhana foi quem enxergou em mim potencial para ser repórter de rede, para ser credenciado para o Jornal Nacional, os telejornais da TV Globo, e ela me ajudou muito a compreender isso, que era mais importante na reportagem. Devo muito a ela.

Era mais fácil naquela época emplacar uma matéria nacional?

O funil era muito mais apertado. Lembro que eu era um repórter local e aparecia em alguns jornais. O Jornal Hoje era mais flexível que o Jornal Nacional. O Jornal da Globo também. Mas o sonho de todo repórter de minha geração era entrar no Jornal Nacional. Então, houve um acidente ecológico no Rio São Francisco. Apareceram mortos cardumes e mais cardumes. Surubins de 50 quilos boiando na região de Juazeiro. Fui deslocado para fazer matéria naquele dia no Jornal Nacional, pois todos os repórteres estavam viajando. No primeiro dia, mostramos o acidente. No segundo, o JN quis estender a cobertura. E fiquei nessa ponte aérea Salvador – Petrolina [vizinha a Juazeiro] a semana inteira, até que consegui descobrir a causa do acidente.

Essa matéria abriu as portas.

Isso foi em 84, 85, mais ou menos. Passei por uma usina de cana, que era do irmão de Paulo César Farias [PC Farias, ex-tesoureiro de campanha do ex-presidente Fernando Collor], Carlos Gilberto. Depois de uma sequência de matérias, saindo às 5h a fim de pegar avião para Salvador para botar matéria no ar, passei por essa usina de álcool e chamou minha atenção uma faixa de terra nova, saindo da lagoa de vinhoto. Questionei o cara que me acompanhava, investigador não sei de qual órgão ambiental, e ele também achou estranho. Descemos do carro e fomos ver. A barragem de vinhoto rompeu exatamente naquela faixa de terra nova, dali o vinhoto escorreu para o riacho, esse riacho levou o veneno para o Rio São Francisco e matou os peixes. Ninguém tinha feito essa descoberta. Nem a polícia, nem as organizações ambientais. Foi, assim, “a cereja do bolo” que culminou no fechamento dessa história. E rolou processo para a empresa, suíte também que durou muito tempo. Carlos Gilberto me confirmou depois que consultou um advogado para saber as consequências de ele me

jogar no lago de vinhoto. Respondi: “Ainda bem que você desistiu, senão não estaria aqui conversando com você.” Essa cobertura acabou me credenciando para entrar no Jornal Nacional. Um diretor de telejornais comunitários da época, Voile Guimarães, ligou para Zé Amilcar: “A partir de hoje, José Raimundo pode entrar no Jornal Nacional.”

Mas se falava, aqui em Salvador, da dificuldade de competir. Como era essa política, esse ambiente dentro da TV Aratu? Nunca enfrentei nenhum tipo de competição entre meus colegas na TV Aratu. Era uma turma muito unida. Assim, no sentido de que nós todos vibrávamos quando o outro colocava uma matéria interessante no ar. Lembro que toda vez que colocava uma matéria no JN, Hermano vibrava, ele me ajudou muitas vezes a conduzir algumas matérias. Não existia competição. Posso dizer que sou uma pessoa privilegiada porque nunca vivi situações, pelo menos explícitas, de competição predatória no meu ambiente de trabalho.

Em 86, Waldir Pires se elege governador e, pouco depois, a Globo vai para a TV Bahia. Como foi o clima na época?

Foi um momento tenso. A TV Aratu era reconhecida como uma espécie de aliada da campanha de Waldir, não era fácil você transitar do outro lado. Os profissionais da Aratu eram vistos como pessoas de oposição e lembro de um debate entre Josaphat Marinho e Waldir nos estúdios da TV Aratu. Eu estava no corredor, passando, e ia entrando o Josaphat, candidato de ACM. Ele me perguntou: “Meu filho, como chego ao estúdio?” Mostrei a ele, que disse: “Nunca sei onde estou nessa casa de conspiradores.” E eu: “Calma, senador.” Quando a Aratu perdeu a concessão da Globo, e a programação da Globo foi para a TV Bahia, fui orientado a não aparecer na Aratu, que passou a transmitir a Manchete. [A então diretora-executiva da Central Globo de Jornalismo] Alice Maria ligou para mim e me orientou que, se eu quisesse continuar com eles, desse um jeito de não aparecer na TV Manchete. E assim fiz.

Que artimanha você usou?

Alice Maria me levou para São Paulo. Fiquei um tempo para decidir entre a programação da TV Aratu ou ir para a TV Bahia, que não tinha me convidado até então. Ou pedir demissão.



FOTO: ERNESTO MARQUES

Nunca enfrentei nenhum tipo de competição entre meus colegas na TV Aratu. Era uma turma muito unida. Assim, no sentido de que nós todos vibrávamos quando o outro colocava uma matéria interessante no ar.

E como foi este período de mudança da TV Aratu para a Globo?

Na verdade, foi tudo muito estranho. Ninguém gostou que a programação da TV Aratu passasse para a TV Bahia. Todos familiarizados com a empresa, com a emissora e, de repente, a gente percebeu que por uma interferência política a Aratu perdeu a concessão, embora tenha havido aquele imbróglio jurídico todo de contrato, de não sei o quê, a gente sabia que havia um componente político ali. Isso é inegável. Mas houve um mal-estar. Até por uma questão de solidariedade com a TV Aratu, ninguém queria que a emissora perdesse a programação. Em fevereiro de 87, ainda em São Paulo, fui contratado para trabalhar em Recife pela TV Globo. Passei quase três anos lá. Até ser convidado por Carlos Libório a voltar para a Bahia, em junho de 89, como repórter de rede que eles não tinham. O repórter de rede é aquele que entra no Jornal Nacional, Globo Repórter, telejornais de rede mais exigentes.

Em que momento você largou o Baneb e se dedicou só à televisão?

Quando fui para Recife, pedi demissão – depois de 12 anos como caixa – e me dediquei só ao jornalismo. Aliás, já fazia isso um pouco antes, na TV Aratu. Passei um período de licença do banco.

O que era trabalhar na TV Bahia, num período de campanha política, quando

ACM era candidato a governador? Existia interferência?

Não posso falar muito pela cobertura local, porque trabalhava pouco na reportagem local. Dedicava-me mais a produzir matérias para os telejornais de rede. Posso lhe dizer com muita clareza que nunca ninguém me pediu ou me proibiu de alguma coisa nesse sentido, nunca fui censurado, nunca sofri nenhum tipo de interferência política no meu trabalho como repórter da TV Bahia, sendo pautado pela Rede Globo.

Em algum momento você recebeu algum recado de ACM?

Não. Houve um episódio, quando ele era governador, que para mim foi marcante. Foi fazer um trabalho sobre mortalidade infantil no Nordeste para o Globo Repórter e uma parte dessa matéria foi feita na Bahia, na região de Monte Santo, povoado de Itapicuru. A Pastoral da Criança da Igreja Católica fez uma pesquisa constatando que, de cada 100 crianças que nasciam naquela comunidade, 50 morriam de desnutrição. Nós mostramos isso. E ainda com um agravante: o prefeito de Monte Santo, Ariston Andrade, era correliçãoário de ACM. Descobrimos durante a reportagem que havia um depósito [da prefeitura] que guardava comida para distribuição pelo interior e esse povoado não recebia nem um quilo de alimento porque Ariston tinha perdido a eleição lá. E isso indignou o Brasil inteiro. Resultado: essa reportagem

foi ao ar, editada no Rio por precaução mesmo, nem Libório sabia. Sei que, no dia seguinte, apareceu manchete na Tribuna: “Globo mostra fome na Bahia”. O governador ficou meio chateado e eu tinha até uma interlocução razoável com ele. Logo depois desse Globo Repórter, apareceu um pedido para entrevistá-lo. Ele disse que mandasse outro repórter, que não ia me receber. Passou algum tempo, outra demanda, o Jornal Nacional pedindo uma entrevista com o governador. “Você ainda está em dívida comigo, mas vou recebê-lo.” Ele contou que ficou muito chateado com a reportagem sobre a fome na Bahia. “Mas governador, a realidade é aquela, infelizmente...”, disse-lhe eu. “Eu sei. Mas o momento foi muito inoportuno para aquela reportagem”, respondeu ACM.

E o episódio de 16 de maio de 2001, invasão do campus da UFBA, no Vale do Canela, no governo César Borges, em que você foi até hostilizado pelos estudantes?

Foi um terror. Lembro que no Vale do Canela chegou um momento em que fiquei acuado. Embora estivesse identificado, sem nenhuma responsabilidade por aquela coisa ali, as pessoas não queriam saber, os ânimos estavam muito alterados. E quem foi me salvar foi [o hoje presidente da ABI] Ernesto Marques naquela cobertura.

[Ernesto Marques] Eu estava como militante no meio da zorra toda, afastado da TV. Estava no viaduto, quando começou a pancadaria e houve a invasão da Faculdade de Direito e da Faculdade de Administração.

Apareceu um anjo que me ajudou a escapar porque as pessoas... estavam atirando pedras na direção do carro de reportagem. Ernesto Marques fez com que eu saísse daquela situação sem ser atingido, consegui escapar. Ele mostrou às pessoas que eu não tinha nada a ver com aquilo, que a briga deles não era com o profissional, não era com a equipe de reportagem. Mas lembro que aquilo acabou produzindo um mo-

mento muito estressante na redação porque a Globo não tinha essas imagens. E tudo quanto é emissora tinha as imagens do conflito e a TV Bahia não mandou. Então o diretor de jornalismo da Globo, Evandro Carlos de Andrade, chamou [Carlos] Schroeder, diretor-executivo e exigiu que aquela imagem fosse providenciada de alguma forma porque queriam mostrar no Jornal Nacional. E a Globo precisou recorrer à TV Bandeirantes. Na verdade, aquilo ali foi uma censura, ela não mandou porque aquela era uma imagem forte, na concepção da TV Bahia, para mostrar ao Brasil. A partir desse momento, houve um certo estremecimento na relação, pelo menos na área do jornalismo, da TV Bahia e da TV Globo.

[Jolivaldo Freitas] Na verdade quem mandou as imagens para a Globo foi o Sindicato dos Bancários.

Quanto tempo você tem de televisão? Fale um pouco sobre o Globo Repórter.

No geral, foram 43 anos de minha trajetória. E me considero um profissional privilegiado, porque participei de bons momentos da cobertura da televisão brasileira. Participei de Copa do Mundo, do Pan, fiz dezenas de reportagens investigativas das quais me orgulho. E uma das coisas que me deixaram gratificados em relação a esse tempo na TV foi trabalhar no Globo Repórter, que permanece sendo um sonho de todo repórter que chega à televisão, porque é um espaço em que se produzem as matérias, não só com qualidade, mas de forma mais aprofundada, em que você exercita mais o roteiro, a produção, a edição, a reportagem.

Qual foi o seu primeiro Globo Repórter, quem o convidou?

Participei diversas vezes do programa, fazendo reportagens de 5 minutos, até que, em 99, [a diretora] Sílvia Sayão me convidou para fazer o Rio São Francisco. Da nascente em São Roque de Minas, na Serra da Canastra, até a foz, entre Alagoas e Sergipe. Foi o meu primeiro Globo Repórter. A partir daí, não parei mais, sendo muito demandado pelas pautas do Globo Repórter, até porque me empenhava muito para fazer bem o trabalho. Se você me perguntar qual foi o programa de que mais gostei, teria dificuldade em falar, porque gostei de todos.

Em seu trajeto, há muito mais do interior que da capital.

Diria que 90% foram no interior. Sempre gostei de ouvir as pessoas. Acho que contar uma história é tão atraente que a gente muitas vezes não se dá conta do que está em nosso entorno. A gente tem de enxergar, ter os ouvidos muito atentos porque as coisas acontecem na nossa frente e a gente não pode seguir o roteiro que está previsto na pauta. Lembro que, no meu segundo Globo Repórter, a coisa que mais me

▼ Zé Raimundo, cercado por manifestantes durante a invasão da PM ao Campus da UFBA, no Vale do Canela, em 2001. Retirado do local por Ernesto Marques.



FOTO: WANDA EK COSTA

chamou a atenção em Curaçá foi um índio pancararé, seu Lino, que conheci num período de seca prolongada. Ele saía catando umbuzeiro no Raso da Catarina para arrancar a batata, para espremer aquela massa e matar a sede. E seu Lino era a pessoa mais feliz que já vi, embora tivesse essa dificuldade para comer e beber. Era de uma fortaleza, de uma presença espiritual, uma pessoa muito especial. E o gratificante dessas coisas que a gente fez na comunidade onde seu Lino vivia, na Baixa do Chico, no Raso da Catarina, é que depois que contamos a história dele, no ano seguinte, voltamos lá, porque a Fundação Nacional de Saúde viu a reportagem e perfurou um poço artesiano. Encontramos seu Lino tomando banho de mangueira. Esse é o prêmio que a gente recebe quando pode, por meio do trabalho, ajudar as pessoas. Acho que esse também é o papel dos jornalistas.

Você tinha duas pautas muito constantes no interior: a pauta ecológica e as denúncias de garimpo.

Fiz também outras histórias muito interessantes. Por exemplo, o encontro do último cangaceiro, Candieiro, com o cabo Panta, da volante, na gruta do Angico, onde o grupo de Lampião morreu. Fomos descobrir o último cangaceiro numa cidadezinha perto de Arco Verde, em Pernambuco. Candieiro se emocionava quando falava de Lampião. Para resumir a história, no fim de tudo descobrimos que, no encontro, os dois estavam armados, depois de tanto tempo. Cada um com uma peixeira na cintura, para qualquer eventualidade. O mais bonito nessa história é que eles acabaram se abraçando, se emocionaram, comemoraram o fato de estarem naquele lugar. Foi uma reportagem muito bonita no Fantástico. Está até na internet.

E a matéria sobre o garimpo de esmeraldas?

Uma vez, voltando de Juazeiro, encontrei uma pessoa em Senhor do Bonfim, que era o dono do maior garimpo de esmeralda da Serra de Carnaíba, na região de Campo Formoso. E eu tinha muita curiosidade em saber como funciona uma mina por dentro. Ele perguntou se eu teria coragem de descer na mina de esmeralda. Respondi que iria, se fosse convidado. Não sabia que descer numa mina de esmeralda é aquele perrengue. [O elevador] é um pneu de trator amarrado num cabo de aço e um cara com uma manivela manual vai fazendo você descer e subir. Só que ali você vai solto, se

segurando no pneu e daqui a pouco a coisa escurece. Sei que fui até 300 metros de profundidade. Mas o problema é quando você chega, pois os caras detonam dinamite lá embaixo. Usam uma proteçãozinha de madeira, como se fosse uma cabana, a uns 15 metros do local da explosão e tocam fogo lá na banana de dinamite, recuam e ficam lá embaixo. Rapaz, aquilo é uma coisa terrível, parece um terremoto. Porque treme tudo, a sensação é de que você vai ser esmagado, de que vai desmorronar tudo. Essa matéria foi feita para o Jornal Nacional, não para mostrar a coragem do repórter, mas a coragem dos caras que estão todo dia naquele lugar. Descendo de manhã, subindo para almoçar, depois voltando.

Qual foi a matéria em que você teve mais medo em sua trajetória?

Na Amazônia, sofri algumas ameaças, mas houve uma matéria para o Globo Natureza sobre desmatamento em que entrei numa serraria clandestina. O pátio estava carregado com madeira que não poderia estar ali. Entrei com o cinegrafista, com a câmera ligada, e fui procurar o dono da serraria. Quando ele percebeu, veio ao meu encontro. Eu disse: “Quería conversar com o senhor.” Ele respondeu: “Mas eu não quero conversar com você, não.” Saiu e pegou o revólver dizendo: “Desligue esse negócio agora, senão você não sai daqui vivo.” E naquela hora senti que ele estava com vontade mesmo. Foi em Anapu, no interior do Pará. Essas matérias investigativas, principalmente ligadas ao meio ambiente, sempre acabam desagradando às pessoas que cometem os crimes ambientais.

Alguma vez ligaram para a televisão ameaçando-o?

Já. Volta e meia, depois de uma reportagem dessas, denunciando principalmente crimes ambientais, chegava uma ligaçãozinha à redação da TV: “Rapaz, você está brincando com fogo? Não mexa com isso, não”. Ameaças veladas não, tipo “vou te matar, vou mandar te matar”.

O interior da sua infância na roça, volta com você na sua profissão. Como isso vem se refletindo na sua vida?

Nunca saí do interior. É a fonte onde sempre procurei matar a sede. E me sustentar como profissional, inclusive. Acontece muito [de] chegar a uma comunidade na zona rural e, conversando com alguém na varanda, de repente, aparece uma senhora

lá de dentro dizendo: “Eu só vim confirmar se era você, porque, lá do fogão, conheci sua voz.” Isso é uma coisa que gratifica muito, porque é uma questão de identificação. Grande parte de minha trajetória foi construída contando as histórias do interior. E o repórter nada mais é que um contador de histórias. E as histórias que mais gostei de contar estavam lá. O endereço era um só: no interior. Não estou dizendo que na capital não há boas histórias. Mas as melhores de todas que contei fui buscar no interior. Talvez esteja no meu sangue, no meu DNA.

Você já foi confundido com outra pessoa?

Interessante que as pessoas me confundiram muitas vezes, com [o repórter] Domingos Meirelles. Lembro-me de uma vez fazendo matéria sobre prostituição infantil, numa casa de prostituição em Juazeiro, fiquei disfarçado tentando ver algum indício, alguma garota que estivesse naquele ambiente. Consegui ver alguma coisa, o cinegrafista que estava comigo também, com a câmera escondida. Mas de repente me vi cercado por umas 8 ou 10 mulheres na mesa, todas elas me sugerindo pautas. De crimes de abusadores que passaram pela vida delas. Achando que eu era o Domingos Meirelles. Não adiantou dizer que era o Zé Raimundo, não consegui convencê-las.

Você é uma pessoa muito séria no trabalho, mas brincalhona entre os colegas. Lembra de alguma brincadeira que fez?

Certa feita fui fazer matéria com meu amigo, o cinegrafista Marcelo Xavier. Estávamos acompanhando uma operação da Polícia Federal numa ilha do Rio São Francisco, onde havia um plantio de maconha. A PF prendeu algumas pessoas. Eles começaram a arrancar a plantação de maconha para incinerar. Marcelo foi ajudar os policiais a arrancar os pés de maconha. E deixou a pochete no pé de uma árvore. Chamei o delegado e disse que ia fazer uma brincadeira. Enchi a pochete de cachinhos de maconha. Quando terminou tudo, o delegado me cutucou dizendo assim: “É agora.” E chamou Marcelo, perguntando: “Raimundo, esse rapaz é seu colega?” Respondi: “É da equipe.” E ele: “Posso ver essa pochete aí? O que é que tem aí dentro?” Aí ele abriu e viu que estava cheia de maconha. Marcelo começou a fazer cara de choro, olhou para mim, me detonando, me fuzilando. Então fiz de conta que não estava acontecendo nada: “Delegado, sinto muito, mas a lei existe, cumpra aí.” E o resto é história. ■

HÁ MAIS DE 20 ANOS CONECTAMOS VOCÊ ÀS MELHORES PAUTAS DO EMPREENDEDORISMO.

Desde 2002, a Agência Sebrae de Notícias é sua fonte confiável para o empreendedorismo em todo o país. Na Bahia, atuamos em todas as regiões, oferecendo conteúdos jornalísticos de qualidade para impulsionar negócios. Conte com a nossa credibilidade, responsabilidade e compromisso para se manter informado e empreender com sucesso.

Acompanhe a Agência Sebrae de Notícias Bahia no site:
ba.agenciasebrae.com.br

ASN AGÊNCIA
SEBRAE
DE NOTÍCIAS

SEBRAE



FOTO: CAIO VALENTE

Ela foi a primeira fotojornalista a cobrir futebol na Bahia, um campo restrito a homens. Margarida Neide Sousa aceitou o desafio quando começou a trabalhar no Jornal da Bahia, na década de 1980. Em pouco tempo, se impôs num ambiente machista, ganhou prêmios e uma exposição que se tornou lendária ao registrar o “Balé da Fonte”. Mas a consagração veio quando, numa partida do clássico Bahia x Vitória, o estádio ovacionou seu nome, porque ela voltava à Fonte Nova depois de uma cirurgia. Margarida trabalhou em várias editorias, mas, como “fotógrafa de movimento”, gosta mais de esportes, política e polícia devido à adrenalina. Tem uma fórmula simples para ser um bom fotógrafo: coragem e destemor para chegar próximo ao assunto a registrar. Repete, assim, o famoso conselho do fotógrafo de guerra Robert Capa: “Se uma foto não está boa, é porque você não está perto o suficiente.” E ela lutou várias “guerras” para chegar perto e conseguir a melhor foto. Depoimento a Valber Carvalho e Levi Vasconcelos.

O repórter fotográfico precisa ter *mu***ita** *co***ragem** e uma certa dose de *ca***ra** *de* *pa***u**'

Onde foi sua infância?

Nasci em Varzedo, que na época era distrito de Santo Antônio de Jesus. Minha família é de lá. Vim para Salvador muito pequena, nem lembro, acho que com 3, 4 anos. Sou a caçula de cinco irmãos, quatro homens. O mais velho, Antônio Válter, comprou uma máquina certa vez. Não era fotógrafo, mas gostava de fotografia. E isso influenciou muito o meu outro irmão, Nilton Sousa, que se tornou o grande mestre da fotografia. Ele resolveu fazer um laboratório para revelar filme em preto e branco na casa da família, bairro da Saúde, e praticamente cresci nesse laboratório. Era assistente dele. A coisa cresceu muito e ele precisava de uma estrutura maior e também a gente já estava querendo revelar filme colorido. Daí, ele fundou a Copimagem, na Avenida Joana Angélica.

Você também foi modelo quando trabalhava com Nilton?

Sim. Nessa época, ele fazia muita foto para publicidade. Fiz alguns comerciais e tal, mas entendi que gostava mesmo era de ficar atrás das câmeras. Daí surgiu uma oportunidade em 1982, no Correio da Bahia, para tirar as férias da repórter fotográfica Sônia Carmo. No primeiro dia, já me apaixonei pelo fotojornalismo, porque é uma coisa muito dinâmica e sempre brinquei que sou uma fotógrafa de movimento. Quando Sônia voltou, pensei que estava na hora de ir embora. Mas o editor me chamou: "A gente gostou muito do seu trabalho. Ficam as duas." E eu

tive a oportunidade de trabalhar, inclusive com ela, uma grande fotógrafa, minha amiga, e foi muito bom. Passei um tempo no Correio da Bahia e, uns dois anos depois, mais ou menos, fui para o Jornal da Bahia.

Como surgiu essa oportunidade de ir para o Correio se você era uma assistente de Nilton?

Esse convite surgiu porque eu comecei a fotografar também, muito. E havia um amigo meu, na época, que via minhas fotos e gostava muito, e ele achou que eu tinha um tino para fotojornalismo. Como ele conhecia o pessoal do Correio, acabou que me chamaram para ir lá fazer um teste. Nessa época, eu trabalhava com uma máquina Nikon. Eu fazia [pautas da editoria de] Geral, fazia tudo. O bom repórter fotográfico, na verdade, trabalha em todas as editorias. Só não fazia futebol, porque Esportes sempre foi uma editoria à parte no fotojornalismo, porque você precisa entender que futebol é uma coisa muito dinâmica, ainda mais naquela época, quando as máquinas não tinham sistemas autofoco de lente. Era tudo manual. Então, normalmente, já eram dois fotógrafos, no máximo, de cada jornal, que iam à Fonte Nova ou ao Barradão fazer fotos.

Sempre homem.

É, sempre homem.

Porque a editoria era toda de homem.

Não havia nenhuma menina naquela época fazendo

futebol. Sônia Carmo chegou a ir à Fonte Nova umas duas vezes, porque ela começou a aprender com o Hipólito, que era um grande fotógrafo do Correio. Só que não foi adiante.

Qual foi a primeira matéria que você fez no Correio?

A primeira pauta, imagine com quem? Com Antonio Carlos Magalhães, na época governador. Era o lançamento do livro do general Juracy Magalhães, no Shopping Iguatemi [atual Shopping da Bahia]. O chefe de reportagem me chama e diz: “Olha, essa pauta daqui é que vai definir se você fica ou não, porque isso aqui é o que a gente chama de IP.” Eu nem sabia o que era IP, que era Interesse do Patrão. Tremi nas bases. Antes dessa, tive de cumprir outra pauta e, quando me dirigi ao Iguatemi, estava tudo engarrafado. Então, já cheguei atrasada. E aí, qual era a foto que eles esperavam? ACM cumprimentando o general. Não conhecia nenhum dos fotógrafos que estavam lá e perguntei se ele já tinha cumprimentado o general. A galera olhou para mim e me disse: “Já cumprimentou, você perdeu a foto.” Poxa, acabou meu emprego aqui. Aí, eu exclamei: “Não, é agora ou nunca!” Saí assim, totalmente destemida, e disse: “Governador, boa noite, sou do Correio da Bahia e minha pauta era o senhor cumprimentando o general, eu cheguei atrasada porque estava muito engarrafado. Preciso dessa foto.” Ele, olhando para mim: “Volte para lá e se arme.” E eu: “Opa!” Ele se levantou, chegou lá, abraçou o general, levantou-o e se abraçaram. Inclusive, a melhor foto foi a minha, porque todo mundo fez com ele sentado. Fiz uma foto lindíssima. Foi capa do jornal do outro dia. Aquela situação me ensinou muito. Para ser fotojornalista, pensei, vou ter de ser, acima de tudo, cara de pau. Não tenho de ter medo de nada.

Como foi o episódio do velório de Clériston Andrade, candidato a governador que morreu no desastre aéreo?

Fui escolhida para cobrir. E o editor, acho que já confiava tanto em mim, me botou sozinha para fazer, porque normalmente numa cobertura dessa a gente usava dois, três fotógrafos. Primeiro, era na Assembleia; depois, no Palácio da Aclamação. Fiz a parte da Assembleia, desci correndo, entrei no carro do jornal e segui para o Aclamação. Só que a comitiva do governador tinha batedores e passava em tudo quanto é lugar, e a gente não. Quando chegamos à Rua Carlos Gomes, [o trânsito] estava completamente engarrafado. Saí do carro e disse ao motorista que me encontrasse no Palácio. Subi a Carlos Gomes toda, correndo com o equipamento, para conseguir chegar e as portas já estavam fechadas. Segurança segurando a porta e dizendo que ninguém entrava mais. Pedi: “Eu tenho de entrar, sou do Correio da Bahia, sou do jornal do governador!” E ele: “Aqui, ninguém entra.” Quando olhei para trás, vi que estava chegando o prefeito Manoel Castro. Segurei o braço dele e

disse: “Prefeito, preciso entrar com o senhor!” Ele olhou para mim assim, bateu no meu braço: “Solte o meu braço!” Respondi: “Não solto! Tenho de entrar, prefeito, só posso entrar com o senhor!” Na porta, aquele empurra-empurra. O segurança gritou: “É o prefeito! Abre! Abre!” O segurança olhou e perguntou: “Prefeito, e ela?” Aí exclamei: “Estou com o senhor, prefeito!” Ele olhou e confirmou: “Está comigo.” Aí ele abriu. Quando a gente entrou, havia uma multidão lá dentro e eu precisava chegar lá na frente para poder fazer a foto. Castro achou que eu ia largar o braço dele. Falei: “Prefeito, sinto muito, não vou largar seu braço...” Ele: “Larga meu braço!” E aí os seguranças abrindo [caminho] para ele e eu segurando no braço dele, fui até à frente.

Era um momento muito solene para ACM.

Havia uma senhora na minha frente. Peguei a câmera e botei em cima do ombro dela. Aí comecei a fotografar. De repente uma mãozinha batendo aqui do meu lado. “Minha filha, você entrar aqui agarrada com o meu braço tudo bem, mas fazer do ombro de minha mulher um tripé fica difícil, né?” Eu: “Ô prefeito, me perdoe!” Era a esposa do prefeito, e eu com a câmera em cima do ombro dela, entendeu?

Fez as fotos?

O Correio da Bahia vendeu essas fotos para todo mundo. A que saiu na Veja foi a foto de ACM deitado no caixão de Clériston. Essa foto foi a melhor de todas. E estava o Brasil inteiro lá, todos os fotógrafos. Aprendi que para você conseguir uma grande foto nesse momento, depende muito do seu ponto de vista. De onde você se coloca. Então, sempre estou brigando para ficar bem na frente. E peguei ACM deitado sobre o caixão de Clériston, chorando com a esposa de Clériston segurando as mãos dele. Na época, foi considerada a grande foto do dia. Esses primeiros dois anos no Correio foram muito significativos para mim. Consegui fazer umas pautas muito boas e foi muito legal. Aí eu fui para o Jornal da Bahia. O Jornal da Bahia, na época, dava o equipamento para você trabalhar. Quando peguei o equipamento, não acreditei. Era uma Nikon que não tinha fotômetro, não tinha nada, sabe? Você ia para a rua e, no Jornal da Bahia, era a gente que revelava o filme. Para mim, estava ótimo, porque eu cresci revelando filme. Mas o fato é que a máquina não tinha nem fotômetro [dispositivo que mede a luz da cena]. Passei um tempo no Jornal da Bahia, fotografando, mas aí o Correio me chamou de volta, dobrando meu salário. Fiquei no Correio mais um ano, até que Antônio Santos, editor do Jornal da Bahia, me chama de volta em 86: “Margarida, volte para cá, porque eu quero você fazendo futebol.”

Gaúcho.

Gaúcho era o apelido de Antônio Santos, o grande editor do Jornal da Bahia. Foi ele que inventou a Margarida Neide no futebol. Eu: “Antônio, não sei nada de



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL





▲ Cobertura da tragédia ocorrida em 2007, no jogo Bahia x Vila Nova, quando parte da arquibancada desabou matando torcedores.

Minha primeira exposição de futebol na Bahia, o “Balé da Fonte” (...), causou um pouco de ciúmeira na galera, sabe? A TV Globo, inclusive, deu nos seus jornais, e ganhei chamada de Léo Batista, imagina, no Rio, falando: “Fotógrafa na Bahia lança exposição de fotos de futebol.”

futebol.” Ele: “É um desafio, aceita ou não?” Aceitei e virei a primeira mulher setorizada fazendo futebol na Bahia. Primeiro dia, cheguei, toda meio sem graça, ao Fazendão. [antigo campo de treinos do Bahia] Olhei para o técnico Orlando Fantoni e disse: “Boa tarde, Titio Fantoni, sou Margarida Neide, do Jornal da Bahia, e a partir de hoje sou eu que faço futebol.” Ele olhou para mim assim, sabe, sem acreditar. Naquela época, antes de começar o treino, os jogadores ficavam sentados e a gente fazia aqueles bonecos, fotos de retratos. Comecei a fotografar e Fantoni fazendo piadinha comigo. Os jogadores começaram a dar risada. Olhei para ele e disse: “O senhor devia estar no picadeiro.” E Fantoni: “Como assim?” Continuei: “Se o senhor ficar fazendo todo mundo dar risada, o senhor tinha de estar no picadeiro. E outra coisa: o senhor aparece graças a isso aqui (mostrei a máquina). Mais respeito, por favor!” O Fazendão veio abaixo. Todos os jornalistas que estavam lá me apoiaram. Meu editor saiu com a matéria no outro dia com o título: “Titio Fantoni desrespeita repórter fotográfica.” Passei um tempo sem falar com ele. Aí, um belo dia, meu editor me liga: “Margarida, vai ha-

ver apresentação de um novo jogador no Bahia, corra para lá.” Quando cheguei, o treino já tinha começado. Na hora em que fui entrando, Fantoni me viu. Olhou para mim: “Você está linda, vamos fazer as pazes?” Aí eu respondi: “Vamos!” Ele me deu um abraço e, daí em diante, foi uma pessoa maravilhosa comigo. Aliás, ele não ia às rádios dar entrevista. Numa época, me chamaram para comentar o Bahia na Bandeirantes. Chamava Fantoni e ele fazia questão de ir. Em 86, eu só fazia futebol no Jornal da Bahia, mas aconteceu a morte da Mãe Menininha, e eu fiz a cobertura. Inclusive, fiz a imagem do trono dela vazio, que o Jornal da Bahia deu na página inteira. Foi uma foto muito significativa. E aí fotografei o Campeonato Brasileiro. Naquela época, era muito difícil fazer futebol porque o estádio era muito mal iluminado, a gente não tinha lentes luminosas, eram bem escuras. E você precisava ter muita “farinha no saco” para conseguir fazer futebol naquelas condições. Hoje, as câmeras têm sistema autofocus, o estádio é bem iluminado.

Esse campeonato rendeu uma exposição sua.

Minha primeira exposição de futebol na Bahia, que era o “Balé da Fonte”. Isso causou um pouco de ciúmeira na galera, sabe? A TV Globo, inclusive, deu nos seus jornais, e ganhei chamada de Léo Batista, imagina, no Rio, falando: “Fotógrafa na Bahia lança exposição de fotos de futebol.” Isso, para mim, foi superbacana. Daí eu consegui fazer uma foto também muito legal, com um dos futuros campeões brasileiros, que foi o Zé Carlos, eu peguei no exato momento em que a bola estava no rosto dele. Ele seria do time do Bahia, campeão brasileiro de 1988.

Uma foto premiada.

Essa foto me rendeu prêmio nacional e vários outros. Daí eu estava no Jornal da Bahia, fazendo muito sucesso como fotógrafa de futebol, e a Tribuna da Bahia me chama. Comecei a fazer futebol na Tribuna da Bahia, quando veio a Copa América. Só que, quando começou a Copa, tive um problema de saúde, pseudocisto no pâncreas, e precisei me afastar. Fiquei internada no hospital 43 dias. Mas foi tudo resolvido, fiz cirurgia. Quando voltei para casa, ia haver um BA-VI [Bahia x Vitória] e fui assistir. Lá aconteceu o que considero o maior prêmio da minha carreira. Fui quietinha, sem avisar nada a ninguém, sentei-me embaixo da tribuna de imprensa para assistir ao jogo. Antes de começar, um torcedor me viu e aí gritou: “Margarida, quando é que você vai voltar? Volte logo!” A Fonte Nova inteira levantou e todo mundo começou a me aplaudir. Comecei a chorar, fiquei superemocionada, porque as torcidas brincavam muito comigo quando eu entrava em campo, mas nunca imaginei que fosse tão querida. Aí todas as rádios começaram a falar que eu estava lá sentada e tal. Eu saí desse jogo com a alma lavada. Falei: “Meu Deus do céu!” Isso, para mim, foi o maior reconhecimento que tive durante esse período, sabe?

A gente, naquela época, ia à Fonte Nova e via personagens. Zé Bim, Lourinho, todo mundo invadindo o campo.

Lourinho era o torcedor-símbolo do Bahia. Ele, inclusive, fazia macumba, botava [“despachos”] na trave do Vitória. E o melhor de todos na época era Zé Bim, um repórter de televisão. Andava com um paletó azul-escuro, às vezes preto, com uma tarja [com o] escrito “Imprensa” e luvas brancas estilo Michael Jackson. Toda vez que havia qualquer coisa no jogo, ele invadia o campo e, conseqüentemente, nós, fotógrafos, seguíamos para fazer a foto. Lembro de uma foto do Lourinho querendo dar um banho de folha em Mirandinha do Palmeiras. Ele sendo expulso. E a gente sempre conseguia essas fotos maravilhosas.

Imagine um torcedor-símbolo sendo condtido pelos jogadores, porque ele está jogando macumba nos jogadores...

Lourinho, quando entrava no campo para botar macumba, normalmente se manifestava, “recebia” espírito. Descia com um prato de azeite, de galinha, de não sei o quê, e botava atrás das traves e tal. Com o tempo, isso foi sendo banido. Hoje em dia, a gente não pode nem pensar em entrar no campo. A gente fica normalmente atrás do gol e temos de ter um banquinho para podermos nos sentar ali e fazer as fotos. Não se pode mais ficar em pé no campo. Você não tem mais liberdade de andar no campo na hora em que está acontecendo a partida. Porque, naquela época, a gente andava o campo inteiro, entendeu? Estava cobrindo o lado do Bahia. Se não estivesse bom, eu saía, ia para o outro lado. Mas, naquela época, a gente tinha muita liberdade, era muito engraçado, sabe? Rendia ótimas fotos.

Como foi a greve dos jornalistas do final dos anos 80?

Aconteceu a greve dos jornalistas. E aí fiquei numa situação complicada porque eu tinha chegado à Tribuna com toda a moral do mundo para fazer futebol. Paulo Sampaio, grande editor, meu amigo, tinha me convidado para fazer futebol. Então, na greve, tinha de me posicionar. Fui falar com Paulo: “Agradeço muito você ter me convidado para a Tribuna, mas acontece que está rolando a greve dos jornalistas e você é o patrão, eu sou a empregada, então vou ficar do lado dos meus colegas.” Ele não me disse nada, olhou para mim, deu risada, fechei a porta da sala dele e virei diretora social da greve.



Lourinho, quando entrava no campo para botar macumba, normalmente se manifestava, “recebia” espírito. Descia com um prato de azeite, de galinha, de não sei o quê, e botava atrás das traves.

Era a greve só da Tribuna?

Não. Tribuna, Jornal da Bahia e Correio. Os três jornais em greve. Principalmente o Jornal da Bahia e a Tribuna. Daí, como diretora social da greve, tinha de manter os jornalistas na porta do jornal, porque essa história de você fazer greve e ir à praia não combina, né? Tive a ideia de chamar uma banda para vir à porta do jornal. Saí com Rosângela [Rocha], Cássia Maria e Valber Carvalho e fomos chamar o Olodum para tocar e manter o pessoal ali. Quando a gente chegou à sede do Olodum, estava havendo uma reunião com João Jorge, Neguinho do Samba, que era o mestre da banda na época,

o cantor Lazineho. Falei: “Estamos em greve, nós somos jornalistas, e eu queria convidar vocês para ir tocar para a gente, fazer um evento na porta do jornal, para manter o pessoal unido.” E ele: “Não, a gente não vai.” Aí eu respondi: “Como é que é? Então a gente chama o Ilê-Aiyê.” Na hora, Neguinho do Samba se levantou e falou: “Loura, vou levar a banda para fazer essa coisa para vocês.” Na época, o Ilê-Aiyê e o Olodum se estranhavam, até porque o Neguinho foi mestre do Ilê-Aiyê e estava no Olodum. Eu tinha um bugre Terral na época, que só dava [para] duas pessoas.

Mas a gente conseguiu uma Kombi também.

Neguinho perguntou como levaria os instrumentos. Respondi: “Tenho um carro que dá [para] duas pessoas...” Ele explicou: “Loura, é muito instrumento.” Aí Valber, Rosângela e não sei quem mais conseguiram uma Kombi. Nós paramos, literalmente, a Rua Djalma Dutra com o Olodum esquentando a bateria na porta do jornal, a gente na escadaria. Pedi que todo mundo fosse de branco. E a gente lá, todo mundo feliz. E, nesse dia, olha o que acontece. A gente conseguiu um carro-pipa com aquela água para molhar, né? Então, eu estava embaixo, fotografando com a câmera do jornal. O carro-pipa joga a água toda na minha lente. Quase tive um troço na hora. Mas depois consertou, foi tudo certo. Na frente, havia os bares Abaixadinho e do Pepe. Então, a greve virou uma festa, foi muito legal. Quando acabou a greve, Paulo Sampaio me chama: “Tudo muito bem, você é uma ótima fotógrafa de esporte, mas a partir de agora, você está no Caderno de Cultura! Vai trabalhar com Jolivaldo Freitas.” Na época, eu estava brigada com o Jolivaldo, porque, quando eu trabalhava no Jornal da Bahia, fui fazer uma cobertura no comitê de Josaphat Marinho, candidato a governador. Com sede, pedi um copo d’água. Aí, a menina do comitê respondeu: “Não tem aqui.” Se eu saísse para comprar, perderia a chegada do candidato. Jolivaldo brincou: “Precisa de cafezinho também?” Não gostei. E ele fez matéria contando que uma determinada repórter chegou ao comitê exigindo água e cafezinho. Escrevi uma carta ao editor, estilo Margarida Neide, arrasando na carta. Todo mundo ficou falando que ele estava com medo de levar porrada minha. Era uma resenha da gente, brincando com isso. Parei de falar com ele, ele parou de falar comigo. Quando Paulo Sampaio me mandou para a

Editoria de Cultura, eu disse: “Meu Deus, que castigo, e agora?” Só que o exemplo do Titio Fantoni foi maravilhoso. Fizemos as pazes e uma dupla maravilhosa. Paulo achou que ia me dar um castigo, mas foi ótimo trabalhar com o Joli, meu amigo e irmão do peito, até hoje. A gente tem um carinho enorme um pelo outro e foi um presente, na verdade. Depois eu voltei para o futebol.

Muitas vezes você brigou com cinegrafista, com fotógrafo, é a busca da melhor foto?

Briguei com muita gente. Porque na nossa profissão há uma coisa, sabe? Na hora da foto é a hora da foto. Tenho uma marca registrada, só andava de coturno. Porque é para pisar o pé mesmo. Eu precisava passar. Era a história do ponto de vista. Por exemplo, uma cobertura presidencial, que é a pior que existe. Todo mundo está ali querendo fotografar o presidente. É uma multidão, é o inferno. Então, como é que eu me

mantenho na frente? Pisando o pé de quem chega perto de mim. Então, você passa na frente sem querer e tal. Mas depois que acaba a cobertura, que você conseguiu a foto, tem de ter a humildade de chegar lá e pedir desculpa. Também levei muita cotovelada, levei muita pisada de pé. Do mesmo jeito que eu fazia, eu recebia. Aprendi isso com eles, entendeu? E aí eu falava que, como o meu pé era mais frágil, eu tinha de usar coturno, porque com coturno era mais difícil atingir meu pé.

Em 89 você está de novo no futebol.

Daí voltei para o futebol, fiquei um tempo na Tribuna. O editor de esporte da Tribuna era Paulo Leandro. A gente se dava superbem. Ele foi para o Bahia Hoje e me chamou. Mas minha passagem pelo Bahia Hoje foi muito rápida. Saí do Bahia Hoje, voltei para a Tribuna, fiquei indo e voltando para a Tribuna várias vezes e acabei no A Tarde, lá fiquei até 2018. Passei uns 15 anos ou mais lá.

Antes disso, como era a história do “trem” na Tribuna?

A gente ia fumar maconha todo dia no banheiro das mulheres da Tribuna, que não tinha um vidro. O pessoal chegava à redação de manhã cedo, todo mundo para fumar. Aí começaram a reclamar da gente. Paulo Sampaio botou um aviso lá: “Proibido fumar maconha no banheiro das mulheres, senão vai ser demitido.” Aí, se instituiu o “trem” [carros que circulavam o Dique do Tororó com os fumadores]. Todo dia de manhã, a gente chegava lá: “Aí, a gente vai ali fumar um suco de laranja.” Só que quem ficava na redação? Adilson [Fonseca], que não fumava, e Jolivaldo Freitas. E acontece que o telefone da redação, naquela época, não parava. E não havia ninguém além dos dois para atender, porque todo mundo descia para o trem. Quando a gente chega, no outro dia, Paulo Sampaio diz: “Acabou, volta todo mundo para o banheiro das mulheres de novo.” Perguntamos: “Por quê?” Paulo: “Adilson e Jolivaldo foram reclamar.” Respondemos: “Paulo, você proibiu o pessoal de fumar maconha no banheiro, vai todo mundo para o Dique!” Aquela foi a melhor época do jornalismo.

Como você foi para o A Tarde?

Quem me chamou para o A Tarde foi Luciano Andrade, editor de fotografia na época. Como eu era muito polêmica — não conto quantas vezes meti o pé para abrir porta, fazer foto e sair correndo de polícia, de tudo —, havia uns editores que não gostavam de mim. Então, antes de Luciano me chamar para A Tarde, várias vezes meu nome foi ventilado e alguns editores me barravam. Até que Luciano me chamou, botei meu portfólio e fui contratada na hora.

O que você fazia no Jornal A Tarde? Era Geral ou era de novo futebol?

▼ Foto premiada. O momento exato em que o atacante Zé Carlos, do Bahia, tem a bola encobridendo seu rosto. Ele foi um dos jogadores do time campeão nacional de 1988.



Fazia tudo. Geral, Futebol, Cultura, Revista, Jornal Massa, absolutamente tudo. E fazia muito política com o repórter com quem eu tenho a maior honra de ter trabalhado, inclusive trabalhei com ele na Tribuna também, Levi Vasconcelos. Meu grande irmão, uma pessoa muito amada, um ícone no jornalismo brasileiro, não digo nem baiano.

Você já conhecia Levi Vasconcelos?

Sim, da Tribuna. No jornal A Tarde, Levi já era muito famoso, fazia a coluna de política, não ia mais para a rua fazer matéria comigo. Raramente tinha uma coisa de política. Mas ele, todo dia, chegava à redação e perguntava: “Aí, qual é a boa?” Porque ele vivia procurando as histórias. Levi é o maior contador de histórias da política brasileira. Um belo dia, eu estou sentada na redação, passando foto, entra Levi: “Margô, boa tarde, qual é a boa?” Eu olhei para um lado, olhei para o outro, respondi: “Ó, Levi, nessa circunstância aqui, viu, a boa sou eu.” Ele se acabou de rir e vive contando isso a todo mundo.

Teve algum choque com uma cultura mais tradicionalista, mais ordeira do Jornal A Tarde? Porque a Tribuna e o Jornal da Bahia eram ambientes mais anarquistas, né?

A Tarde era uma empresa grande. Diferente. As pessoas eram mais sérias. Mas depois me acostumei e ficou tudo ótimo. Gosto muito de trabalhar, porque, lhe falei, sou fotógrafa de movimento. Por isso me apaixonei muito pelo esporte. Mas também sempre amei fazer polícia. Polícia, tiro para todo lado, entrando na favela, tive várias vezes bandido botando a arma em mim. Primeiro você faz, depois você pergunta se pode. Essa é a primeira regra do jornalismo. Houve uma vez

em que estava sozinha no Calabar, quando fizeram aquela unidade da PM lá. Meu editor Gildo Lima, grande fotógrafo, disse: “Margô vai lá fazer o ambiente, antes de montar a unidade.” Comecei a fotografar e, de repente, vi foi um monte de meninos me rodeando: “Mostra a foto!”, disse um deles. Questionei: “Não vou mostrar! Quem é você para eu mostrar a minha foto?” E fui saindo. Só vi o menino tirando a arma: “Mostra a foto agora!” Respondi: “Com esse argumento eu mostro.” Ele: “Apague essa! Apague essa!” Quando acabei de apagar, ele olhou para mim e disse: “Olha, vou dizer, galega, só porque você tem cara de ser gente muito boa, não posso aparecer no seu jornal, entendeu?” Respondi: “Entendi. Sabia que podia recuperar a foto?” Só que ele olhou para mim e disse: “Se você recuperar a foto, você é a única fotógrafa loira que há no jornal A Tarde, viu? Eu vou atrás de você!” Fazer o quê? Já passei por essas situações, mas eu simplesmente achava muito bacana, sabe? Às vezes, você arrisca a sua vida e a foto não sai. Mas não existe uma profissão mais apaixonante do que o fotojornalismo.

Uma das figuras políticas que você mais fotografou foi ACM.

Ele sempre rendia boas fotos. E houve uma época em que ele estava brigado com o prefeito Antônio Imbassahy. Estavam sem se falar e houve um evento no Centro Administrativo. ACM sentado na ponta da mesa, Imbassahy na outra. ACM entregou as medalhas a todo mundo e tal. Quando acabou o evento, todos saíram, inclusive a imprensa. E eu saí também, mas tive um *insight*. ACM e Imbassahy não saíram. Sabe aquela coisa do faro que a gente tem? Quando voltei, vejo ACM abraçado com Imbassahy como se tivessem feito as pazes naquele

momento. Essa foto foi capa do jornal A Tarde. E eu soube, inclusive, no outro dia, que Imbassahy ficou muito zangado comigo por conta dessa foto. Mas adorei fazê-la. Acho que todo jornalista, não só fotógrafo, mas também repórter, tem de ter esse faro.

Se alguém pudesse resumir a sua vida como fotógrafa, fotojornalista, qual foi a sua foto mais importante? Ou as suas duas fotos mais importantes?

Fiz várias fotos que eu amei ter feito durante esse tempo toda de carreira. Eu poderia contar aqui várias, mas a melhor foto eu ainda vou fazer. [risos]

O que você pode aconselhar para as novas gerações?

Uma coisa que tive durante todo esse tempo, que aprendi com fotojornalismo, foi entender que nunca precisei me esconder em bandeira nenhuma para fazer o que queria fazer. Fui a primeira fotógrafa a fazer futebol, a entrar no estádio, a fazer o que queria. As pessoas perguntam se sou feminista. Acho que fui feminista sem esse rótulo. Porque nunca precisei de bandeira. É uma coisa que passo para as pessoas, para os meus alunos, para todo mundo que aprendeu fotojornalismo comigo: você pode fazer o que quiser, contanto que você ame o que você faz, que você tenha paixão por isso e tenha foco. Porque, com a paixão que tenho por fotojornalismo, com o foco que sempre tive, ninguém ia dizer que eu não podia fazer uma foto, sabe? E quer saber? Todas as vezes que me disseram “essa você não vai fazer, ou você não pode”, era sempre a melhor que eu fazia. Era um desafio para mim. Na hora em que é preciso, a gente aprende a ter coragem. Além de você ser um bom fotojornalista, ter o seu equipamento, você conhecer muito bem, ser uma extensão do seu corpo, se você não tiver coragem, você não faz nada. O repórter fotográfico precisa ter muita coragem e uma certa dose de cara de pau. Você não pode ser um fotojornalista se, quando aparecer a primeira dificuldade, voltar para o jornal sem a foto. Você tem de fazer. A não ser que tenha uma arma na sua cabeça, como já tive algumas vezes. Mesmo com esse argumento, sempre já fiz antes, porque já chego fazendo. Faço a foto para depois saber se pode. Acho que o grande legado é exatamente esse. É a ousadia e a paixão de fazer a coisa de uma maneira desafiadora, cheia de adrenalina, cheia de movimento. Adoro isso! Cheia de movimento. E conseguir fazer uma boa foto com qualidade. ■



Você não pode ser um fotojornalista se, quando aparecer a primeira dificuldade, voltar para o jornal sem a foto. Você tem de fazer. A não ser que tenha uma arma na sua cabeça.



NOSSOS SERVIÇOS



Homenagens

Confeccionamos placas comemorativas, troféus, medalhas, cartões e diplomas.



Projetos especiais

Trabalhamos com criativos personalizados para ambientes, eventos, estabelecimentos...



Comunicação visual

Produzimos fachadas, letreiros, totens, placas, banners e faixas, painéis, cartões, panfletos, flyers.



SOLUÇÕES GRÁFICAS

- PLOTAGEM DE AMBIENTE
- SINALIZAÇÃO DE VIAS PÚBLICAS E PREDIAL (EMPRESAS E RESIDÊNCIAS)
- COMUNICAÇÃO HOSPITALAR
- PLACAS GRAVADAS
- IMPRESSÃO EM GERAL
- BRINDES PERSONALIZADOS

 71 3321-4294

 sanshy.info@gmail.com

 Rua Prof. Américo Simas, 33 - Nazaré, Salvador

 grafica.sanshy



Paulo Roberto Sampaio, carioca, nascido em 8 de dezembro de 1952, dia de Nossa Senhora da Conceição da Praia, tornou-se baiano por convicção. O amor pelo Esporte Clube Bahia o levou para o Jornalismo, embora sua primeira meta fosse o curso de Economia. Começou como radialista, indo trabalhar com o comunicador França Teixeira. De repórter de pista – profissional que fica à beira do gramado nos jogos de futebol –, foi convidado a integrar a Editoria de Esportes da Tribuna da Bahia em 1970 e deslançou na profissão, chegando a editor-chefe do jornal, uma relação que dura até a presente data. Enquanto tocava a Tribuna, acumulou, por quase 20 anos, o posto de repórter do jornal O Globo na Bahia. Neste depoimento à equipe da ABI, conta as passagens e histórias dos seus 55 anos de jornalismo, durante os quais, além da Tribuna, cobriu três Copas do Mundo de Futebol para O Globo. Participaram da entrevista Valber Carvalho, Jaciara Santos e Cláudio Pimentel.

O jornalista se sente, hoje, *um complemento no processo de produção*, não como uma peça fundamental'

Como se deu sua vinda do Rio para a Bahia?

Vim para a Bahia muito cedo, meu pai era militar, oficial da Marinha, então tudo acontecia como acontece na vida do militar. Ele é deslocado para uma outra praça onde vai servir e eu devo ter chegado aqui à Bahia, em Salvador, com uns 3 para 4 anos. E foi nesse período que comecei a descobrir a Bahia e também o meu amor pelo Esporte Clube Bahia. Eu guardava as coisas, recortes de jornal e tudo mais, e foi assim que se deu esse processo.

Sua voz é conhecida, alta, tonitruante. Usava essa voz para vender? E que idade você tinha?

Estava com 17 anos. E a paixão pelo futebol, em especial pelo Bahia, me levava, à época, a sair do Colégio Estadual da Bahia, o Central (onde fazia o curso colegial), no fim da tarde para ir à sede do Bahia, na Rua Carlos Gomes. Na esperança de encontrar jogador, aquela coisa bem juvenil de quem é torcedor. Então, lá surgiu a oportunidade de vender um tal carnê do Bahia. Não estava preocupado com resultado financeiro, queria mesmo era a oportunidade de ver os jogadores. Peguei lá uma quantidade e instalei meu "cacete armado" ao lado do Jornal A Tarde, na Praça Castro Alves. Lembro que eu dizia sempre: "Vamos ajudar o Bahia! É sua hora, torcedor! É um carnê do Bahia aqui!" Através dessa porta aberta, conheci um cronista esportivo, Nelson Rocha, que me deu uma oportunidade na Rádio Cultura, num programa es-

portivo à noite. Fiquei uns quatro meses, até que surgiu a oportunidade de ir para a equipe de França Teixeira, e foi daí que deslanchei. No rádio, naturalmente, na imprensa, e seguindo o meu rumo que, até aquele momento, incluía a Faculdade de Economia como meta.

Como foi esse convite para ir para a equipe de França Teixeira? Quais as qualidades que o levaram a ser convidado por França?

Eu tinha uma referência que até aquele momento desconhecia, e foi França que deu essa dimensão. Meu tio, Renato Sampaio, um professor catedrático do Colégio da Bahia e tudo mais, era considerado uma referência em termos de língua portuguesa, e França gostava de denominar os seus repórteres de alguma forma. Gilson Miguel, o homem que não tem chulé. Cláudio Luís Falcão, o acólito do padre Luna. E comigo era Paulo Roberto Sampaio, sobrinho de Doutor Renato Sampaio. Então, foi assim que França me batizou.

Você entrava com a sua voz no programa dele ou era só o bastidor?

Com a voz. Com França Teixeira, acho que foi amor à primeira vista, ou confiança à primeira vista. Tanto assim que ele me concedeu a oportunidade de ser repórter de pista [na beira do campo do estádio de futebol]. Na resenha dele, eu já falava, dava as notí-

cias do clube que estava cobrindo, o Leônico, mas logo cheguei ao Bahia, que era o meu objetivo real. Assim, construí um processo de confiança muito grande. Tanto que, adiante, quando França resolveu se lançar na televisão, com o “França Teixeira, profissão repórter”, na TV Itapoan, me chamou para ser o diretor do programa. Eu nem sabia o que significava aquilo naquele momento, porque a minha experiência era mais de rádio. Mas fui estudar o que fazer, como aproveitar ou dar um aproveitamento maior, digamos, ao talento dele, principalmente nas entrevistas, criando os roteiros. Foi uma experiência fantástica.

Como foi o seu início na Tribuna da Bahia?

A migração do rádio para o jornal se deu, primeiro, pelo fato de eu ser repórter de pista. Comecei a ser conhecido para que um editor me convidasse. Esse convite veio de Albino Castro Filho, quando eu tinha feito 18 anos. Ele me chamou, estabeleceu as condições, dizendo que jornal era algo diferente de rádio, que eu ia ter de usar um português apurado, teria de estudar mais, e foi assim que dei os primeiros passos no Jornalismo. Passos conduzidos também pelo meu querido Antônio Matos, outro a me estender a mão e a me orientar. Fazia a matéria e do que Matos, editor de Esportes, discordava, riscava e vinha com a letrazinha [corrigindo]. Era uma forma de atuar como *copy desk*, mas ainda na condição de editor. Foi uma ajuda grande.

A Tribuna surge em outubro de 69 e naquele ano você estava vendendo carnê. Quando foi esse convite para ir para a Tribuna?

Fui para a Tribuna no dia 1º de junho de 1970. Já tinha passado no vestibular de Economia, mas ainda estava naquele processo de... “É isso mesmo que eu quero?”. Naquele momento, descobri o Jornalismo como um caminho a seguir.

No dia 21 de junho de 1970, o Brasil foi tricampeão de futebol. E a Tribuna, inovando no tamanho da fotografia, no tamanho da letra, pouco texto, capas fantásticas. Como foi a cobertura?

A Tribuna realmente fez uma cobertura que marcou. Tudo na Tribuna era novo. Nós não tínhamos jornalistas, propriamente. Nós criamos jornalistas. Nós, quer dizer, Quintino de Carvalho, Matos e Albino. Os jor-

▼ Paulo na redação da Tribuna, na época do redator-chefe João Ubaldo Ribeiro, a quem iria substituir.



FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

nalistas eram, normalmente, estudantes de Direito convidados para um período de hibernação dentro de um jornal, para aprender como escrever em linguagem coloquial e jornalística, e a partir daí seguir o rumo. Nesse caso estão incluídos vários nomes. Eu destaco o Roberto Pessoa, depois juiz e ministro do TRT [Tribunal Regional do Trabalho], Wellington Cerqueira, advogado até hoje, o Zé Augusto, advogado, e outros nomes, todos vindos da Escola de Direito.

Você conviveu com Quintino de Carvalho [editor-chefe da Tribuna]. Como era aquela figura que foi se tornando mítica?

Sem a menor dúvida, foi um dos mais brilhantes jornalistas com quem já trabalhei. Eu o comparo ao Henrique Caban e Evandro Carlos de Andrade (ambos já no andar de cima, assim como o Quintino), diretores de O Globo. Evandro era o redator-chefe, diretor de redação, e Caban, uma espécie de coordenador-geral da redação. Quintino era um pouco disso tudo. Ele nos passava lições que foram guardadas por toda a vida, porque ele tinha uma capacidade de síntese e ir a fundo na busca da notícia que, se eu não tivesse passado pela escola de Quintino, acho que não seria 50% do que fui e sou hoje. Foi realmente muito importante essa experiência com ele, nesse começo de carreira na Tribuna.

Era ele que fazia as manchetes?

Quintino centralizava as decisões, mas não pelo sentimento de que “só eu sei fazer”. O problema é que a equipe era muito jovem. Então, dependia do mote dele. Ele dava normalmente as manchetes e as manchetes, àquela época, chocavam, digamos assim, pela ousadia. Eram frases lapidadas que diziam muito: em três, quatro, cinco palavras, você tinha o impacto da notícia. Ele nos passou isso durante um bom tempo. Isso foi, digamos, a rota que a Tribuna seguiu e, de alguma forma, ainda segue hoje, mas seguiu principalmente naquele período.

Em 72, o Vitória cria um timaço com o Osni, Gibira, André e Mário Sérgio. E o Bahia, em 73, responde a isso, trazendo o Evaristo com aqueles craques todos: Baiaco, Picolé, Douglas. E criou a hegemonia. Nesse momento, você vai assumir a Editoria de Esportes quando Matos sai. Quem eram os repórteres sob o seu comando?

Assumi a Editoria de Esportes em 1973. E, nessa transição 73, 74, vi nascer no futebol baiano um supertime que foi o Bahia. Mas vi o Vitória também brilhar intensamente e, por pouco, não chegando ao título brasileiro. Então, foi um grande momento para o futebol da Bahia e nós pudemos fazer do nosso Caderno de Esportes (na época com

seis, oito páginas), na maioria das vezes, um referencial, uma bíblia para os jornalistas e até para os jogadores. A equipe era brilhante: Luiz Brito, Roque Mendes, Rui Fróes e Gilson Miguel Nogueira. Esses quatro, em especial, fizeram parte desse embrião do jornalismo esportivo que a Tribuna plantou e que carregava com muita emoção nos títulos, nas reportagens e nas pautas.

Algum nome que esqueceu?

Chico Gide, que, além de ser um bom apurador de notícia, se aventurava como goleiro. Então, sempre que havia pelada, ele ia. O problema é que ele tinha pouco mais de um 1,60m e sempre acertavam o último andar, onde “a coruja dorme”, e a gente saía de lá amargando a derrota; mas, pelo menos, tendo um culpado (risos). Tivemos ainda Sérgio Boto, grande amigo, que estudou comigo no Central. E Fernando Escariz, outro talento também, da época de Antônio Matos, de quem era grande amigo. Então, eu que citei inicialmente quatro nomes, estou citando mais três. Eram sete nomes de peso a nos orgulhar de fazer o jornalismo esportivo da Tribuna.

FOTO: JOSEANNE GUEDES



Assumi a Editoria de Esportes em 1973. E, nessa transição 73, 74, vi nascer no futebol baiano um supertime que foi o Bahia. Mas vi o Vitória também brilhar intensamente e, por pouco, não chegando ao título brasileiro. Então, foi um grande momento para o futebol da Bahia.

Lembra quem fazia aquelas diagramações maravilhosas?

É importante fazer uma homenagem ao paginador, que, à época, era chamado diagramador. Grande Conceição era o diagramador-chefe. No Caderno de Esportes, nós tínhamos dois diagramadores que contribuíram muito. Foram Urbano Lutigards e Cléber Shettini. Eles também fizeram parte dessa nossa história de começo de Tribuna. Tinham uma sensibilidade de captar o que o editor queria e dar o peso que aquilo tudo merecia. Porque, às vezes, você tem um paginador que arruma as matérias na página, mas de uma maneira tão fria, que você não consegue se *linkar* com aquilo que está sendo apresentado. Isso, infelizmente, acontece hoje.

Como era a relação do cronista, jornalista e do radialista esportivo com os jogadores em comparação com os dias atuais?

É uma coisa impensável. Eu tinha, por exemplo, uma relação estreita com os jogadores do Bahia. Pegava o carro do jogador tal, ia pegar a esposa dele em tal lugar, levar a tal lugar. Em contrapartida, durante a concentração dos jogadores para as partidas do fim de semana, deixava meu fusquinha de lado e pedia para sair com o Opala de um deles. Opala, na época, era algo assemelhado a uma BMW hoje. E eles cediam. Servia para dar um rolê pela cidade, ficar circulando com um carrão daqueles. Então, dali vinha uma amizade muito grande. E a notícia surgia em primeira mão, porque eles mesmos diziam: “Olha, o homem não gostou disso, vai sacar fulano [do time].” O homem, claro, é o técnico. E essa amizade chegou ao ponto de um desses jogadores, Jorge Romero Filho, lateral-esquerdo, ser meu padrinho de casamento. Havia independência e respeito, mas também uma cordialidade muito grande. Hoje em dia, jogador e radialista/jornalista mal se falam.

Você pula do Caderno de Esportes para diretor de redação. A que você atribui esse convite?

A partir de 1975, eu já estava atuando como secretário de redação, ajudando no fechamento. Até que, em 1978, ocorreu a saída de João Ubaldo Ribeiro, redator-chefe. Ele disse: “Já não aguento mais fazer esse negócio, posso escrever umas crônicas e tudo mais, mas o cotidiano já está no meu limite. É muita dor de cabeça, é muita fofocada política.” João Ubaldo era aquele tipo de figura que conseguia reunir em torno dele um número enorme de colegas, para ouvir um pouco dos causos e da forma de abordar o assunto como ele fazia. Os artigos dele, os editoriais, eram primorosos. Então, isso tudo somou muito para esse processo da Tribuna se consolidar, sendo o veículo que ela foi e é hoje.

Como foi a mudança?

João Ubaldo disse a Walter Pinheiro, na época já di-



ANUNCIE

aqui



Associação
Bahiana de
Imprensa



Sob a inspiração dos antigos boletins impressos da ABI, e para contar a história da imprensa baiana, o Projeto MEMÓRIA DA IMPRENSA virou revista. O conteúdo principal são as entrevistas gravadas em 2 câmeras em 4K. Até esta edição a primeira seção de acervos digitais do Museu de Imprensa acumula cerca de 150 horas de boas conversas em 43 entrevistas. E serão mais 15, até setembro.

As gravações integrais destes depoimentos históricos e suas transcrições literais fazem parte dos acervos do Museu de Imprensa da ABI. Estão à disposição de pesquisadores, escritores e roteiristas.

O site oficial da ABI e sua extensão nas redes sociais, mais do que um veículo corporativo, se consolidam como referência de fonte para profissionais da comunicação baianos e também

de outros estados. Nós não somos os campeões de audiência na internet, mas somos lidos e dialogamos com quem é sucesso fazendo notícia nas mídias tradicionais e no digital.

Investir em nosso site, na revista MEMÓRIA DA IMPRENSA e em publicações como o Protocolo Antifeminicídio, é chegar chegando nas redações, agências de propaganda, faculdades de Comunicação e gabinetes dos 3 poderes.

É chegar ao lado de quem, há 94 anos, pra defender a democracia, faz história, valoriza o Centro Histórico de Salvador, preserva a nossa memória, produz e compartilha conhecimento e promove a cultura.

Mantenha esta chama acesa!

Anuncie aqui!

retor do jornal: “Já dei minha colaboração, mas vou precisar sair, quero me livrar um pouco de compromissos.” Walter perguntou a ele: “Quem você me sugere para seu lugar?” Ele disse que tinha dois nomes para indicar. “Alex Ferraz e Paulo Roberto Sampaio.” Os dois têm estilos próprios e, claro, ele deve ter descrito o que via de qualidades e defeitos em cada um dos dois. Passou a bola para Walter, que me convidou, e, a partir daí, 1º de junho de 1978, passei a ser o redator-chefe. E essa relação se estende por mais de quatro décadas.

Entre Quintino e você muitos jornalistas passaram pela chefia da redação, cada um com seu estilo. Havia muita diferença de personalidade entre eles?

Milton Caires era sisudo, reservado, mas tinha uma sensibilidade muito grande pela questão social. Sugeriu sempre pautas que pudessem aproximar o jornal da sociedade. Vou aproveitar para lembrar um episódio com Milton. Na entrada da redação da Tribuna, havia um espaço que seria uma antessala, e lá a gente improvisava uma pelada com bola de meia. Os times eram com dois de cada lado. E chuta para cá, chuta para lá, a bola sobra para mim e eu... pá! Um tiro certeiro no momento em que o sisudo Milton abria a porta e recebia a bolada. Todo mundo correu e sabia que estava demitido. Ele não demitiu, deu uma reprimenda de fazer gosto. Depois, nós tivemos o Sérgio Gomes, dinâmico, gostava efetivamente de fazer o jornal, porque os outros, de alguma forma, demandavam o que queriam que fosse feito, mas Sérgio não, metia a mão na massa e contribuiu muito nesse período, durante os nove meses que por lá passou.

Aí vem o João Ubaldo, que é um estilo de um cronista.

Antes, Cid Teixeira sucedeu a Sérgio Gomes e antecedeu João Ubaldo Ribeiro. Foi uma experiência gratificante. É surpreendente que um homem com tanta cultura pudessem ter uma linguagem tão coloquial e nos orientar no dia a dia do jornal. Nós tínhamos na redação um dicionário Aurélio [Buarque de Holanda], que nós chamávamos de “pai dos burros”. Ele nos servia de guia para tirar dúvidas sobre como escrever determinada palavra ou a busca de um sinônimo, de um antônimo. Na era Cid, não precisávamos recorrer ao Aurélio, íamos à sala dele e não só tirávamos as dúvidas específicas daquele caso, mas também levávamos uma bela

aula de português para casa. João Ubaldo, porém, conseguia nos envolver no que era o projeto de fazer o jornal, nos levava, quase que por obrigação, a ler e a tentar escrever bem. Tanto que, quando fui substituir João, a primeira decisão que tomei foi acabar temporariamente com o editorial. Não sou louco de substituir João Ubaldo, escrevendo no editorial.

Mas a Tribuna volta a fazer editoriais de pois de um tempo ou não?

Eu diria que ali marcou realmente o fim do ciclo dos editoriais. Nós passamos, a partir daí, a publicar alguns artigos, na página 2, a página de opinião do jornal. Mas o editorial, até mesmo os feitos por mim, eram, entre aspas, “sob encomenda”, que não é um termo pejorativo. Eram editoriais feitos diante de uma situação em que o Brasil exigia uma posição do jornal. Como, por exemplo, foi o caso da campanha contra o fumo. Temos um editorial de primeira página condenando o fumo e mostrando os males que ele causa e sendo o primeiro veículo de comunicação no Brasil a não aceitar mais nenhuma campanha paga de cigarro em suas páginas. Em 23 de maio de 1980, a Tribuna se tornou o primeiro jornal no Brasil a se negar a aceitar publicidade de cigarro. Foi um marco muito importante de que até hoje nós nos orgulhamos. E quem sabe quantas vidas nós ajudamos a salvar com essa campanha? O valor material da suspensão da publicidade de cigarro era o que menos importava para a gente. O que a gente queria era chamar o leitor para que ele tivesse consciência do mal que ele estava fazendo a si próprio.

E a intervenção para proteger os que não fumavam dentro do jornal?

A Tribuna criou o fumódromo. À época, eu diria que 80% na redação fumavam. Então, a Tribuna reservou uma parte da redação, fechou de vidro, para atender àqueles profis-

sionais que lá queriam ficar. Havia uns loucos que iam, outros definitivamente desistiram do cigarro. Outras redações só vieram a ter o fumódromo como parte integrante do seu ambiente de trabalho já em meados da década de 90, ou seja, 10, 15 anos depois de a Tribuna ter firmado essa posição.

Em 1983, você fez uma manchete de capa que se tornou lendária no jornalismo da Bahia.

Em 83, nós estávamos diante de um episódio que foi de tal forma traumático que cheguei à conclusão de que não bastava noticiar, você tinha de gritar, fazer a sociedade despertar para aquilo, porque nós estávamos diante de um crime. Foi essa manchete que nós demos: “Isto foi um crime!”. É o que aconteceu com o vagão do trem que transportava gasolina, tombou em Pojuca [e incendiou] no início da noite. Em primeiro lugar, houve uma irresponsabilidade de quem deveria estar a zelar pelo ambiente e, segundo, pela irresponsabilidade ou inconsequência de um fumante que jogou uma ponta de cigarro onde escorria a gasolina. O vagão explodiu, matando 99 pessoas. Quando o vagão tombou, como ocorre hoje quando um caminhão tomba na estrada, os moradores foram colher a gasolina em galões, baldes, até bacia. Não se levou em conta o risco da explosão que poderia acontecer. Neste ano de 2024, dei uma manchete que não teve o mesmo impacto, mas que também usei como um grito sobre a morte de um motoqueiro durante um assalto. Usei isso com força para indicar que a sociedade, os poderes públicos precisam reagir. No acidente de 83, às 3h30 para 4 da manhã, saí com a segunda edição. A época ainda se fazia isso, hoje é muito difícil, com a dinâmica da internet, do *online*. O jornal impresso sair com a segunda edição é muito pouco comum. Mas, naquele momento, sim. A primeira edição foi “Isto foi um crime!”. A segunda edição: “Quem vai pagar por este crime?”

Em 23 de maio de 1980, a Tribuna se tornou o primeiro jornal no Brasil a se negar a aceitar publicidade de cigarro. Foi um marco muito importante de que até hoje nós nos orgulhamos.



▲ Posando com o "Velho Guerreiro", Abelardo Barbosa, o icônico apresentador de televisão, Chacrinha.

E o caso da manchete da matéria sobre a carteira de motorista para cego?

"Até cego tira carteira de motorista no Detran". Quer dizer, se você dá essa notícia e não tem a foto do ceguinho ou do deficiente visual, se você não tem a carteira de motorista dele, seria mais uma denúncia a cair no vazio, mas não. Nós fomos em busca, essa matéria foi feita por mim e por Josalto Alves. Chegou-nos a denúncia e a Tribuna, mantendo sua posição crítica ao governo [de João Durval], não teve interesse, propriamente, de fazer política, mas de mostrar que as mazelas existiam e precisavam ser, de toda forma, contidas.

Vocês recebiam pressão de governo?

Às vezes me perguntam como é que nós sobrevivíamos fazendo oposição, em especial ao carlismo, e tendo os compromissos que um jornal impresso tem. Bom, nós aprendemos a viver com pouco e a nos empenhar ao máximo para fazer um bom jornalismo. A participação do Estado [em publicidade], principalmente nessa passagem do governo ACM, o original, já era menor ou quase zero. Então, de nada adiantaria pressão.

Isso é importante, pois acho que hoje é uma coisa que meio que amordaça e mata o jornalismo da Bahia. Existia, na década de 80, um mercado comercial muito mais pujante. A Bahia tinha banco, grandes lojas e, hoje em dia, as empresas jornalísticas dependem muito da Prefeitura e do Governo do Estado. Então, meio que fica uma pressão do secretário de Comunicação: "Olha, você está batendo muito em mim, não vai ter verba." O que representa para o Jornalismo uma sociedade plural, onde a

economia não dependa tanto das verbas estatais?

É comum nós usarmos, às vezes, algumas frases que afirmam... "A democracia é tudo", "A independência é tudo". E as pessoas não sabem valorar o significado dessas palavras. Achar que é apenas um discurso de palavras bonitas e nada mais. Não. A independência, a democracia e você viver livre do jugo dos poderosos é muito importante. Então, com toda a dificuldade que o jornal enfrentava, a Tribuna sobrevivia porque o anunciante comum reconhecia o papel do jornal como formador de opinião e isso coincidiu com o período também em que, vamos dizer assim, Salvador tinha, principalmente em termos de conjunto econômico, grandes marcas. Então, essas grandes marcas se envolviam, anunciavam e reconheciam a importância da mídia impressa. Isso nos ajudou a sobreviver e a levar adiante a nossa bandeira.

Na década de 80, já havia os efeitos econômicos do Polo Petroquímico de Camaçari. E se faziam também muitas reportagens com prefeituras do interior, dando páginas inteiras. Festas, aniversários da cidade.

Para nossa felicidade, nós buscávamos parceiros em toda a Bahia e acabávamos tendo esse retorno comercial. As prefeituras anunciavam e faziam questão de destacar o que aquilo estava representando para o município. Isso nos deu, pelo menos, um oxigênio mínimo para fazermos o jornalismo que sempre fizemos. Fosse só num período pré-Polo Petroquímico, por exemplo, e toda a cadeia produtiva que o Polo representa e representava à época, e talvez as nossas dificuldades fossem intransponíveis, como foi com o Jornal da Bahia [antes do Polo]. Então, nós conseguimos sobreviver graças ao momento e a esses parceiros que deram as mãos e nos ajudaram.

Uma grande luta travada pela Tribuna foi em relação ao movimento das Diretas Já, em 1984.

Momento marcante na política brasileira, nesse meio-termo de final da década de 70, começo de 80, foi a votação [da emenda] das Diretas Já. O Brasil se uniu, havia desejo muito grande de ver restabelecida a democracia no país. Eu me convenci de que valia a pena ir a Brasília cobrir esse episódio. As fotos, inclusive, foram feitas por mim. Fui repórter e fotógrafo, a assinatura está aqui do lado, mostrando que aquele momento era, talvez, o mais triste da história recente do Brasil a ser flagrado, que foi a derrota da emenda das Diretas Já.

No dia 19 de fevereiro de 88, o Bahia é campeão. Como foi essa manchete?

A alegria de fazer uma edição em que estava em jogo um título brasileiro não dá para medir. Eu diria que talvez entre tantas edições e entre tantos títulos e tantos momentos felizes vividos, no jornalismo, esse me marcou. O que representa esse título? Representa

a vitória do futebol nordestino, a força do povo nordestino. Nós construímos a edição em cima do título “Bahia Campeão” e o texto narrando com muita emoção o que foi aquele jogo final. Foi muito bonito ver no dia seguinte que essa edição era colada em janelas, era disputada, nós tivemos de ter um suplemento nessa edição. Tivemos de tirar mais 10 ou 15 mil jornais, tamanha era a loucura do torcedor para guardar aquela lembrança.

Conta como foi fazer essa edição.

Essa edição foi feita — digamos assim — do seguinte modo: eu, com um chicote na mão, Brito e Roque Mendes, sentadinhos lá. (risos) “Bora fazer a melhor edição de todos os anos que a Tribuna já fez com a conquista desse título pelo Bahia!” Aquilo me ajudou muito, inclusive, profissionalmente, n’O Globo. Porque, a partir dali, a imprensa do Sul e o Globo, onde eu trabalhei por 20 anos, passaram a ter uma visão mais apurada e até a pedir matérias do Bahia. Afinal de contas, o Bahia era o campeão brasileiro e essa conquista foi obtida com muitos méritos.

Quando o juiz apitou e encerrou a partida Inter 0 x 0 Bahia, deve ter sido uma festa na redação. Porque Roque Mendes é Vitória...

Eu estava cercado de rubro-negros por todos os lados. Acho que até o porteiro era Vitória. Luiz Brito e Roque Mendes, sim. Mas Roque ficou compadecido com a minha perda de ar, naquele momento em que o juiz deu por encerrada a partida. Ele saiu correndo, foi pegar água para mim. “Chefe, chefe, toma essa água, você vai morrer, chefe.” Uma boa lembrança do que é fazer esporte e lidar com as emoções que o esporte nos propicia.

Como foi o período como secretário de Estado, no jornal O Globo e o retorno à Tribuna?

Fui editor-chefe da Tribuna com 26 anos e hoje, contabilizando os dois momentos, como editor-chefe, secretário de redação, editor de esportes, repórter, dá mais de 50 anos. É uma vida dedicada a um produto que a gente ama e que, no meu caso, é um amor muito verdadeiro, porque cheguei a sacrificar patrimônio pessoal para ver a Tribuna de pé. Agora, eu diria que foram três momentos que sucederam a Tribuna. Deixei a Tribuna em 31 de maio de 89 para assumir o cargo de secretário particular

do governador Nilo Coelho, que também tinha ingerência direta sobre a comunicação. Fiquei até o final de 90. Na sequência, fui ser diretor da TV Aratu. Então, esse foi o segundo momento. Eu diria que foram os dois mais relevantes nesse pós-Tribuna da primeira fase.

E a ida para O Globo?

O Globo, eu diria que foi minha segunda casa, talvez a casa à qual me dediquei mais do ponto de vista de aprendizado e de estabelecimento de relação com um mercado que, para mim, era desconhecido. Você trabalhar numa empresa como O Globo não é fácil. O grau de cobrança é enorme. Você tenta cumprir todas as metas, tudo que lhe é pedido, mas, ainda assim, você não atinge nem a metade do que se espera de você. Então, foi muito boa essa passagem pelo O Globo. Achei aqui uma carteirinha de 72 e eu já estava em O Globo. Então, vamos considerar 72 até 90, 18 anos cravados em O Globo, onde, entre outras realizações, estão três Copas do Mundo. A primeira, na Argentina, onde fui encarregado de ficar com a subseleção de Mendoza. Foi a minha primeira, digamos, aventura internacional. A segunda foi a mais traumática, na Espanha, eu já cobrindo o Brasil, e nós fomos para aquele fatídico Brasil e Itália, no Estádio Sarrià [a Seleção Brasileira foi derrotada por 3 a 2]. E, por fim, a Copa do México, em 86. Para mim, foi marcante, porque, pela primeira vez, um nordestino foi chefiar a equipe d’O Globo no exterior. E tive a oportunidade, vamos dizer, de comandar João Ubaldo Ribeiro, Sérgio Cabral e Nelson Motta. Não foi fácil. João, lembrando da passagem dele pela Tribuna, me ajudou e tudo mais. Então, nós conseguimos fazer uma bela cobertura.

O que mudou no jornalismo não só na parte tecnológica? Parece que havia mais tesão de trazer uma informação que os outros não tinham.

Evolução nós tivemos na área tecnológica. Porque, no jornalismo, o que eu vejo hoje é um pouco de perda de comprometimento com a função do jornalista de informar, de ir em busca da notícia. Terminávamos de fechar o jornal, digamos, às 22h30, e íamos para o boteco Abaixadinho. A gente estava lá batendo papo, mas, de repente, dava aquele estalo em um “Domingão da vida”, nosso saudoso Domingos Souza, e esse personagem saía devagarzinho dizendo: “Vou ali ao banheiro.” Na verdade, ia ao jornal

ligar para um investigador de polícia que estava acompanhando um caso rumoroso para o qual nós, até aquele momento, não tínhamos a solução. Se conseguíamos a notícia, voltávamos à redação para refazer a página, a chamada, às vezes até a manchete, por conta dessa vontade de fazer o bom jornalismo. Hoje, o jornalista se sente, assim, um complemento no processo de produção do veículo, não como uma peça fundamental. O que ele faz? Se chegou o *release*, tem a notícia. Se não chegou, pega o *release* de um outro assunto e põe no local. O editor deveria ser mais exigente com o repórter e com ele mesmo, mas ele sabe que acaba não adiantando, porque o repórter já chega ao estágio de fazer jornalismo hoje, de alguma maneira, assim, meio desmotivado, parece sem o tesão do que era fazer jornalismo no passado. A gente lutava pelo bendito furo, a notícia dada com exclusividade. Mas, hoje em dia, o repórter faz a matéria de casa, nem foi ao local onde ocorreu o fato. Busca algumas informações pelo telefone e pronto. Acho que nós teríamos de passar por uma reciclagem em que os jornalistas entendessem que tem de haver comprometimento com a verdade, com a notícia, com a informação e com a marca que ele defende, como se fosse a camisa dele.

A pergunta de Jaciara é se você acha que o jornal impresso vai sumir. E o que fazer para fortalecer o jornal impresso?

É muito difícil dar um prognóstico. Eu gostaria de encher os pulmões aqui e dizer que o jornal impresso é eterno, será eterno. Não estaria sendo justo nem honesto. Acho que ele pode ter uma sobrevida de muitos anos, desde que os diversos atores envolvidos nesse processo tenham consciência de que existem novos rumos a serem traçados. O jornal impresso tem de procurar focar cada vez mais na sua comunidade. Precisa ser mais um jornal para nós. Estamos falando de Bahia ou de Salvador. Focarmos cada vez mais em Salvador. Nós não podemos querer abraçar o mundo. Para abraçar o mundo, há a internet, os sites, os blogs, em síntese, uma série de alternativas para quem quer se informar. E o mais importante, se informar com a exatidão do momento que o fato está acontecendo. Já o jornal impresso tem de ser um pouco mais jornal-revista, refletir o que ocorre em torno da sua comunidade. Fazendo isso, acho que o jornal impresso vai ter ainda bons anos de vida e, quem sabe, boas décadas de vida. ■



é tempo de
ESPERANÇAR

Natal Solidário
2024

Nesse Natal **DOE AMOR!**

Colabore com a campanha Natal Solidário do Sistema Comércio BA e faça parte dessa rede de solidariedade que, há 11 anos, contribui com dezenas de entidades assistenciais baianas anualmente!



Chave PIX: 88186a55-27b4-442
-8b5b-b9fdb6dfe9b3



Abra o aplicativo da sua instituição bancária para escanear o QR Code do PIX acima e faça sua doação!

Realização:



Fecomércio BA

Sindicatos

Sesc

Senac



Sistema Comércio

Correalização:



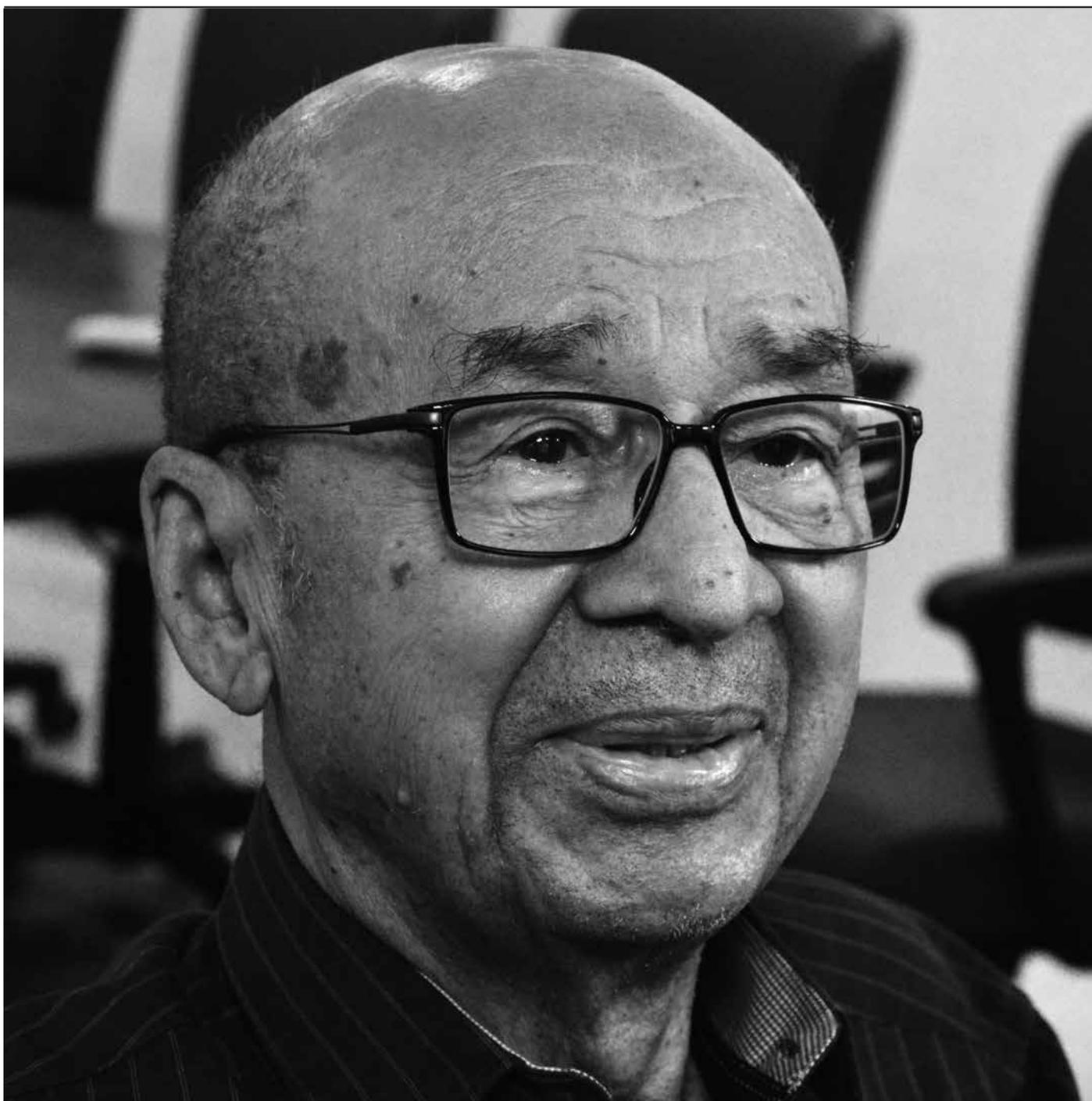


FOTO: CAIO VALENTE

A modéstia faz com que Perfilino Eugênio Ferreira Neto rejeite, com educação, o título de “enciclopédia do rádio”, que lhe deu um amigo ao escrever um livro sobre ele. Contudo, uma conversa de alguns minutos com Perfilino atesta seu conhecimento enciclopédico sobre o rádio e a Música Popular Brasileira. Esse juazeirense, que nasceu no início da década de 1940, se encantou pela música e pela radiodifusão desde a infância, escolhendo como projeto de vida entrar nesse meio de comunicação. Ao longo de décadas, acumulou um acervo impressionante de discos, gravações e demais materiais históricos que mantém preservado em sua casa. Percorreu uma trajetória de decepções e glórias. Quando topava com algumas portas fechadas, abria outras. Octogenário, seu projeto mais recente, mantido a todo vapor neste ano de 2024, é uma *web rádio*, que batizou como A Era do Rádio. Considera sua “menina dos olhos” esse *site* no qual segue mantendo a linha do pioneiro da radiodifusão brasileira, Edgard Roquette-Pinto: repassar informação, cultura e lazer aos brasileiros e, agora, aos ouvintes que acumula pelo mundo. Entrevista conduzida por Valber Carvalho, com as participações de Luiz Eduardo Dórea, Agnes Cardoso e Olívia Soares.

Considero a internet *o Viagra do rádio*

Qual a sua origem?

Na primeira entrevista que fiz com [o cantor e compositor] Luiz Vieira, no final dos anos 70, ele lembrou uma quadra muito interessante para mim e para ele: “Padres só pensam em missa / Vaqueiro só fala em boi / Moça nova em casamento / Velho só diz o que foi.” É o meu caso. Meu pai era guarda sanitário da Secretaria de Saúde do Estado. Numa viagem a Juazeiro, conheceu minha mãe e se casou. Nasci no dia 9 de março de 1941, em Juazeiro, depois viemos morar em Salvador. A gente voltava todo fim de ano para Juazeiro, eu com 8, 9 anos. Ainda me recordo dessa época, do meu envolvimento com a música. Meu tio João Alves era o primeiro saxofonista da Filarmônica 28 de Setembro e tocava também na *Jazz Band* Juazeirense como saxofonista. Minha mãe tocava violão e cantava. Eu gostava muito de ouvi-la cantando as músicas de Vicente Celestino, Augusto Calheiros, Gilberto Alves, Carmen Miranda. Tinha também a tia Neném, que tocava cavaquinho. E aí já começa minha paixão pelo serviço de alto-falante da cidade, chamado A Voz de São Francisco, e havia a Rádio Transmissora, outro serviço de alto-falante. Ouvia os clássicos de Luiz Gonzaga.

Sua tia Neném morava em Juazeiro?

Sim, mas com frequência vinha a Salvador. No fim do ano a gente ia para Juazeiro. Depois fui morar lá, já quando tinha 11 para 12 anos, porque meu pai tinha feito um concurso na época para escrivão de polícia e foi transferido para lá. Ficamos dois anos e pouco

em Juazeiro. Minha maior alegria era esperar o trem aos domingos, porque trazia as edições do jornal A Tarde, às vezes com um atraso de 72 horas ou mais. Além do contato com a música, através de serviços de alto-falante, meu pai também era um apreciador do rádio, não perdia os programas, inclusive “A Voz do Brasil”. É a partir daí que passo a me interessar por escutar rádio. Ouvia a Rádio Clube do Comércio e a Rádio Tamandaré, que tinha, inclusive, o programa “Pernambuco, Você é Meu”, e se apresentava nesse programa “O diabo Louro da Sanfona”, Sivuca.

Depois de um tempo, você volta para Salvador.

Meu pai foi transferido de volta para Salvador, mas aí eu continuo o contato já com o rádio na capital, a PRA4, Rádio Sociedade da Bahia, que foi a quarta emissora de rádio que surgiu no Brasil, e depois a Rádio Excelsior. A primeira do Brasil foi a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, criada por Edgard Roquette-Pinto, inaugurada no dia 20 de abril de 1923. E a Sociedade da Bahia foi inaugurada em março de 1924, por ser a quarta emissora, ganhou o prefixo de PRA4.

PR significa o quê?

Prefixo. E há um detalhe também muito curioso dessa fase: já tem a participação da Bahia, nesse começo de história do rádio. Na Copa do Mundo de 1938, o primeiro locutor a transmitir uma partida de futebol foi o baiano Eric Cerqueira, citado, inclusive, por Dorival Caymmi. Ele diz até que os donos da rádio eram os baianos Irmãos Dantas, que criaram a Rádio

Transmissora do Rio de Janeiro, a terceira emissora do Rio.

A PRA1 é a Rádio Sociedade do Rio?

Exato. Liderada pelo médico antropólogo Edgard Roquette-Pinto. A primeira transmissão faz em casa. É praticamente o inventor do jornalismo no rádio. A história do rádio começa, principalmente, no radiojornalismo, em 1919, nos Estados Unidos, quando da inauguração da rádio KDKA, aí já começa a predestinação do rádio com o político, porque a primeira transmissão que a KDKA fez foi sobre a eleição do governador da Pensilvânia. Quando falo dessa predestinação do rádio com o político ou vice-versa, é porque aqui no Brasil, também no dia 7 de Setembro [de 1922], nascia o rádio no país, por ocasião do primeiro centenário da Independência, no Rio de Janeiro. Então, quem usou pela primeira vez o microfone foi o presidente da República à época, Epitácio Pessoa, que fez o discurso de abertura da cerimônia comemorativa do centenário.

Em 20 de abril de 1923 é a inauguração da PRA1. Mas antes disso, em 7 de Setembro, houve uma fala sem inaugurar rádio, é isso?

Exato, houve uma fala em 7 de setembro de 22, no centenário da Independência. O Departamento de Correios e Telégrafos (DCT) estava adquirindo dois transmissores para melhorar o serviço de radiotelegrafia. Não era para a radiodifusão, mas o aparecimento de uma voz que saía de uma caixa instalada num poste causou espanto, muita gente corria. Achavam até que era coisa do outro mundo, que o diabo estava falando. Então, Roquette-Pinto se aproxima dos transmissores para ver como era aquela novidade. É a partir daí que Roquette vê no rádio a solução para resolver o grande problema que o Brasil já enfrentava naquela década de 1920: a educação à distância. Ele procura Elba Dias, diretor do DCT, e propõe utilizar aquele transmissor para repassar a cultura, fazer uma radiodifusão. Então, Elba procura Henrique Morese, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, junto com Roquette-Pinto, vão ao presidente Epitácio Pessoa e pedem a cessão dos transmissores. O governo cedeu e Roquette monta na sua casa uma emissora de rádio. Aí que surge a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Por isso o nome dele está ligado à radiodifusão no Brasil.

Roquette-Pinto, pelo que você acabou de falar, tem uma importância fundamental para a integração do Brasil, não é?

O significado de Roquette-Pinto é talvez igual ao do padre Roberto Landel de Moura, que foi, na realidade, o inventor do rádio. Ele criou a válvula, o transmissor. Só que, na época, foi perseguido pela Igreja Católica e pela sociedade. Achavam que ele tinha pacto com o demônio. O arcebispo do Rio de Janeiro o transferiu de uma cidade para outra mais atrasada. Acabaram até queimando a casa do padre. Landel, então, pediu asilo aos Estados Unidos. E levou para lá todos os inventos e os EUA patentearam esses equipamentos.

Quando ele vai para os EUA?

No final do século XIX. E, no início do século XX, ele apresenta os inventos como a válvula, a transmissão à distância. Antes de sair do Brasil, Landel pede ao presidente Epitácio Pessoa para fazer uma experiência da transmissão à distância. Pediu ao governo um navio, para transmitir em alto-mar. O presidente, como acontece até atualmente, indicou um "aspono" que ouviu o padre e depois fez um relatório para Epitácio, dizendo que o padre não passava de um louco, que a invenção de rádio era loucura.

Como Guglielmo Marconi entra nessa história? Foi o Padre Landel ou Marconi quem inventou o rádio?

Foi o Padre Landel. É que houve um congresso na Itália, representantes de radiodifusão dos Estados Unidos foram para lá e levaram os inventos de Landel. Marconi

também esteve presente e adquiriu algumas peças de Landel. É por isso que se atribui também a Marconi participação no processo de invenção do rádio.

Como foi seu primeiro contato com a rádio em Salvador?

O meu envolvimento com o rádio se deu, principalmente, com a minha chegada à Rádio Cultura da Bahia, a terceira de Salvador. Existiam a Rádio Sociedade e a Excelsior. Eu assistia aos programas de auditório das duas rádios. Em março de 1950, surge a caçulinha, a Cultura, a emissora em que vou trabalhar a partir do dia 1º de novembro de 1959.

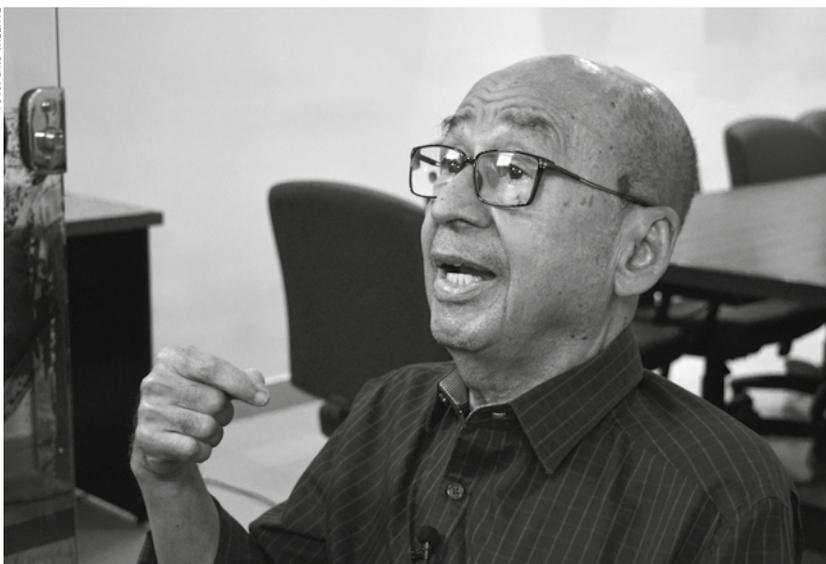
Você tinha 18 anos.

Eu tinha 18 em 1959. Era tão viciado em rádio a ponto de ter uma folha de papel pautado em que escrevia o prefixo das emissoras, o dia e os horários dos programas. Tinha muita vontade de trabalhar em rádio, mas era tímido. Fui reprovado pelo radiologista José Athaide no teste de locutor pianista de esportes. Depois, ironicamente, fui chefe dele duas vezes. Tentei, inclusive, outras vezes, até no serviço de alto-falante de Juazeiro, também reprovado. Quando voltei a Salvador, já praticamente adolescente, deixo um pouquinho da inibição, mas meu pai não queria que eu trabalhasse em rádio. Arranjou para mim um emprego no CNP (Conselho Nacional de Petróleo), em Madre de Deus. No entanto, surgiu a oportunidade de trabalhar na Rádio Cultura. Tive de fazer um estágio de um ano e pouco na emissora, não recebia nada. Mi-



◀ Perfilino no estúdio caseiro da sua "A Era do Rádio".

FOTO: GENTIL



A Cultura era a rádio mais popular, líder de audiência absoluta durante vários anos, inclusive graças ao Spínola Cardoso. Foi com ele que aprendi a fazer o jornalismo investigativo, porque ele pegava o gravador, saía para investigar os crimes e dava a notícia muito antes da polícia.

nha mãe que dava dinheiro para o transporte. Como fui reprovado como locutor, a opção foi ser operador de rádio. Sempre colecionei discos, desde pequeno. Comprava disco toda semana com o meu pai. Então encontrei mais facilidade em ser operador. Trabalhava no turno da manhã, abria a rádio às 5 horas e ficava até as 10. Depois ia estudar. Havia dias em que trabalhava no departamento de notícias, fazendo radioescuta. O chefe do departamento de notícias da Rádio Cultura era o polêmico Nilton Spínola Cardoso, que fazia o programa “Na polícia e nas ruas”.

Spínola depois foi acusado até de ser informante de bandido, não é?

Bom, ele tinha várias pechas, inclusive de que era mulherengo, que era isso, aquilo... [risos]. Na realidade, havia um fundo de verdade, mas a Cultura era a rádio mais popular, líder de audiência absoluta durante vários anos, inclusive graças ao Spínola Cardoso. Foi com ele que aprendi a fazer o jornalismo investigativo, porque ele pegava o gravador, saía para investigar os crimes e dava a notícia muito antes da polícia. Ele fazia as coberturas e trazia para a rádio para nós ouvirmos e condensar aqueles fatos em notícias. Era um cara muito ousado. Recordo que, certa feita, desafiou o secretário de Segurança Laurindo

Régis a se encontrar na Praça da Piedade, de homem para homem. Isso porque ele fez uma série de acusações contra o secretário. Nilton tinha uma rede de informantes que eram chamados alcaguetes.

Você encontrou França Teixeira na Cultura?

Sim. Eu estava com 18 anos e ele com 16. A gente se aproximou e, como ele tinha uma voz muito imposta, muito bonita, ia estrear na rádio. Participou dos ensaios e dos testes. Quem quisesse entrar na rádio e ter acesso à locução precisava fazer também um exame de conhecimentos gerais, em que entravam noções elementares de inglês, francês, italiano e até esperanto. E teste de trava-língua. Pegar uma caneta, pôr a caneta em horizontal [na boca] e dizer cinco vezes: “A aranha arranha a jarra, a jarra arranha a aranha.” Mas isso tinha de ser rápido. Se você não fizesse as cinco vezes, perdia.

Como foi sua estreia na rádio?

Depois do estágio fui trabalhar como operador com Milton Santarém. Recordo que, logo no primeiro dia, foi uma decepção para mim. Quando fui apresentado a Santarém, ele disse: “Você veio fazer o quê?” “Vim aprender”, respondi. “Mas não vou ensinar a ninguém, porque essa rádio não paga. Pode ir para casa”, ele completou. Ele estava, nesse dia, apavorado, a rádio atrasava os salários dois, três meses. Fiquei decepcionado. “Mas só vou olhar”, retruquei. E ele: “Mas olhando não aprende.” Eu me levantei, ele pegou duas caixas de LPs, botou na cadeira, me deixou em pé. Fui falar com o gerente da rádio, Gilberto Mascarenhas, e ele mandou que eu voltasse em outro horário. Então, voltei e passei a trabalhar com Carlos Pinha. Depois de algum tempo, Pinha achou que eu já podia ir para a mesa [de controles]. “Vamos fazer um teste”, disse. O teste era na “Hora do Angelus”, às 18 horas. O locutor anunciava a hora certa e a gente trabalhava com dois picapes. Tinha [de soltar] o prefixo da hora certa num e, no outro, o *jingle* da promoção do horário da “Voz do Brasil”, que era Cesta de Natal Titanus. Na “Hora do Angelus”, Alfredo Gomes lia a crônica da Ave-Maria, um momento de reflexão. Então, quando o locutor chegou, anunciou: “Cesta de Natal Titanus anuncia a próxima atração.” Em vez de soltar o da Cesta de Natal, soltei o *jingle* do Café Cresto, que era uma espécie de rumba [risos]. Pinha exclamou: “Levanta, levanta!” Isso, para mim, foi meu primeiro fracasso no rádio.

Você falou do seu primeiro fiasco, agora fale do seu primeiro grande louvor.

Consegui dar a volta por cima e chegar aos dias de hoje sendo homenageado pela Câmara Municipal de Salvador e pelo governo do estado. O exemplo maior do que o rádio tem feito para mim é que, depois de sofrer algumas decepções na própria Rádio Educadora, acabei migrando para a internet e criei a

minha emissora, A Era do Rádio. Hoje digo que sou um velho, com 83 anos, de cabeça virada por uma menina chamada Era do Rádio. No momento, o *site* Era do Rádio, na internet, (www.eratoradio.com.br) está com 616.526 ouvintes visitantes. Então, digo hoje que esse velhinho, o rádio, com cento e poucos anos, está na plenitude de sua vivacidade, da sua força total, porque ele tem como aliada a internet. Considero a internet o viagra do rádio.

Como se deu essa sua entrada na internet?

Minha vida no rádio sempre foi marcada por desilusões. Acontece que, no momento em que sofro uma desilusão, não abaixo a cabeça, sou persistente. Então, quando em 2017, na Rádio Educadora, sofri uma decepção, achei que a maneira de desafogar essa decepção era migrar para a internet. Apesar de ser um analfabeto [no assunto], com essa idade de 83 anos, criei a Era do Rádio.

Como foi essa migração?

Em 2005, conheci Samuel Pedro, um técnico que foi lá em casa consertar o computador, e ele acho que, com o acervo que eu tinha, poderia muito bem criar um *site*. Eu resisti, como a maioria das pessoas na minha idade resiste à internet. Depois de alguns anos e [de] sofrer essa decepção na Educadora, parti para lá. Então, Samuel me deu toda a orientação. Junto com o amigo Valdimir Cabral, compramos um computador e instalei a Era do Rádio, que é a minha menina dos olhos. É o mais honesto trabalho de radiodifusão, porque desmistifica a questão da audiência do Ibope. Eu posso saber quem está me ouvindo em qualquer parte do mundo. Tenho ouvinte no Cazaquistão, do outro lado do mundo. Tenho ouvintes na Alemanha, pessoas que ouvem, às vezes, por 10, 12 horas. Em Portugal, na França, na Suíça. Aliás, tenho mais ouvintes no exterior do que no Brasil. Essa é a grande realidade.

Por que considera o trabalho mais honesto de radiodifusão?

Porque estou fazendo um trabalho voltado para a cultura, sem apoio, aí é que está o detalhe. Não tenho apoio de ONG, não tenho apoio de [Lei] Rouanet, não tenho apoio de Faz Cultura, nem tenho apoio de PQP. Faço o rádio às minhas custas. Então, faço uma rádio cumprindo a função social pregada lá atrás por Roquette-Pinto, que é repassar a informação, cultura, lazer. Tenho um acervo, de 5.982 programas

de rádio, que estou usando na grade da Era do Rádio. E algumas curiosidades, por exemplo, além de ouvintes em tudo quanto é parte do mundo, no Brasil, tenho dois ouvintes no cemitério. Tenho um mapa em que vejo de onde me ouvem, sei quem está me ouvindo, não sei a pessoa, mas pelo IP identifico o seu celular, computador, notebook. Então, sei que você está me ouvindo ou não. Sei o horário em que alguém acessou a rádio. Então, às vezes, quando a pessoa mente dizendo “estou escutando-o”, eu digo “você está faltando com a verdade”, porque não aparece aqui na administração [dados] da rádio.

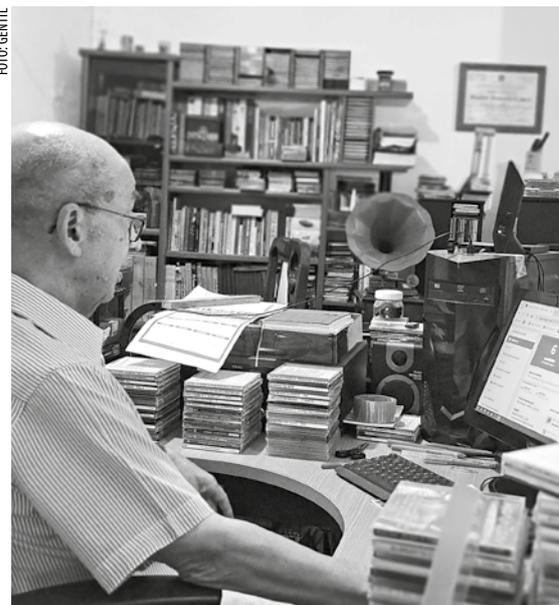
Quantos fonogramas você tem?

Tenho milhares de fonogramas. Posso dizer que o que eles chamam de fonogramas são músicas. Eu me recordo bem dos programas de rádio que produzi ao longo de 65 anos de atividade. Eu estou com 83 anos e 65 deles dedicados ao radiojornalismo, até porque, paralelo a isso, nunca me afastei da notícia e estou sempre divulgando, tanto que, nesses programas que faço na Era do Rádio, mesclo com música, hora certa e sempre programas culturais. Falar, por exemplo, sobre a origem do samba, a origem do choro. O que é choro? Não havia música brasileira, a música era importada. O que chegava aqui era *charleston*, valsa, *polka*, *ragtime*. Então, os músicos brasileiros, tocadores de violão e cavaquinho, tocavam esse tipo de música a seu modo, de modo dorido, de modo magoado, de modo choroso, daí a expressão choro. Tenho um programa, “Encontro com o Chorinho”, que começo na Rádio Cultura, em 1970, com o nome de “Em Tempo de Choro”, do qual participavam Os Ingênuos de Edson Sete Cordas, juntamente com Osmar Macedo, pai de Armandinho. Tenho entrevista com o Osmar Macedo, apresentando o Armandinho, Altamiro Carrilho, Ademildes Fonseca. Com o “Encontro com o Chorinho” ganhei o primeiro lugar no Festival de Música Internacional de Xangai, no qual concorri com [programas de] 120 países, em 1993. O programa vencedor foi “O choro, sua história e sua glória”.

Qual é o total do seu acervo?

Tenho cerca de 100 mil LPs de 10 polegadas, 40 a 50 mil compactos simples, com duas faces, cerca de 20 e poucos mil de compacto duplo. O compacto duplo tinha duas músicas em cada lado. Entrevistas feitas por mim, tenho talvez 600 e poucas.

FOTO: GENTIL



Eu estou com 83 anos e 65 deles dedicados ao radiojornalismo, até porque, paralelo a isso, nunca me afastei da notícia e estou sempre divulgando

Agora, entrevistas que adquiri, inclusive, através do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, do Museu da Imagem e do Som de Curitiba, de São Paulo, também tenho um total de 1.500 e poucas entrevistas.

Com quem?

Centenas de artistas. Aliás, tenho entrevista com Hitler, com Stálin, coisas que comprei, porque isso faz parte da minha doença pelo rádio, por colecionar coisas velhas. De todos os presidentes da República tenho entrevista. Por exemplo, Getúlio Vargas anunciando a criação do salário-mínimo, com aquela frase tradicional: “Trabalhadores do Brasil!”.

Você tem discurso de Winston Churchill, da Segunda Guerra?

Tenho o discurso de Churchill, como também tenho uma entrevista de Heron Domingues, apresentador do Repórter Esso, contando a história da Segunda Grande Guerra Mundial.

Como está disposto esse arquivo dentro da sua casa?

O acervo fica misturado. Guardo, por exemplo, a maioria das entrevistas através de gravador com fita cassete. Como não posso estar todo dia botando para girar, guardo em caixas de isopor. Tenho 12 caixas dessas grandes. Cada uma com 300 e poucas fitas. Para não dar mofo, enrolo as fitas com papel laminado e ponho todas dentro de caixa de isopor. A secretária não limpa as áreas onde ficam os itens do meu acervo, porque, se for limpar, ela muda de posição. Então, quando vou procurar, encontro dificuldade. Ou, quando ela limpa, tenho de estar presente, porque, se tirar de posição, me perco.

Como fica a distribuição disso dentro de casa?

O acervo fica em cima e embaixo. Agora, claro que nos quartos não vou deixar, até porque meus filhos não permitiriam, nem a mulher. Mas no corredor, nas escadas. Comprei muito porta-CD há 20 anos. Então, a parte de porta-CD tenho no primeiro pavimento e no segundo também. Tenho a parte, por exemplo, de clássicos, de Beethoven, de Händel, de Mozart, de Tchaikovsky no terceiro pavimento.

Radialista. Como surgiu esse nome?

Quando Getúlio Vargas começa a paixão pelo rádio, não havia uma definição do profissional que trabalhasse em rádio. Era chamado de radista, radiófono. Então, ele resolve criar uma comissão para dar um nome definitivo ao profissional de rádio. Também criou uma legislação para regulamentar não só a profissão, como também o próprio serviço de radiodifusão. Desse grupo de trabalho, participou um radialista, Nicolau Tuma, que, diante dessa série de palavras que identificasse o rádio, criou a simbiose de rádio com idealista: radialista. Então, me considero um idealista do rádio.



Enquanto houver imaginação, vai haver rádio.

Depois de ter sido operador na Cultura, como seguiu na profissão?

Passsei 43 anos na Rádio Cultura. Depois que deixei a condição de operador, fiquei como repórter no Departamento de Notícias, fui chefe do Departamento de Notícias durante 25 anos, como também fui editor de política durante 6 anos. Então, chefeiei o Departamento de Jornalismo. Também fui discotecário. Só não fui publicitário nem diretor de rádio porque, mesmo naquela época, para ser diretor de rádio, tinha de ter um padrinho político, e eu nunca me associei a político, porque essa questão de misturar política com rádio é meio que você botar óleo na água, não se casam, não são homogêneos.

Em que momento você passa a fazer parte da Rádio Educadora da Bahia, do Irdeb?

Quando trabalhava na Rádio Cultura, também fui assessor de comunicação social da SSP e escrivão de polícia concursado. Tinha três atividades. Ao mesmo tempo, escrevia para o Estado da Bahia, com o pseudônimo de Ferreira Neto. Tinha duas colunas, uma sobre rádio e outra sobre música. Então, no final dos anos 70, o mestre Cid Teixeira, que fazia a “Enciclopédia Cultura” na Rádio Cultura, disse: “Você quer ganhar um dinheiro extra? Vá amanhã ao Irdeb, procure fulano que eles vão fundar uma rádio e estão precisando de pessoas que produzam programas culturais.” Então, aos 38 anos, vou para o Irdeb como *freelancer*.

Seu esmero na produção dos programas causou ciúmes na Educadora?

Tenho certeza de que o compromisso que tive com o rádio sempre foi mal entendido pelos dirigentes das emissoras. Às vezes, minha família diz: é inveja. Não acredito que tenham inveja de mim. É que assumo a coisa com responsabilidade. Sou um idealista do rádio. Isso desagradou a muita gente.

Nesse caminhar de perseguições e decepções, coisas que você tinha feito que serviriam para a história da Bahia foram criminosamente apagadas?

Vários programas meus, como também de Cid Teixeira, foram apagados e jogados no lixo. Tanto que alguma coisa eu recuperei, como Cid Teixeira também recuperou. E isso ocorreu na gestão do professor Acácio Ferreira.

No governo Waldir Pires.

Sim. Entrevistas de Carlos Prestes, Menininha do Gantois, Glauber Rocha, Camafeu de Oxóssi, Cosme de Farias, Jorge Amado e outros personagens, tudo em fita a rolo foram jogadas no *container* da prefeitura. A fase de, vamos dizer assim, destruição do acervo da fita-rolô, acontece na gestão da doutora Altiva, chefe de gabinete do diretor Acácio Ferreira. Ela queria usar a sala onde estavam as fitas do acervo do

Irdeb, então aproveitou um fim de semana e mandou jogar tudo fora. Quando nós chegamos na segunda-feira, a quantidade era tão grande que, embora ela tivesse feito isso no sábado, na segunda-feira ainda havia fita-rolô na porta do Irdeb. O conteúdo dessas fitas era fundamental para a história da Bahia. Recordo que havia, por exemplo, Hildegardes Vianna contando a história de Salvador do seu tempo, falando da festa do Bonfim, da festa da Ribeira, Camafeu de Oxóssi falando sobre o Mercado Modelo, Carlos Prestes falando sobre a história política dele.

Quais os livros que você publicou?

Escrevi “Memória do Rádio”, contando toda a história do rádio na Bahia, lançado em 2010. No segundo livro, “Curiosidades e Pitorescos do Rádio na Música Popular”, abordo não só a história do rádio na Bahia, bem como a história do rádio em todo o país, conto fatos pitorescos, engraçados. Já o terceiro livro é do meu amigo Antônio Costa, que me fez uma homenagem, dando o título de “Perfilino Neto, Enciclopédia do Rádio”, ao qual eu muito resisti, não me considero enciclopédia do rádio. O rádio é que foi minha enciclopédia. Já o novo livro que estou tentando escrever é sobre a face oculta da MPB. Nele, há fatos engraçados; por exemplo, Jacob do Bandolim começa tocando com o mestre do bandolim, que era considerado o maior bandolinista do mundo, Lupércio Miranda. E Lupércio não gostou de Jacob, com 16 anos, tocar de modo tão técnico, diferente dele. Então, um dia o chamou e disse: “Você está tocando o bandolim errado. Tem de puxar as cordas do bandolim de baixo para cima, não de cima para baixo.” Ele queria tirar Jacob da jogada. Passou algum tempo, Jacob continuou. Na volta de um ensaio, Lupércio chamou Jacob, atrás da cortina: “Já disse a você que você está tocando errado e pare de tocar minhas músicas, porque, senão...”, aí ele mostra o revólver na cintura. Jacob, numa entrevista, disse que nesse dia foi para casa chorar, porque Lupércio Miranda fez isso com ele.

Você acha que foi boa ou ruim para o rádio da Bahia a presença de profissionais de outros estados?

A melhor fase do rádio foi quando ele foi dirigido por pessoas de outros estados. O exemplo maior foi de Henrique Foréis Domingues, o Almirante, “a maior patente do rádio”, que veio dirigir a Rádio Sociedade

da Bahia, durante 6 ou 8 meses, parece. Antônio Maria [compositor e cronista] é outro também que vem para cá. Pernambucano, Antônio Maria moralizou e valorizou o rádio na Bahia e acabou fazendo uma descoberta que marcou na história do samba. Oscar da Penha, o Batatinha, participou do programa “Campeonato do Samba” [da Rádio Sociedade da Bahia] imitando Vassourinha, um cantor paulista, que morreu com 14 anos, mas deixou oito discos gravados. Quando foi um dia, chamaram Oscar de Vassourinha da Bahia; Antônio Maria, como produtor do programa, disse assim: “E agora com vocês, Oscar da Penha, o Batatinha.” Então o pessoal aplaudiu. Depois que terminou, Batatinha não gostou: “Mas, seu Maria, por quê?” E ele: “Porque ficam lhe chamando Vassourinha...Vassourinha está em São Paulo. Vassourinha já morreu com 14 anos. Você tem de ter a sua identidade, seu nome.”

Como é a história da música “Na Baixa dos Sapateiros”?

Moreira da Silva vendia música, Cartola vendia. Havia um tipo de tratamento que eles dividiam com o comprador. O compositor não vendia a autoria, vendia só a divulgação, o direito de o comprador ganhar pela vendagem. Moreira da Silva disse que isso era comum. E Assis Valente também vendeu muito, inclusive a própria música “Na Baixa dos Sapateiros”.

“Na Baixa dos Sapateiros” pertence, pelo que você sabe, a Assis Valente?

Exato. Só que ele a vendeu a Ary Barroso. E depois, reforçando essa informação, fiz uma entrevista com o Nilton Spínola Cardoso e ele contou que isso é “verdade verdadeira.” Quando Ary Barroso veio a Salvador, década de 40, se apresentar no Cine Teatro Jandaia, na Baixa dos Sapateiros, fez amizade com Spínola, logo no primeiro dia. No segundo dia, Ary Barroso pediu que o levasse à Baixa dos Sapateiros, porque, na realidade, ele não conhecia a Baixa dos Sapateiros. Até porque, a essa altura, já havia aqui o buchicho de que “Na Baixa dos Sapateiros” era de Assis Valente, que a tinha vendido a Ary Barroso.

Como é que você falou pela primeira vez na rádio?

Sempre fui uma pessoa tímida, tanto que, às vezes, eu chegava à casa de discos, escolhia três, quatro discos, o vendedor vinha, me oferecia esse e aquele e eu ficava com

vergonha de dizer que não havia gostado. Essa timidez eu levo para o rádio, mas acontece que a vontade de ficar no rádio e de fazer programa era maior. Começo no programa de Joceval Costa Lima, na Rádio Cultura, por volta de 1974. Ele tinha um programa de muita audiência e, na época, eram comuns as expressões cafonália, coisa arcaica, velha, superada. Então, ele anunciava: “Ferreira Neto apresenta ‘A Hora da Cafonália.’” Ferreira Neto era eu, já com o pseudônimo que usava no jornal. Eu pegava uma música de Ademildes Fonseca, falava sobre ela e tocava. Portanto, começo assim no microfone pela primeira vez.

E como é que você acha que o rádio deveria estar hoje?

Lamento muito [a atitude] dos dirigentes de rádio na Bahia, porque inclusive no Sul já estão fazendo um rádio utilizando muito a força da internet, a grande aliada do rádio. E, na Bahia, eles não estão sabendo usar essa força da internet. Aliás, digo que de todos os veículos de comunicação o rádio foi quem mais foi bafejado com a internet. O exemplo é que você hoje está com o rádio aqui no celular, para cima e para baixo. Onde você estiver, você ainda não pode fazer isso com a televisão, com o computador. Ele penetra na sua imaginação. Enquanto houver imaginação, vai haver rádio.

Alguma vez já lhe disseram que parasse, se aposentasse?

Em 2003, fui procurado pelo diretor que estava sendo empossado [Irdeb], João Paulo, juntamente com o seu grupo de intelectuais, entre aspas, que achavam que iam fazer uma série de mudanças no Irdeb, inclusive chegaram, já no primeiro dia, me dizendo que iam derrubar paredes, iam fazer isso e aquilo, que pretendiam ficar 8 anos no Irdeb. Depois, me levaram à discoteca e lá o diretor João Paulo, na presença de Wellington Aragão, jornalista também, virou para mim e disse: “Seu Perfilino, não está na hora de o senhor se aposentar?” Disse a ele que eu tinha um compromisso com o rádio, que estava ainda na plenitude do meu trabalho e que não havia por que me aposentar a essa altura, numa aposentadoria que não fosse compulsória, até porque eu esperava a aposentadoria compulsória. Então Wellington Aragão, que estava do lado, disse: “E você ainda tem voz para falar em rádio?” Eu respondi a ele: “Eu não tenho voz, mas eu tenho vez.” E encerrou o papo. ■



OBSERVATÓRIO da Indústria

INFORMAÇÃO QUE GERA

COMPETITIVIDADE

O maior hub de dados da indústria baiana chegou para captar, conectar e analisar indicadores. Com ele, será possível transformar informações consistentes em conhecimento, conhecimento em insights, ideias em inteligência de mercado, estratégia em planejamento, planejamento em decisões mais assertivas.

É mais inovação, tecnologia, pesquisa, tendências e cenários possíveis. É mais prospecção e visão de futuro. Observatório da Indústria da Bahia, a conexão que faltava para o setor ficar ainda mais competitivo.



ACESSE:

fieb.org.br/observatoriodaindustria

    sistema_fieb

FIEB Federação das
Indústrias do Estado
da Bahia

Ensaio Fotográfico



Miltinho · Manoel · Manu

Nesta edição, a segunda com ensaios fotográficos, pedimos licença para uma aproximação fotopoética com as vidas de 3 veteranos, ícones de uma imprensa que caminha à margem das grandes redações. Quem se encontrar nas cenas a seguir, certamente se lembrará de pichações, mosquitinhos, *big-hands*, boletins mimeografados, poemas e canções...

O pretexto para o nosso ensaio **3M** é mostrar, em uns poucos cliques, a relevância dos acervos de Milton Mendes Filho, Miltinho, de seu rebento profissional, Manoel Porto, e de Manu Dias. Trata-se de uma rápida visita aos registros preciosos das lutas sociais na Bahia entre os anos 1970 e 1990.

Dessas priscas eras até os dias de hoje, com a pandemia no meio do caminho, o sumiço de Miltinho levou muita gente a supor sua partida. Ele foi se afastando da cobertura dos movimentos sociais — sobretudo da Fetag, uma de suas paixões — por motivos de saúde. Vive em Pojuca, a cerca de 80 km de Salvador, ao lado de Nice, sua atual companheira, com a simplicidade da vida inteira e cercado de todos os cuidados. Mas limitado a um leito hospitalar com suporte de oxigênio 24 horas.

Adotado profissionalmente por Miltinho aos 16 anos, Manoel Porto segue na mesma trilha profissional aprendida com o mestre. Fotógrafo dos movimentos sociais, continua na cobertura da pauta que não mobiliza as equipes de reportagem dos veículos comerciais. Como o protesto dos baleiros, para quem

o então prefeito Antônio Imbassahy queria fechar as portas dos ônibus como local de trabalho. Ou a II Caminhada de Retorno dos Mártires da Revolta dos Búzios, em 8 de novembro passado, no embaló da Revolta dos Búzios, filme de Antônio Olavo.

Completando o trio, Manu Dias. Escolheu o mesmo lado da história, mas empreendeu, investiu muito em tecnologia e, quando um velho cliente sindicalista se elegeu governador da Bahia, sentou praça na Coordenação de Fotografia da Secom a partir de 2007. Deu-se ao trabalho de voltar no tempo, organizar, digitalizar o registro fotográfico de décadas de realizações administrativas e da movimentação política na Governadoria e no Palácio de Ondina até a década de 1970. E transformou a cobertura fotográfica da agenda dos governadores em sucesso de audiência nas redes sociais do Governo da Bahia desde a gestão de Jaques Wagner.

Lançada na semana do aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, esta 6ª edição lembra os versos de uma antiga canção: “somos todos iguais, braços dados ou não”. Pode-se supor que as lutas sociais das décadas vindouras se darão de formas muito diferentes de cenas como as que ilustram as próximas páginas. E se, justamente nesta edição, discutimos os impactos da IA no fazer jornalístico, é para lembrar que no centro de tudo, ontem e hoje, está a luta pela vida. Pelo direito à vida plena.

E vida é movimento...

Ernesto Marques



EDUCAÇÃO
LUTA

MOVIMENTO ESTUDANTIL

Baianos enchem as ruas do centro de Salvador para protestar contra o regime militar, o custo de vida e o governo do Estado. As passeatas, organizadas pelas esquerdas, eram frequentes nos anos 1980 e 1990 na capital baiana.



Manu Dias



Manu Dias



Manu Dias



Manu Dias



Manoel Porto



Manu Dias



Manoel Porto



Manoel Porto



Manoel Porto



Manoel Porto

MOVIMENTO SINDICAL

Manifestações do Sindquímica, um dos sindicatos mais atuantes na Bahia.

A entidade lutava por melhores condições de trabalho no Polo Petroquímico e contra a ditadura.

Foi o nascedouro de duas lideranças que se tornariam governadores: Jaques Wagner e Rui Costa.



Miltinho



Miltinho





Manoel Porto



Manoel Porto



Miltinho



Manoel Porto



Miltinho

MOVIMENTO SOCIAL



Miltinho



Manoel Porto

Mobilização dos partidos de esquerda, sindicatos e estudantes pela aprovação da emenda do deputado Dante de Oliveira, que instituiu a eleição direta para presidente da República (o movimento "Diretas Já").





Manu Dias



Manu Dias



Manu Dias



Manoel Porto



Manu Dias



Manoel Porto

► O registro da desigualdade social na vida de favelados e do trabalhador do campo, uma das marcas do repórter fotográfico Milton Mendes.



Miltinho



Miltinho



Miltinho



Miltinho



Miltinho



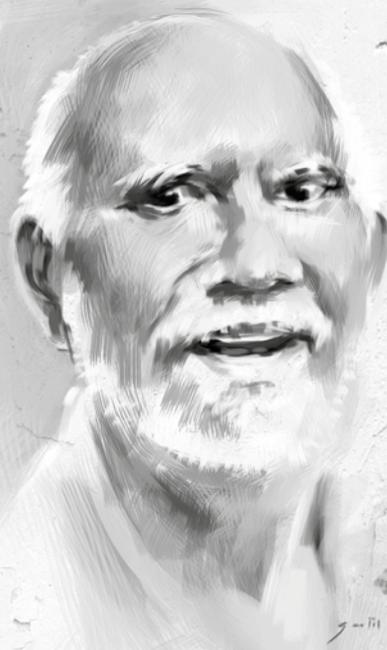
Miltinho

▲ Acima: comício dos partidos de esquerda com a participação do deputado Chico Pinto.

▲ Acima: Dois momentos da política na Bahia. Waldir Pires recebe o deputado Ulysses Guimarães na Câmara Municipal de Salvador; e o registro de um dos comícios do candidato das oposições ao governo do Estado, em 1990, professor Roberto Santos.

Milton Mendes Filho e o poder, força, densidade e beleza estética das imagens na cobertura jornalística

Emiliano José
Jornalista e escritor.



Miltinho era o nosso peito de pomba. Um dos melhores do Colorado, nosso time da Galeria F, da Penitenciária Lemos Brito, em Salvador, situada no bairro da Mata Escura.

Apesar do peito de pomba, mata-va uma bola como ninguém.

Corria muito, dribble fácil, nem olhava pra bola, goleador.

Bem-humorado, sempre.

Compunha uma espécie de roda de samba dentre os presos, onde despontavam Diogo, Denilson, Zé Carlos, Moreira, Zanetti, além dele próprio, capazes de tornar mais alegre aquele ambiente rotineiramente sombrio.

Era sempre alegria, alegria.

Pertencia ao Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), organização revolucionária, de combate à ditadura, partidária da luta armada.

O MR-8 dividia com Ação Popular (AP) a condição de maior bancada de prisioneiros políticos da Galeria F.

Cabeça fresca.

Não era de se atormentar diante dos problemas.

Tocava em frente.

Teve sete filhos.

Os sete, com três mulheres.

Rosa Mendes, a primeira, me informou.

Querida Rosa, vivendo em Roma há muito tempo. Bibliotecária da Tribuna da Bahia, quando cheguei ao jornalismo, em 1974.

Numa de minhas passagens por Roma, me acolheu na casa dela, então ali, ao lado do Vaticano.

Do casamento dos dois, nasceram Joana e Júlia.

Separou-se, casou-se com outra, e desta relação nasceram Marília e Mateus.

Separou-se, casou-se com outra, e daí nasceram João Miguel e os gêmeos Gabriel e Rafael.

Com Nice, a mulher a cuidar dele até hoje, porque em condições de saúde grave, não teve filhos.

Ao sair da prisão, como muitos de nós, abraçou o jornalismo.

Fotojornalismo.

Um olhar aguçado, um insuspeitado olhar para fotografar.

Aprendido, Deus sabe onde.

Sobretudo, capacidade para visualizar o sofrimento humano, a tragédia social, o olhar dos pobres, dos desvalidos.

Pude testemunhar isso diretamente, eu e ele cobrindo invasões, chamavam-se assim então, as ocu-

pações de terra em Salvador.

As fotos dele sempre falavam mais.

Gritavam.

O texto, pobrezinho, ficava lá, em segundo plano.

As fotos, afora se constituírem num tapa na cara das classes dominantes brasileiras, pela denúncia vigorosa da concentração de privilégios e de renda, guardavam sempre uma força estética impressionante.

O olhar do artista, dos fotógrafos do mundo do jornalismo, esse olhar raramente é reconhecido.

Por isso, celebro, e muito, a grandeza da ABI de retirar Milton Mendes Filho da obscuridade, desse inaceitável manto de silêncio a que são condenados tantos talentos.

Tantos jornalistas, a cobrir os acontecimentos com imagens, a revelar o mundo de maneira tão nítida, tão forte, a fazer com os jornalistas do texto um conjunto inseparável e complementar.

Parabéns à ABI.

A Miltinho, esteja como estiver, o meu abraço fraterno, minha celebração de amizade e companheirismo eternos, nascidos nas catacumbas da ditadura e, talvez por isso, tão fortes e inabaláveis. ■



Gabriela de Paula

Jornalista especializada em tecnologia e inovação, Gabriela de Paula é editora-chefe na Ayoó, criadora do "Bom Dia, Futuro" e palestrante TEDx. Foi âncora na Band News e na Metrópole FM, apresentadora na Band TV, assessora na Telefônica Vivo e Secti-BA. É autora de livros e roteiros em temas históricos. Vem ministrando cursos sobre transformação digital na comunicação.

Quem está no comando? Jornalismo nos tempos de IA.

Não adianta negar. Temos um concorrente que não se limita a conquistar a nossa audiência. Ele avança sobre a essência do nosso ofício e, sob alguns aspectos – dói admitir –, ele é melhor que a gente.

Antes de brigar comigo ou jogar a toalha, proponho que se sente, pegue um café e mantenha o senso investigativo, que é condição primordial para quem insiste em ser jornalista. Mantenha-se perto, amigo, porque queremos trazer o inimigo para mais perto ainda.

Estamos diante de uma tecnologia que fascina e apavora. Afinal, ela tem o potencial de causar um impacto do mesmo tamanho daquele causado pela eletrificação. Só que num intervalo de tempo muito menor. As inteligências artificiais generativas vieram para nos mostrar que é possível ter textos, vídeos, músicas, pinturas e até algo muito semelhante à fotografia realizados com a mínima interferência da criatividade humana. Grifo no "mínima", editor. Porque alguém precisa dar o comando, escrever o PROMPT. E é aqui onde está a chave da nossa conversa.

Pensando nas ferramentas que geram textos como ChatGPT e Gemini, as chamadas LLM, Grandes Modelos de Linguagem, na tradução. Elas foram carregadas com um volume quase infinito de textos produzidos por seres humanos para que aprendessem o jeito como escrevemos, como encadeamos raciocínios, a forma como explicamos conceitos. Esse treinamento ocorreu, em boa parte, com conteúdo jornalístico. Mas por quê?

"Textos jornalísticos são ideais para treinar modelos de linguagem porque são bem escritos e seguem normas gramaticais, ajudando na produção de linguagem clara", revela o ChatGPT. "Eles cobrem uma ampla gama de temas, enriquecendo o vocabulário do modelo, e refletem o uso atual da língua, incluindo expressões contemporâneas. Além disso, o foco em objetividade e precisão factual desses textos aprimora a habilidade do modelo em fornecer respostas informativas", completa o *chatbot* avançado de linguagem natural. É como se elas tivessem estagiado em nossas redações. Em todas ao mesmo tempo.

Uma vez que ela aprendeu com a nossa produção, faz sentido que agora a gente saiba como aproveitar o que há de melhor nessa ferramenta. Sem perder de vista que, por mais fascinante que seja, é tão somente uma ferramenta. Toda tecnologia é uma excelente serva e uma terrível senhora. A gente precisa ter muita clareza sobre quem é que manda.

"Em um mundo cada vez mais automatizado

pela IA, os jornalistas se tornam os guardiões da ética e da profundidade nas informações", avalia o Gemini. "Enquanto a IA processa dados rapidamente, os jornalistas são indispensáveis para a análise crítica, a investigação aprofundada e a construção de narrativas significativas, garantindo a qualidade e a relevância do jornalismo", explica o sistema.

A IA de texto é muito superior a qualquer um de nós em pegar um volume gigantesco de material, processá-lo e gerar um resumo. É bastante eficiente, mais do que muitos colegas de carne e osso, para revisar gramaticalmente um conteúdo, ainda mais aquele na hora do fechamento. Rapidamente, ela gera variações para canais diferentes e, bem treinada, pode sugerir títulos e até uma primeira base de texto para uma matéria. É uma mão na roda para desgravar áudios enormes de forma praticamente instantânea. E onde ficamos?

Se ela é boa em nos dar respostas e realizar grandes volumes de tarefa, alguém precisa fazer as perguntas. E jornalistas são grandes perguntadores, o que faz de nós profissionais de linha de frente na relação com essa tecnologia. Isso não é uma visão corporativista sobre o futuro das profissões em tempos de IA. Conversei com executivos de empresas baseadas nessa tecnologia e todos apontam que jornalistas, psicólogos e advogados saem na frente para usar um instrumento que deve ser questionado para funcionar. E a linguagem direta e objetiva do jornalismo nos dá uma certa vantagem.

Por mais que as inteligências artificiais gerem textos, elas não criam textos. Elas reescrevem. São uma mistura de arquivista e copidesque. Substituem bem aquele estagiário diligente e metódico que entrega exatamente o que foi pedido, escrito corretamente e nada mais. A IA é aquele repórter que volta sem matéria nenhuma para a redação porque a pauta era "dia do professor" e, chegando lá, a escola estava pegando fogo. Ela só vai fazer estritamente o que você pedir. Mas, pedindo direitinho, ela entrega.

Se você ainda não colocou uma IA na sua rotina, faça-o urgentemente. Mais que uma, se puder, para descobrir a que melhor funciona para você. Há muitas tarefas que você poderá delegar a esse novo assistente, desde que crie intimidade com esse potencial. Por isso, estresse essa relação, coloque o robô em desconforto, proponha desafios. Nosso concorrente bem empregado será um forte aliado, ajudando com respostas rápidas a quem fizer boas perguntas. É o grande momento para usar aquilo que jornalistas têm de sobra: a curiosidade. ■



Lucas Reis

Doutor em Comunicação, presidente da ABMP, vice-presidente de Operações do IAB Brasil, fundador da Zygon e realizador do Scream Festival. É pesquisador de Big Data aplicado à Comunicação, tendo sido *speaker* no Workshop "Comparative Approaches to Disinformation", promovido pela Harvard University. É professor da Miami AdSchool, autor do livro "Publicidade Digital: tendências da nova fronteira publicitária". Foi selecionado em 2022 pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos como um Líder das Américas.

Sobreviver e Prosperar: Oportunidades da IA para o Jornalismo

Nos últimos anos, a Inteligência Artificial (IA) tem desafiado os padrões de diversos setores, inclusive o do jornalismo. Sua capacidade de criar conteúdos multimodais – texto, imagem, áudio e vídeo – em grande escala e velocidade tem o potencial de provocar uma disrupção no campo. Disrupções sempre trazem riscos e oportunidades, e quando parecem ser inexoráveis, é recomendável identificar e mitigar os riscos, enquanto explora as possibilidades de forma consciente. Acredito que muito se fala sobre os riscos, por isso, dedico este texto a explorar as oportunidades.

IA como Aliada do Jornalista no Fluxo de Informação Acelerado

A IA apresenta benefícios que podem transformar positivamente o campo do jornalismo, permitindo que as redações respondam ao ritmo acelerado da cobertura dos eventos atuais. O fluxo de notícias *on-line* impõe um volume crescente de produção de conteúdo que reaja rapidamente aos acontecimentos, pressionando os profissionais, reduzindo o tempo disponível para investigações aprofundadas e limitando o contato entre jornalistas e suas fontes.

Nesse contexto, a IA tem o potencial de assumir tarefas repetitivas e operacionais, como a produção de matérias de menor complexidade (validadas posteriormente por uma jornalista) e a automação de tarefas rotineiras. Isso, por sua vez, pode liberar o jornalista para focar em pautas de maior impacto e em projetos investigativos de longo prazo, que exigem uma análise crítica e aprofundada.

De acordo com uma pesquisa recente realizada pelo grupo de Tecnologias, Processos e Narrativas Midiáticas da ESPM-SP, em parceria com o boletim *Jornalistas&Cia*, 56% dos jornalistas brasileiros já utilizam IA em suas atividades diárias, com o principal foco na produção de conteúdo (53,9%), apuração (27,2%) e distribuição de informações (20,1%). Esses dados mostram que a IA já integra o cotidiano de muitos profissionais, embora 38,3% ainda manifestem algum grau de desconforto ou desacordo com a tecnologia.

Mas mesmo com o uso crescente de IA nas redações, a falta de capacitação permanece um obstáculo significativo para a adoção plena e eficiente da tecnologia. O mesmo estudo revela que 69,2% dos jornalistas brasileiros nunca receberam treinamento específico sobre o uso de IA. Essa lacuna impede uma utilização mais estratégica da tecnologia e perpetua a insegurança em relação aos seus impactos na profissão.

Licenciamento de Conteúdos: Uma Nova Fonte de Receita para os Veículos

Um ponto relevante, e que raramente é discutido, é o potencial econômico dos conteúdos jornalísticos como fonte de dados para os modelos de IA. Grande parte dos modelos de linguagem são treinados com base em vastos volumes de dados, que incluem conteúdos de veículos jornalísticos. Licenciar esses conteúdos pode se tornar uma fonte valiosa de receita para os veículos, permitindo que a indústria compartilhe dos benefícios econômicos gerados pela IA que, em última análise, se alimenta de suas produções. Contudo, a viabilização deste modelo de negócios depende de uma atuação legislativa proativa, já que a disparidade de poder entre os veículos jornalísticos e as *big techs* dificulta negociações justas. Sem uma legislação que regulamente e exija a remuneração pelo uso de conteúdo, as empresas de mídia continuarão a fornecer material valioso sem retorno financeiro adequado.

Oportunidades e Caminhos para um Jornalismo Relevante na Era da IA

A proliferação de conteúdos gerados por IA pode reforçar sua relevância. O papel dos jornalistas na curadoria, análise, contextualização e validação da informação torna-se ainda mais necessário em um cenário saturado de conteúdos. Para aproveitar as oportunidades da IA e mitigar seus riscos, o setor jornalístico precisa se comprometer com um tripé estratégico: *advocacy* junto ao poder público, capacitação técnica das equipes e uma visão empresarial voltada para a inovação.

Esse último ponto é fundamental, visto que a indústria da informação tradicional não foi capaz de desenvolver modelos de negócios rentáveis no contexto da digitalização da produção e consumo de notícias. É preciso uma abordagem empresarial consistente para explorar o potencial da Inteligência Artificial Generativa. Ao adotar a IA de forma estratégica e intencional, a indústria da informação pode transformar essa disrupção em uma alavanca para a valorização do campo. Mais do que sobreviver, o jornalismo tem a chance de prosperar, potencializando sua capacidade de noticiar os fatos e reafirmando-se como a principal fonte de credibilidade e relevância em um público cada vez mais hiperestimulado e, por isso, desejoso de instâncias que organizem o fluxo do cotidiano. ■



Pyr Marcondes

Jornalista, sócio sênior da Pipeline Capital, CEO fundador da Macuco Tech Ventures, investidor, consultor e palestrante. Autor do livro "Jornalismo 4.0".

Haverá Jornalismo 4.0 ou não haverá Jornalismo nenhum

O jornalismo como o conhecemos está em vias de desaparecer.

Quando digo que está em vias de desaparecer, quero dizer:

1. Ele vai desaparecer.
2. Isso já está acontecendo.

Empresas *publishers* em todo o mundo enfrentam hoje um grave desafio de viabilidade comercial e financeira, basicamente por terem resistido, renitente e miopemente, às transformações digitais que já estão em curso há duas décadas e às quais parte delas não se integrou até hoje. Vão morrer.

Tudo agora acelerado com a chegada da Inteligência Artificial, mais especificamente da GenAI.

Esses avanços tecnológicos transformaram toda a infraestrutura dos meios de produção da informação e do conteúdo editorial; remodelaram as tradicionais formas e formatos de mídia; impuseram novos caminhos de distribuição; alteraram hábitos e canais nos quais a audiência passou a consumir conteúdo e informação; entronizou — para o bem e (muito) para o mal — as plataformas sociais.

A única saída para esse tûmulo certo é o Jornalismo 4.0.

Um livro

Estou lançando um livro chamado "Desafios e Soluções para o Jornalismo 4.0 - Do humano ao algoritmo, os novos paradigmas da mídia editorial", tema que nem de longe se pretende esgotar, nem ser qualquer espécie de guia definitivo do assunto. O livro pode ser baixado gratuitamente ou adquirido através de doações espontâneas, que serão integralmente revertidas ao Instituto Vladimir Herzog.

Link para acesso: <https://acelera.alright.com.br/pro->

[ducts/digital_downloads/desafios-saidas-para-o-jornalismo](#)

Resgato aqui, brevemente, alguns temas dos quais trato no livro.

Os novos fundamentos

Robótica, inteligência artificial, *machine learning*, *big data*, *blockchain*, realidade virtual e aumentada, dados e algoritmos dinâmicos estão transformando a mídia em todos os seus pilares e desencadeando a quarta revolução na indústria editorial e do jornalismo.

Essa transformação exigirá novas habilidades, novos produtos, novas linguagens e novos modelos de negócios.

As novas práticas

Algumas novas práticas inevitáveis para as empresas jornalísticas 4.0:

1. Automação de Conteúdo (Jornalismo Automatizado)

IA para redação automática: *Natural Language Generation* (NLG) para redação de artigos, relatórios e resumos de dados como esportes, previsões do tempo, finanças e análises de mercado, com base em entradas automatizadas.

2. Personalização de Conteúdo com IA

Algoritmos de recomendação: utilizam aprendizado de máquina para personalizar o *feed* de notícias com base nas preferências dos leitores, oferecendo conteúdo relevante para o usuário individual.

3. Análise de Dados e Big Data

Data-driven journalism (Jornalismo orientado por dados): utilização de grandes conjuntos de dados (*Big Data*) para identificar tendências, padrões e histórias relevantes.

4. Verificação de Fatos com IA

Fact-checking automatizado: algoritmos de IA que rastreiam a veracidade de informações e notícias em tempo real, ajudando a combater a desinformação e *fake news*.

5. Realidade Aumentada (AR) e Realidade Virtual (VR)

Conteúdo imersivo: o uso de AR e VR para criar narrativas imersivas que transportam os leitores para dentro da notícia como *tours* virtuais em cenários de eventos importantes ou simulações imersivas de dados.

6. Análise Semântica e Processamento de Linguagem Natural (NLP)

Análise de sentimentos: utilização de IA para captar e analisar os sentimentos das audiências em relação a notícias e tópicos através de comentários e menções em redes sociais.

7. Interatividade e Chatbots de IA

Assistentes virtuais e *chatbots*: utilizados para interagir com o público de maneira mais direta, oferecendo respostas rápidas a perguntas, além de sugerir artigos relacionados ou auxiliar na navegação pelo site.

8. Modelos de Monetização com IA

Publicidade programática: algoritmos de IA que otimizam os anúncios com base no perfil dos leitores, tornando as campanhas de publicidade mais eficazes e personalizadas.

- *Paywalls* dinâmicas: a IA ajusta a experiência do usuário e pode decidir quando e como exibir *paywalls* para maximizar assinaturas e engajamento.

Somos todos analfabetos em IA

Precisamos todos, empresários e jornalistas, assumir nosso analfabetismo em IA. Nosso analfabetismo 4.0. E ir em busca de novas e indispensáveis habilidades da nova era.

É um Everest diante de nós. Escalada difícil, mas inevitável para a sobrevivência da indústria jornalística. De resto, base de sobrevivência da Democracia. ■

QUE TAL VOLTAR PRA CASA?

Quem já fez parte da Associação Bahiana de Imprensa, e se afastou, tem boas razões para se recadastrar e voltar a fazer parte da mais tradicional e abrangente entidade da comunicação baiana:

01

Basta preencher o formulário de recadastramento. Isso pode ser feito numa visita à sede, ou através do nosso site.

02

Novo cadastro estruturado para garantir uma comunicação direta e eficiente com associados e associadas, que estarão sempre por dentro de tudo que estiver acontecendo na ABI.

03

Anistia parcial de débitos equivalentes ou superiores a 5 anos de contribuição mensal.

04

O processo de readmissão é rápido e resolvido diretamente pela Secretaria – para profissionais ativos e legalmente habilitados.

05

Dados cadastrais trabalhados dentro de uma política de privacidade claramente definida e rigorosamente dentro do que prescreve a LGPD.

06

Acesso prioritário para eventos culturais, técnico-profissionais e acadêmicos realizados pela ABI.

07

Em eventos realizados, co-realizados ou apoiados pela ABI, gratuidade ou condições especiais.

E o mais importante:

Quem é da ABI faz parte de uma entidade que guarda a memória da imprensa baiana e faz história há 92 anos, sempre na defesa da democracia e do livre exercício do jornalismo profissional.

Quer mais?

Associados e associadas efetivas recebem a versão impressa da revista MEMÓRIA DA IMPRENSA em casa e antes de todo mundo.



Associação
Bahiana de
Imprensa





Suzana Barbosa

Professora da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PósCom) da Facom/UFBA).

Inteligência Artificial e Jornalismo – Inovação e desafios em um contexto de plataformização

A Inteligência Artificial (IA) é a propulsora de um novo ciclo de inovação para o jornalismo. Como apontado por relatórios recentes como os do Reuters Institute for the Study of Journalism da Universidade de Oxford (Reino Unido), por especialistas e por pesquisas acadêmicas, a tendência é de crescimento exponencial e de consolidação do emprego de soluções baseadas, principalmente, na chamada Inteligência Artificial Generativa (IAG), que se diferencia da IA tradicional (que copia, imita ou reproduz algo que já foi feito) por ter a capacidade de gerar algo novo a partir do que aprendeu.

A base para esse aprendizado são os chamados grandes modelos de linguagem (LLMs) e o algoritmo é o núcleo, pois faz funcionar qualquer sistema de IA, ao passo que os dados são as peças-chave que se sobressaem no ecossistema do jornalismo de alta tecnologia, cujo arco se expande cada vez mais em razão dos recursos, dispositivos e tecnologias digitais inovadoras, abrangendo desde drones, vídeo em 360°, áudio imersivo (binaural), realidade virtual, realidade aumentada e estendida, *newsgames*, hologramas, impressoras 3D, uso de *machine learning* (aprendizado de máquina), Linguagem de Processamento Natural (NLP), entre outras, que ampliam a automatização para os processos de apuração, produção, edição, publicação, distribuição, circulação e consumo dos conteúdos jornalísticos.

Embora as iniciativas de experimentação com IA tenham ficado mais evidenciadas a partir de 2017, ao considerarmos o histórico de quase três décadas de desenvolvimento do jornalismo digital no Brasil (a serem completadas em 2025), verificamos a existência de conteúdos automatizados em sites do *mainstream* da mídia nacional desde a primeira metade dos anos 2000.

As seções com estatísticas dinâmicas para exibir os rankings de notícias “Mais lidas”, “Mais comentadas”, “Mais compartilhadas”, “Mais enviadas”, “Mais vistas” talvez sejam o formato que marcou o processo inicial de publicação de conteúdos automatizados em meios como a Folha Online (Folha de S. Paulo) por volta de 2006, um ano depois de o Google News ter sido lançado no país. Outras seções publicavam conteúdos gerados automaticamente a partir das informações contidas em bases de dados, como fizeram o portal Terra (terra.com.br) e o blog Deu no Jornal (já inativo) da ONG Transparência Brasil.

Os atuais exemplos nacionais do emprego de

Os atuais exemplos nacionais do emprego de IA são observados em iniciativas lideradas por marcas da mídia hegemônica e por nativos digitais de vários tipos, por projetos específicos de inteligência artificial, dentre outros mais pontuais desenvolvidos para grandes coberturas jornalísticas.

IA são observados em iniciativas lideradas por marcas da mídia hegemônica e por nativos digitais de vários tipos, por projetos específicos de inteligência artificial, dentre outros mais pontuais desenvolvidos para grandes coberturas jornalísticas como registrado nas eleições de 2018, 2020, 2022 e 2024 ou nas últimas Olimpíadas de Paris. Entre os tipos de inteligências artificiais encontrados, estão desde os mais simples como *bots* e *chatbots*, mas também os que empregam *machine learning* e *natural language generation*, visualização de dados, *dashboards*, criação de imagens, geração de textos, automação de pautas, algoritmos estatísticos, algoritmos de curadoria, visão computacional etc. Esses recursos são utilizados em um conjunto variado de meios, como o G1, O Globo e outros meios do Grupo

Globo, UOL, Folha de S. Paulo, Estadão, Núcleo Jornalismo, a agência de checagem Aos Fatos, Serenata de Amor, Jota e a nordestina Agência Tatu.

Os usos principais da IA nas rotinas jornalísticas incluem:

- . Coleta de informações: monitoramento de

fontes de dados continuamente, identificando tendências e fatos relevantes que demandam cobertura;

. Transcrição e tradução: usos de recursos de IA transformam entrevistas em áudio em texto de maneira quase imediata, assim como facilitam a tradução, economizando tempo;

. Edição e pós-produção: a IA pode editar imagens, vídeos e até realizar checagem de fatos em tempo real, facilitando o trabalho em redações e agilizando o tempo de publicação;

. Geração de conteúdo: no caso de notícias factuais ou baseadas em dados, a IA pode gerar textos básicos que jornalistas podem revisar e aprimorar.

O processo de adoção da Inteligência Artificial Generativa é desigual, e um dos motivos que dificultam o emprego dos recursos e sistemas a ela associados, de maneira mais ampla, está nas diferenças transnacionais de acesso à tecnologia que, por sua vez, se baseia, entre outras coisas, na distribuição de capital. E gera, por exemplo, a consequente dependência das grandes empresas de plataforma — *big techs* — especificamente para os meios do Sul Global. O uso da linguagem GPT (a mesma do Chat GPT) da *OpenAI*, ligada à Microsoft, é quase que padrão nas diferentes iniciativas, reforçando essa dependência.

A *OpenAI* se destaca entre as *big techs* em acordos bilaterais vultosos firmados com marcas referenciais do jornalismo mundial para treinar seus sistemas com os conteúdos qualificados que elas produzem. Associated Press, Grupo Prisa (proprietário do El País, dentre outros), Le Monde, Financial Times são algumas. Já a Google tem parceria com o The New York Times para treinar sua Gemini. O NYTimes, por outro lado, demandou a OpenAI na Justiça pelo uso indevido de seus conteúdos. A Meta tardou, mas anunciou, em outubro, seu primeiro acordo com uma empresa jornalística, a Reuters, para treinar a sua linguagem generativa Llama. No Brasil, até o momento, não houve nenhum acordo anunciado. Contudo, reportagem de Sérgio Spagnuolo, publicada em 29 de outubro pelo Núcleo Jornalismo, revelou que 99% dos sites jornalísticos brasileiros (dentre os cerca de quatro

mil mapeados pelo Atlas da Notícia) permitem o uso dos seus conteúdos para treinamento de IA, seja pela OpenAI, Google, Meta, Anthropic, seja pela Perplexity; 65% possuíam o arquivo *robots.txt* (que declara essas diretrizes) e somente 1,2% do

total apresentava regras de bloqueio. Dentre os sites, aparecem A Tarde Online, Bahia Notícias, Correio24Horas, Conquista Repórter e outros.

Especialmente para as marcas do jornalismo local, o descompasso na adoção e emprego de IA é ainda maior por serem organizações mais descapitalizadas para investir em soluções de maneira mais autônoma ou mesmo de serem consideradas pelas *big techs* para acordos. Como a reportagem acima referida evidenciou, podem usar seus conteúdos para treinamento sem pagar nada por isso, pois os respectivos sites deixam a porta aberta. Assim, elas ficam ainda mais vulnerabilizadas e, certamente, terão de depender dos chamados “ativos de fronteira” das *big techs* (dispositivos, aplicações, hardware, tecnologias, plugins etc.) para conseguirem incorporar a IA em algum nível em suas redações e em seus produtos.

Portanto, neste atual contexto do jornalismo pós-industrial e da vigência do paradigma da plataformização, cabe acompanhar o movimento dos meios nacionais e, principalmente, os locais, para saber como farão frente às limitações financeiras, de acesso à tecnologia e ao domínio das *big techs* para conseguirem inovar, assegurando operações sustentáveis e a entrega de produtos que motivem as suas audiências. As questões deontológicas, a ética e a credibilidade dos meios também são um desafio e estão no centro do debate, por conta de usos inapropriados que acenderam o sinal de alerta para as distorções no emprego de IA. Outro desafio urgente é a atualização e qualificação dos jornalistas para que possam atuar nesse ecossistema de alta tecnologia com o desenvolvimento das habilidades necessárias, que consistem, entre outras, em: obter conhecimento sobre IA, ter capacidade para distinguir onde o uso de IA pode ser útil e quando deve ser evitado, ajudar e ensinar outros a entender, desenvolver e implementar a IA. ■

O processo de adoção da Inteligência Artificial Generativa é desigual, e um dos motivos que dificultam o emprego dos recursos e sistemas a ela associados, de maneira mais ampla, está nas diferenças transnacionais de acesso à tecnologia que, por sua vez, se baseia, entre outras coisas, na distribuição de capital.

Teixeira: o rico legado de um jornalista genial

João Pedro Pitombo

Jornalista, correspondente na Bahia e editor do jornal Folha de São Paulo. Filho de Teixeirainha.

Minhas primeiras lembranças remetem ao apartamento em Jardim Armação, nos anos 1980, em uma Salvador que já não existe mais. Nas primeiras horas da manhã, a música invadia os cômodos da casa. Ele trocava discos, revirava encartes e cantarolava canções, dedicando seu tempo livre a uma de suas paixões: a música. As outras eram os livros, a política e o jornalismo, profissão que José Carlos Teixeira exerceu por 55 anos.

Mente inquieta, olhar aguçado, tinha a capacidade de mirar para onde ninguém enxergava. Obviedades não combinavam com Teixeirainha, profissional que fez das curvas aliadas para construir um caminho reto.

Não tinha medo de arriscar. Ainda secundarista, engajou-se nas lutas contra a ditadura militar. Em 1969, abraçou o jornalismo e fundou o jornal Feira Hoje, em Feira de Santana. Mudou-se para Salvador, estudou comunicação na UFBA e passou pelas redações da Tribuna da Bahia, O Estado de S. Paulo e O Globo.

Quando tinha 41 anos, minha irmã Joanna tinha 8, eu acabara de completar 3, deu uma guinada. Deixou a chefia da sucursal de O Globo na Bahia, em 1988, para trabalhar na Secretaria Estadual de Cultura. Anos depois, me explicaria o porquê da mudança: “Quería ver meus filhos crescerem”.

A rotina de repórter, de fato, não dava trégua. Frequentávamos sempre a mesma barraca de praia aos fins de semana – a única que tinha telefone. As notícias não tinham hora para acontecer.

Jornalismo, às vezes, é uma profissão ingrata, mas desconheço algo mais bonito do que seguir uma vo-

cação. Teixeira era um jornalista vocacionado e, mais que isso: praticava seu ofício com rigor técnico, se esmerava no estilo e fazia da ética uma prática cotidiana, sem ceder um milímetro. Sempre se considerou repórter, mesmo quando chefiou equipes ou atuou em assessorias.

Retornou às redações em 1998, na TVE. Trabalhou em uma Angola ainda em guerra, voltou para a Bahia como editor de A Tarde. Saiu do jornal em 2006, no mesmo mês em que eu lá entraria como estagiário.

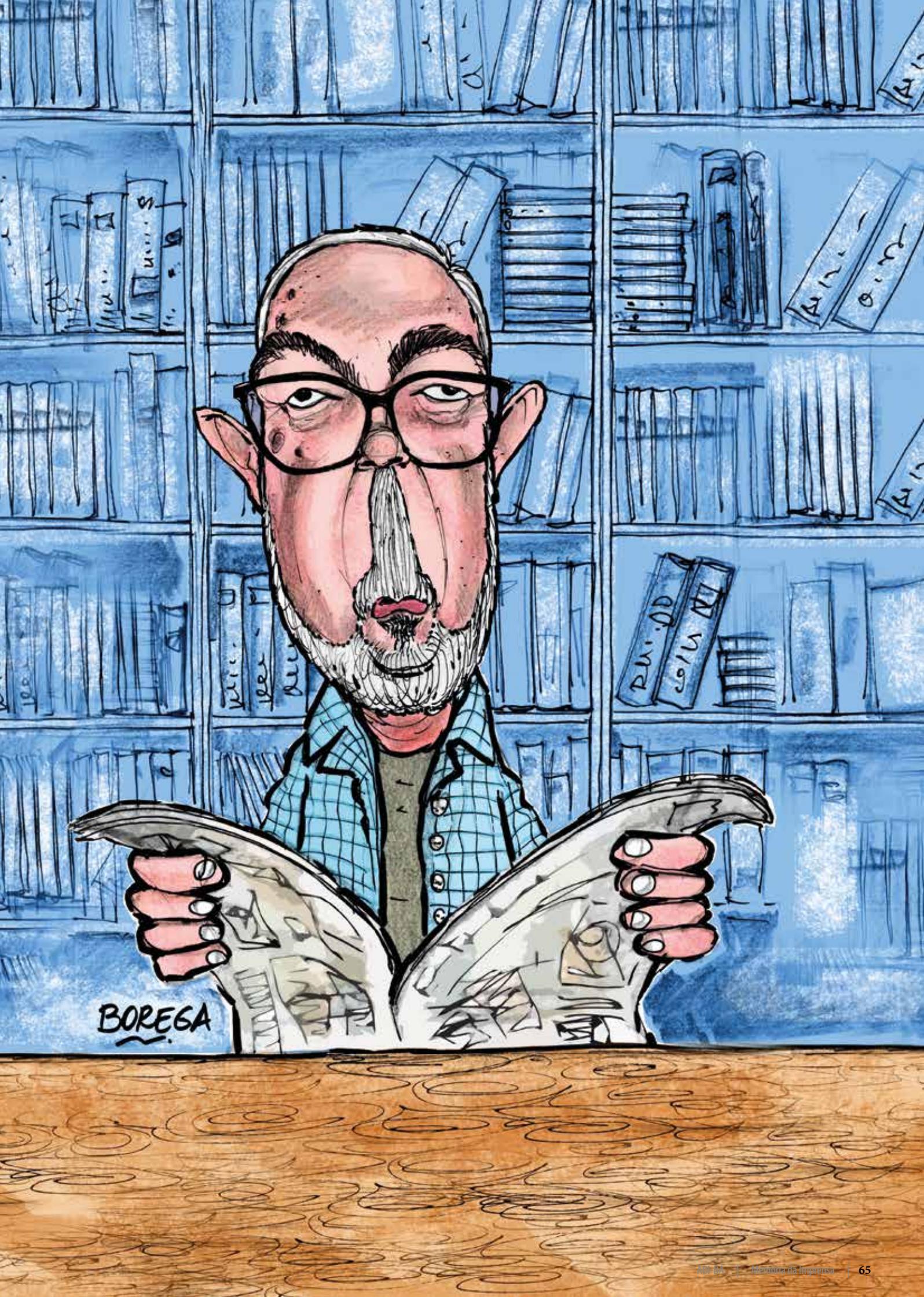
Lembro o dia que disse a ele que cursaria jornalismo: “O que eu sofri, você vai sofrer o dobro”, sentenciou, antevendo o cenário de crises na profissão. Semanas depois, me entregou uma pilha de livros.

Em 2010, fundou o site Bahia Toda Hora com sua companheira Lenilde Pacheco, onde passaram oito anos mantendo viva a chama do bom jornalismo. Voltou a trabalhar como articulista, vivia seu auge intelectual, escrevia cada vez melhor e não pensava em parar.

Sua morte prematura aos 76 anos, ocorrida dia 10 de outubro após um acidente, deixa uma lacuna gigantesca na imprensa baiana. Com ele, vai-se um tipo de jornalista exigente, afetuoso, ciente de sua missão. Um profissional que brigava pelo certo e defendia suas equipes na mesma medida em que as cobrava.

Há uns dias, remexendo pastas em seu apartamento, descobri um recorte de jornal com uma foto de uma coletiva de 2013, a primeira em que nos encontramos lado a lado, como colegas. Ato singelo de um pai afetuoso e parceiro. Retrato de quem foi Teixeirainha. Não existem muitos como ele por aí. ■





BOREGA

A falta que um amigo nos faz

*“Tudo é incerto
e derradeiro
Tudo é disperso,
nada é inteiro”*

Fernando Pessoa

Tínhamos marcado encontro, num amanhã qualquer, para falar da vida, do momento, músicas e de Pessoa, o poeta da alma humana. Porque as palavras escritas nos irmanavam. Desde os setentas e por diante, redações, pautas, reportagens, campanhas, trocas... Mas Teixeira não veio. Entalado, dolorido. Morri um pouco mais com sua partida. Prometera me contar sobre Cuba, os mojitos em Havana, a Santeria, o novo livro, olhares, caminhadas. Fica para sempre seu riso contido, o rigor profissional, a decência, a ternura com os amigos. Juro, não quero e não vou pensar em você com tristeza. Acomode-se no Orum e me aguarde, num novo amanhã nos veremos.

*Zé de Jesus Barreto,
jornalista e escrevinhador*

Adotei o chapéu

O que se faz quando se perde um grande amigo e te falta o chão onde pisar? Eu botei um chapéu na cabeça. Minha homenagem silenciosa ao amigo Teixeira.

Era sempre assim, com seu chapéu, que ele costumava nos encontrar para as conversas das terças-feiras, no Djalma's.

Não lembro se alguma vez cheguei a comentar isso com ele, mas sempre achei que aquele chapéu lhe dava um charme especial. Elegância e malandragem. Marcas registradas.

Adotado o chapéu, difícil, agora, me verem, especialmente em um bar, sem um chapéu, à la Teixeira. Mas, é claro, sem o seu charme, que era único. Comigo, além do chapéu, só mesmo a lembrança e a doída saudade de um amigo da vida toda.

Pedro Formigli

Meu amigo Teixeira:

Fleumático, irônico, elegantemente mordaz na escrita, polido, culto, arguto, pensador independente (refratário a dogmas ideológicos), afetuoso, decente, cultor de livros e de sua origem sertaneja, perseverante, sensível, coerente, reflexivo, sutil, criativo, perseverante, amável e intuitivamente sensato.

PS - Em menos de sete meses, morreram dois admiráveis amigos e colegas de jornalismo. Fazem-me falta, muita falta Jorginho e Teixeira...

Paolo Marconi

*O morto que não soube
que morreu*

Talvez pelo pedido de Ernesto Marques, noite passada sonhei com Teixeira. Não era na confraria, foi num espaço aberto em uma comemoração. Ele aparece bonachão e falador, o que não era muito do seu feitio. Parecia bem, depois de uns bons uísques juntou-se a nós uma amiga, mas sem rosto, lembro só do vestido amarelo. Em um momento de distração, segredei-lhe: “Ele não sabe que morreu e eu tenho que escrever sobre isso. Mas só vou contar na despedida, para não azedar o clima”.

E o papo rolou. Para me provocar, esculhambou o PT da Bahia, Lula, como sempre fazia também com Pedro Bó e Jorginho, na confraria. Só de sacanagem. Quando íamos saindo, contei e esperei um “Quem-lhe?” ou então “Que porra é essa? É falta de argumento?” Mas ele nem aí, não deu trela.

Carlos Navarro

Farra na eternidade

Cabelinho todo preto, quarenta anos mais jovem, Jorginho recebe com ar de sábio sem rissaca:

-Chegou Teixeira!

-Tava com saudade de você, baixinho - diz o recém-chegado.

-Lembro das bandas de lá, mas agora só ligo para o essencial.

Teixeirinha reage zombeteiro:

“Depois de me matarem várias vezes antes de o jogo da vida acabar, tomar uma, digo, beber, é essencial!”.

Jorginho sorri: “Eu sei onde tem o que você precisa”. E, braços dados, abrem um portão e entram felizes numa vereda sob a placa Eternidade.

Adilson Borges

Sobre José Carlos Teixeira

Grandes espetáculos musicais de João Donato, Rosa Passos, Chico Buarque, Mônica Salmaso, Nana Caymmi, Ithamar Koorax ou Paul McCartney foram alimento para a alma e a criatividade do jornalista José Carlos Teixeira, ávido pesquisador que nutriu a mais perfeita intimidade com a música popular brasileira, como demonstrado com a obra “Walmir Lima, um bamba da Bahia” (ALBA, 2022). Contudo, a felicidade em Teixeira não dependia somente do extraordinário. Era um estado de alma, uma questão de atmosfera interior. Em casa, o cultivo das orquídeas, as cores e aromas no café da manhã, os livros e o sol já compunham o mais iluminado ambiente para esse pensador, amoroso e apaixonado. Sobre a vida, dizia: “Deve fluir com alegria”, convicto de que não há bem maior que a simplicidade cotidiana cercada de valores como liberdade, justiça, ética e coragem.

*Lenilde Pacheco,
jornalista e viúva de Teixeira*

Nossa transparência vale **OURO**



A **Assembleia Legislativa da Bahia** alcançou o nível **OURO** no Programa Nacional de Transparência Pública. Um reconhecimento que reflete o compromisso diário de conectar os baianos às decisões e ações que transformam a **ALBA** na quarta Assembleia mais transparente do Brasil.

Com melhorias e atualizações no **Portal da Transparência da ALBA**, tornamos a informação acessível e fortalecemos a participação cidadã através do aplicativo oficial e da Carta de Serviços. A transparência, para nós, não é apenas um princípio: é o nosso maior patrimônio.

Descubra como transformamos a gestão do legislativo baiano em um verdadeiro tesouro de confiança.

Acesse www.al.ba.gov.br e saiba mais

MAIS ESTUDO



PARTIU ESTÁGIO



JUVEN- TUDES É GOVERNO PRESENTE

mo
vi
men
to **SOU JUVS**

Gerações, ritmos e trends mudam a todo momento. Mas o desejo das juventudes de fazer o presente e criar o futuro permanece. Por isso, o Governo do Estado chegou junto e lançou o Movimento Sou JuvS.

É hora de criar mais incentivos e dar mais oportunidades nos estudos, na vida profissional, na cultura, nos esportes e no empreendedorismo, contribuindo para um maior desenvolvimento das juventudes baianas. Vamos juntos nessa jornada de transformação e conquistas.



ba.gov.br/soujuvs



GOVERNO
PRESENTE
FUTURO
PRA GENTE